Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 934
Agosto 1982
Sábado

21 20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Entre lágrimas e flores

OLP já começou a sair de Beirute

•Legionários franceses ocuparam esta manhã posições na cidade semi destruída

Legionários franceses da força de interposição tiveram durante esta madrugada e manhã de discutir com os israelitas para tomarem posições no porto da cidade arrasada. Na foto: franceses avançam cautelosamente, pouco depois do seu desembarque em Beirute-Oeste. **Págs. 12, 13 e 14**

Moral pública e Imprensa privada

Subsídios no valor de mais de um milhão de contos foram ontem discretamente concedidos à Comunicação Social do Estado, através de despachos normativos publicados no «Diário da República». Uns sob a forma de dotação de capital, outros para saneamento financeiro ou para investimentos, e ainda a pro-

Continua na pág. 24

Volta

Ganha Marco Chagas

A prova em linha de 42 quilómetros, entre Póvoa de Varzim e Matosinhos, a começar às 17 horas, coroará hoje, salvo algum imprevisto, o vencedor incontestado da «Volta a Portugal-82», Marco Chagas. Na etapa desta manhã, ganha por Armindo Terebentino, da Vigaminho, com 2 horas, 39 m e 15 s (média de 38,430 km/h) seguido do pelotão com 10 segundos de atraso, comandado por Luís Teixeira e Alexandre Ruas, o camisola amarela foi vitoriado por milhares e milhares de adeptos nortenhos, entusiasmados pela corrida do ciclista do FC Porto. Na etapa da manhã, consagrou-se, por sua vez, como «Rei da Montanha», o António Fernandes, da Rodovil.

Págs. 17 e 18

COMEÇA HOJE O JOGO 3

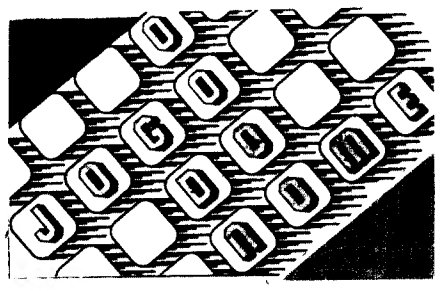
CINCO LETRAS NA PÁG. 13

De duas em duas semanas um novo Jogo do Nome para divertir os leitores do «Diário de Lisboa» e proporcionar-lhes magníficos prémios! Hoje começa o 3.º Jogo e na 5.ª-feira próxima vai já realizar-se o sorteio do segundo Jogo. Jogue connosco, leia bem as indicações (Regulamento, cupão, lista de prémios e informações nas páginas 13 e 14) e GANHE PRÉMIOS!

PRIMEIRO PRÉMIO DO JOGO 3:

UM COMBINADO FAGOR

(Congelador vertical de gavetas de 102 litros combinado com refrigerador de 186 litros).



ENVIE JÁ OS CUPÕES DO JOGO 2

Leia as indicações nas págs. 13 e 14.

GANHE
fabulosos prémios
Marcas que valem ouro!
GRUNDIG FAGOR
PROGRESS *Candy*
NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
Representante Oficial

Concurso «DL»/82

Terça-feira, 24 de Agosto

Último dia do prazo de envio das colecções!

Pág. 2

SO «DL»/82

Entre as colecções 24 de Agosto

Com a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim [illegible], o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções [illegible] a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor **deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O **BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

— • —

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA

Rua Francisco de Andrade, 22 2800 Almada

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 22 de Agosto será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho do Seixal — Pinhal dos Frades, das 08h30m às 11h.

Almada, 17 de Agosto de 1982

Electricidade de Portugal

EDP/Empresa Pública

Direcção de Distribuição Sul-ALMCM

José P.R. Nascimento

As férias dos japoneses

R.-P. Paringaux

A economia japonesa não corre o risco, como, por exemplo, a da França de ficar paralisada em Agosto. Aquilo que os seus parceiros ocidentais «perdem» em férias, ganha-o o Japão em trabalho. Na época em que o operário francês se prepara para ter, e com todo o direito, cinco semanas de descanso, os trabalhadores japoneses podem esperar obter, na maioria dos casos... de zero a três dias, de cinco a dez, e, nos casos excepcionais, doze dias. Trabalha-se aqui anualmente mais umas duzentas horas do que nos outros países da OCDE, e o período de duração do trabalho tende a aumentar nestes tempos difíceis.

A expressão «férias grandes» ainda não entrou na linguagem da segunda potência económica capitalista: não entrou também nos costumes patronais e muito pouco nas reivindicações sindicais. Como o trabalho intenso, faz, evidentemente, a saúde do Japão, as férias ainda surgem perante muita gente como uma doença social, um pouco vergonhosa, uma etapa para a decadência. O seu aumento no Ocidente, e apesar da crise, deixa os japoneses perplexos e decididos a evitar o contágio.

O título de um artigo recentemente publicado: «As empresas começam a dar férias de Verão decentes», sugere que esse estado de coisas, até agora «indecente» vá melhorar progressivamente. Segundo um inquérito do Ministério do Trabalho, 10% das grandes sociedades «prevêem» dar dez dias de férias de Verão. Mas como as grandes firmas empregam 25% da totalidade da mão-de-obra, só serão eventualmente beneficiados dez por cento de um quarto dos trabalhadores. A maioria continuará a ter férias de um a seis dias. No sector das PME, que representa mais de 70% do trabalho, a média cai em quatro dias com um quarto das empresas dando um a três dias e 10% uma dezena.

Meteorologia e clima económico

Estas sondagens são consideradas optimistas, na medida em que registam intuitos patronais. Segundo o sindicato Sohyo, só 38% dos trabalhadores têm anualmente um mínimo de férias legais, isto é, dezasseis dias. Efectivamente a média das férias concedidas é mais ou menos de uma semana. Na mesma ordem de ideias metade das empresas subscrevem teoricamente o princípio da semana de cinco dias, mas só menos de 10% o aplicam rigorosamente. Na maioria dos casos as férias não são marcadas com antecedência. É pois necessário pedi-las ao patrão, o que é bastante mal visto: **O quê? Férias outra vez?** Muitas vezes é-se obrigado a tê-las no quadro de uma viagem colectiva do pessoal da empresa.

Finalmente há no Japão uma particularidade que ainda as limita mais e que falseia as estatíticas: é uma regra no país que uma parte das férias seja tirada das baixas por doença. Em média o que resta? Não é fácil de determinar, mas não é, sem dúvida, muito substancial.

Criticados pelos seus parceiros ocidentais, os japoneses explicam que essa situação que segundo o seu ponto de vista não é uma exploração desavergonhada, recorrendo a argumentos não económicos, históricos e socioculturais. Numa palavra à originalidade japonesa.

Um dirigente do Ministério do Trabalho, Yoshimoto, escrevia: **Os ocidentais têm no Verão de quatro a seis semanas de férias. Isto pode ser atribuído ao clima e à necessidade de fortalecer os corpos ao sol do Verão para que eles estejam mais fortes no Inverno. Os japoneses, pelo contrário, podem gozar das mudanças de clima sem ter que sair de casa. Preferem, portanto, as férias curtas às viagens longas.** Esta explicação típica que dá pouca atenção ao bem-estar social, vale aquilo que vale. E não muda nada ao facto de o Japão, com as suas quatro estações, ter um clima muito semelhante ao da Europa Ocidental.

Também era possível defender o facto de o extremo rigor das condições de vida japonesas – trabalho, alojamentos, transportes, concentrações urbanas, falta de espaços verdes – justificar que os japoneses, menos favorecidos do que os seus parceiros ocidentais, tivessem férias mais longas do que estes. Mas como o clima económico mundial se combina com a meteorologia japonesa, isto não parece estar próximo. O sol do Japão não é, evidentemente, o símbolo das férias grandes.

A Crónica agrícola

Sociedade, Economia, Espaço, Agricultura

Alexandre Ramos

A paisagem agrícola com que o viajante depara quando percorre o país no todo, ou em parte, é **uma certa paisagem agrícola** que é a estampagem, a impressão no espaço geográfico da vida, em cada época do processo histórico.

A paisagem agrícola muda, depois de tempos, depois de períodos, mais ou menos longos, de estabilidade aparente.

A paisagem agrícola no seu sentido mais lato – englobamos o agrícola, o pecuário e o florestal – deve corresponder em cada época, à economia e tecnologia dessa época, reflectindo, ao mesmo tempo, as relações de produção, e, de certo modo as necessidades sociais das populações ocupantes.

Uma certa paisagem agrícola, tem, portanto, o seu início, a sua expansão, a sua estabilidade, a sua retrogradação, a sua morte.

Uma certa paisagem agrícola pode ser abruptamente quebrada por acções e acontecimentos extra-humanos. Todavia, se isso acontece, e se a paisagem agrícola está em fase de expansão ou mesmo de estabilidade, a paisagem renova-se, repõe-se, ainda, sob as antigas formas.

A paisagem agrícola do Douro era, sensivelmente, o que é hoje, antes dos terríveis ataques da filoxera. A partir de 1870, quando se deu a invasão filoxérica, a paisagem agrícola foi destruída.

Os vinhedos, em socalcos, morreram. Os espaços / vinhas transformaram-se em espaços / cemitérios – mortórios lhes chamaram.

Combatida a filoxera a vinha **renovou-se.** A paisagem reconstituiu-se . Isso significa que a economia da vinha originava uma certa paisagem agrícola que continuava a ser actual, a ser válida.

Quem, há dez ou quinze anos, teve a oportunidade de ir a França por estrada, poderia verificar, passada a fronteira de Irum, ao longo da estrada principal que conduz a Bordeus, na zona das «Landes», que, aí, havia um império absoluto da floresta do pinheiro marítimo. Praticamente nenhuma outra cultura se via.

Mas, hoje, enormes ilhas de milho, regadas por gigantescos sistemas de aspersão nasceram no meio da paisagem florestal e se desenvolvem e expandem.

A construção do espaço agrícola a partir do espaço natural geográfico, a pintura paisagística desse espaço, com as suas plantas, os seus muros, os seus animais, é provavelmente a maior das grandes aventuras humanas.

E compreende-se que assim seja, já que sem a produção de alimentos não é possível viver. E a vida humana é a maior das aventuras. Daqui, que, em cada época histórica, em cada espaço maior ou menor existe um desafio permanente, uma aposta entre a vida e a sua manutenção, entre o viver e o morrer, entre a fartura, suficiência ou a fome.

Agricultura, produção de bens alimentares é, por ora, a única resposta a esse desafio básico e vital.

O aumento constante da população do Globo corresponde ao somatório dos aumentos das populações em espaços menores, de países, de regiões, o que implica a necessidade constante de aumentar a produção agrícola global para satisfação das necessidades crescentes.

Mas dentro do espaço global há espaço menores satisfeitos e outros insatisfeitos.

Há países cujas produções agrícolas satisfazem no fundamental as necessidades básicas, outras cujas produções por insuficientes não satisfazem.

O nosso caso, tristemente conhecido e sentido, é de insuficiência agrícola, de carência de produção. Já se tem dito e repetido que é caso único no contexto agrícola europeu pela estagnação do produto interno agrícola, ou mesmo de diminuição para alguns dos seus componentes.

Isto significa que o tratamento dado à agricultura não tem sido correcto, não tem sido adequado. Isto significa que a actual paisagem agrícola tal como se apresenta pode não corresponder já ao que se pretende, ao que é necessário.

Então todos compreendem que esta situação não pode continuar. Todos compreendem o imperativo de sair desta situação que compromete aterradoramente a nossa qualidade de vida, que a degrada e a corrompe.

Todos facilmente compreendem que é necessário **mudar.** Que urge operar a **mudança,** isto é, inverter o sentido estagnado em marcha certamente.

Nos nossos dias a **mudança** não se faz ao acaso. Faz-se necessariamente programando, planificando. Pela definição dos objectivos se desencadeiam as acções necessárias à conquista desses objectivos.

Mas isto só se pode fazer desde que se compreenda a paisagem agrícola, desde que se compreenda o processo histórico, com tudo o que de complexo existe subjacente em tão simples enunciados.

O Plano de Mudança da Agricultura do Senhor Basílio Horta

O ministro Basílio Horta, na Feira de Santarém, anunciou para breve a saída de um «Plano de Mudança» para a Agricultura Portuguesa.

Não conhecemos todos os calhamaços concernentes ao Plano.

Temos em mão um anteprojecto que, ao fim e ao cabo, poderá considerar-se uma síntese do Plano.

Peguemos nessa síntese e debrucemo-nos um pouco sobre o primeiro capítulo o que concerne aos cereais.

São seis páginas, mais ou menos 160 linhas, em que **«As acções dirigidas ao aumento da produção e de produtividade»** e em que a Programação das acções-Produção se cifram em apenas 32 linhas, enquanto aquilo que diz respeito a mercados e preços se expande por perto de 70, na direcção da CEE e na liquidação da EPAC. Mas mais. Aí se diz, textualmente, o seguinte: **No que se refere às acções com incidência no aumento de produção e de produtividade a sua programação não é fácil na medida em que a maioria delas estão já dentro dos objectivos correntes do funcionamento dos Serviços do MACP e a complexidade de que se revestem não são compatíveis com a calendarização eventualmente pretendida**

Mencionamos apenas que, quanto à extensão rural, no domínio da formação profissional estão em curso uma multiplicidade de programas que já saturam a maioria dos meios disponíveis.

Quanto à melhoria **das condições limitadas das culturas há um programa de calagem e a investigação e selecção de variedades continua.**

Aí está. Isto quer dizer que quanto à produção não há nada a fazer em tempo de calendário que minimize os danos na entrada na CEE, mas quanto aos problemas relativos ao mercado, há tempo, e, até mais, já nos antecipámos.

Nessas esclarecedoras seis folhinhas ainda se pode ler: **aumento do nível de produção global em ordem a substituir importações cujo valor unitário tenderá a aumentar consideravelmente com a adesão à CEE e aumento dos níveis de produtividade em ordem a conferir maior solidez ao sector no contexto de um futuro mercado alargado.**

Como é sabido o MAP, os vários MAP's não têm conseguido aumentar nada a produção apesar de terem tudo mobilizado em acções nesse sentido. Produzir é

Continua na pág. 7

Balsemão-ANOP: a rara hipocrisia

Eugénio Alves

Há quatro anos, mais exactamente em Abril de 1978, no tempo do curto casamento PS-CDS, Francisco Pinto Balsemão, então membro da comissão política do PPD, presidente da respectiva comissão de Relações Internacionais e membro do gabinete-sombra de Sá Carneiro, com o pelouro dos Negócios Estrangeiros, publicou na revista «Nação e Defesa», do Instituto de Defesa Nacional, um artigo intitulado «Algumas modalidades de intervenção do Poder nos meios de Comunicação Social nas sociedades democráticas». *Tratava-se de um excerto da comunicação feita na altura pelo ex-redactor do «Diário Popular» e director de «O Expresso», a uma assembleia de militares, no IAEM. E dizemos «excerto» porque – segundo fonte que assistiu à conferência – a intervenção de Pinto Balsemão foi ainda mais refinada e definidora do profundo maquiavelismo ou rara hipocrisia, do que foi, entre 1961 e 1965, chefe de redacção da revista «Mais Alto», da Força Aérea.*

Na conferência de Imprensa de quinta-feira, convocada pelo Sindicato dos Jornalistas, com a presença de Gérard Gatinot (OIJ) e Theo Bogaerts (FIJ), foi distribuída a todos os jornalistas presentes uma fotocópia do citado artigo. Mais atentos naturalmente às declarações dos representantes da OIJ e da FIJ, e, certamente, ainda sem oportunidade para a ler, analisar e divulgar aos seus leitores, a generalidade dos jornais ainda nada disse desta exemplar «cartilha» do actual Primeiro-Ministro.

Uma «cartilha» dirigida então (1978), ao governo de Mário Soares, alvo preferencial das teses do agora primeiro-ministro.

«Não à extinção da ANOP» – lê-se junto à entrada da delegação da agência no Porto

Palavras de ontem, gestos de hoje...

Actualidade

É grande a actualidade deste artigo. O que acontece na RTP de Proença de Carvalho, o que se pretende com a extinção da ANOP, e o que se desenha em relação à Rádio Comercial, ao «Diário Popular» e a outros órgãos da Imprensa estatizada, assume uma expressão mais clara com a leitura deste pequeno manual (inspirado no falcão Zbigniew Brezezinsky, especialista que Balsemão já citava em 1968) de controlo e manipulação da Informação(1).

Diz Balsemão em 1978 aos militares (1.º parágrafo do artigo), que «controlar, manipular, dominar ou, simplesmente, influenciar os meios de comunicação social, continua a ser um dos objectivos primaciais de qualquer grupo que pretende exercer o poder ou uma parcela dele».

E depois de considerar que este princípio «é evidente nos regimes totalitários», confessa que nas «sociedades democráticas de tipo ocidental a questão também surge e revela-se com crescente acuidade» pois que «a tendência é para concentrar o poder de informar nas mãos de uns poucos, servindo, aparentemente, os gostos dos destinatários, mas visando, através desse serviço, tanto a recompensa dos altos investimentos realizados, como o condicionamento de comportamentos que permite o domínio da continuidade onde progressivamente exercem a sua acção».

«Infiltrações»

Mais adiante, o homem que colaborou na elaboração da Lei de Imprensa (1975) admite não bastar que as Constituições e as leis de Imprensa, Rádio ou da Televisão, prevejam o direito de resposta e o direito de antena e não ser suficiente que «criem nos meios de comunicação social estatizados, órgãos de fiscalização, integrados por representantes de várias forças políticas, com a função de garantir o pluralismo ideológico» ou que se assegure «por via legal a intervenção dos jornalistas, através dos conselhos de redacção ou de sociedade de redactores».

Isto porque, confessa abertamente o dr. Pinto Balsemão, «por mais condicionado que esteja pelo Parlamento, pelo Chefe de Estado, pelos tribunais, pelas forças sociais (desde os sindicatos às Forças Armadas) o Governo tem normalmente uma intervenção sobre o aparelho de Estado que lhe permite, sob o pretexto de ser simultaneamente o executor esforçado e o intérprete privilegiado da vontade desse Estado, actuar à partida e à chegada com vantagem sobre as forças que a ele se opõem...»

Num segundo capítulo, intitulado «métodos directos, infiltrações, contra-informação, legalismo», fala Balsemão com notável facilidade, e claro conhecimento de causa, dos métodos usados pelo Poder, «em posição de superioridade para convites vários aos jornalistas, desde os almoços em bons restaurantes, até às viagens de «enviados especiais», que saem de graça à empresa jornalística...», o conhecimento «antecipado dos dossiers», as «cachas», etc.

E (pasme-se) «ensina» Balsemão que «compete aos jornalistas saberem defender-se, distinguindo, dentro das regras deontológicas, as notícias mais «encomendadas» das notícias com real interesse, os convites «envenenados», dos convites aceitáveis, as falsas lealdades das lealdades verdadeiras».

«Trata-se afinal – acrescenta – de um acto de coragem, que tanto é preciso para dizer não a determinados aliciamentos, como para prosseguir um caminho considerado justo, mesmo quando surgem as ameaças»...

E dá adiante exemplos das pressões ministeriais, das infiltrações (prémios, empregos, dinheiro, etc.) frisando que «também o poder económico joga a sua cartada nas infiltrações; a sua influência, exactamente porque tem elevada capacidade financeira não deve ser ignorada».

Ainda no âmbito das infiltrações, prega o dr. Balsemão que quem detém o poder político «conserva sempre a «possibilidade de fazer admitir pessoas da sua confiança nos jornais nacionalizados, nas empresas públicas de Rádio e Televisão, nas agências noticiosas que dependem do financiamento do Estado ou da Banca que este controla...»

ANOP

Vem logo a seguir, a tirada de espantosa actualidade, bem aplicável ao caso ANOP.

«Muitas vezes – adverte Balsemão – esta faculdade arbitrária não é utilizada apenas para tomar conta de certas posições, mas também para destruir órgãos de informação cuja independência ou posição perturbem o Governo: nada mais fácil, por exemplo, do que, através da remodelação da agência oficiosa de notícias...»

E o homem que foi jornalista e agora é Primeiro-Ministro fala, na sua pormenorizada exposição, entre outras coisas, do modo como o Estado pode, «refinando os seus processos de intervenção», influenciar ou pressionar a Imprensa não directamente dependente através dos subsídios de papel, reduções de impostos ou taxas, que ora se concedem para se retirarem conforme as conveniências.

Num terceiro capítulo, onde tira conclusões, Pinto Balsemão diz que a comunicação social, mercê da contratação de empresas, evolução económica, etc., «torna-se um privilégio dos poderosos» podendo, dada a sua importância social e política, ser «um dos factores de suicídio da democracia» e sublinha que «para preservar a democracia é indispensável garantir a liberdade de expressão do pensamento dos que informam», que é «nas sociedades democráticas que a defesa de liberdade de informação deve principiar (...) porque é nelas que o desenvolvimento da **tecnetrónica** (expressão de Brezezinsky) permite os maiores abusos...».

Depois o agora nosso Primeiro-Ministro diz que, a não ser feita uma tal defesa, «persistirá a tendência para que os que têm acesso ao domínio dos «mass media» o exercerem cada vez mais. **Então adeus democracia, adeus liberdade!...»**

As últimas palavras do artigo propõem a **luta intransigente pela liberdade de Informação** dos que «acreditam que sem liberdade não há igualdade, isto é, que a democracia só existe quando não é apenas política, mas também económica e social».

No tempo de Marcelo Caetano, o então jovem jornalista, deputado e administrador do «Diário Popular» era considerado homem honesto, íntegro, isento defensor intransigente da liberdade de informação, dos direitos dos jornalistas, etc., etc. De tal modo que há ainda hoje quem diga que o problema está nas más-companhias de Freitas do Amaral, do Marcelo Júnior ou do executivo Alfaia.

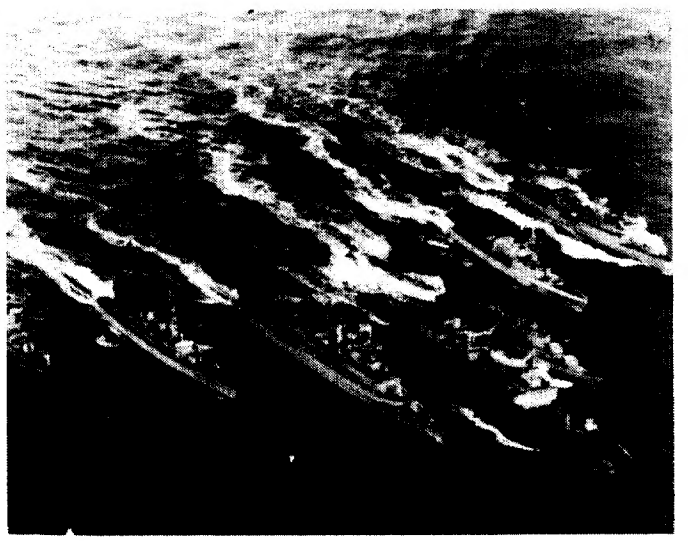
Quem acredita nisso agora?.

(1) Numa palesta proferida em 1968, num Curso de Jornalismo, o conselheiro Brezezinsky já é citado por Pinto Balsemão.

ponto a ponto

● **Ramalho Eanes** deve deslocar-se a Bissau no fim do ano, disse o ministro guineense da Economia e das Finanças, Vítor Freire Monteiro, ao regressar ontem ao seu país, depois de ter passado oito dias em Lisboa. Freire Monteiro, que se avistou com o ministro das Finanças, o secretário de Estado da Cooperação e outros membros do Governo português, negociou em Portugal a concessão de uma linha de crédito ao seu país.

Quanto à visita de Eanes a Bissau, Vítor Freire Monteiro considerou-a como «mais um passo para o reforço de relações económicas, culturais e políticas entre os nossos países».



● **Forças navais** de dez países da NATO, entre os quais Portugal, vão participar em exercícios militares de 6 a 17 de Setembro, entre o Mar Báltico e o Oceano Atlântico – anunciou o quartel-general daquela organização.

As manobras, denominadas «Northern Wedding 82», contarão com a presença de 160 navios, 250 aviões e 25 mil homens e comportam toda a espécie de operações navais, desde exercícios com porta-aviões, até operações para reforçar escoltas no Mar Báltico, passando por uma grande operação marítima, aérea e submarina de apoio a um desembarque de tropas anfíbias na RFA.

● **Dirigentes do PPM** afirmaram ontem no Porto que aquela formação partidária concorrerá às próximas eleições autárquicas do distrito «seja no âmbito da AD ou de qualquer outra coligação partidária ou isoladamente».

«O PPM tudo fará para que a AD se concretize, mas se devido a factores insuperáveis tal não acontecer, optaremos por uma coligação com outros partidos democráticos ou concorremos isoladamente» – acrescentaram.

Reis Torgal, presidente da Comissão Regional do Porto, o deputado António Moniz e os dirigentes Jorge Carreira e Correia de Sá, que falaram durante uma conferência de Imprensa, afirmaram ainda que «a má gestão da Câmara do Porto foi uma constante, debilitando a autarquia».

● **Pinto Balsemão** desloca-se à República da Irlanda em 15 de Setembro numa visita de trabalho.

O Primeiro-Ministro português terá, nessa ocasião, conversações com o seu homólogo irlandês, Charles Haughey. Da agenda constam as negociações para adesão de Portugal à CEE.

● **O II Congresso** Regional da Juventude Social-Democrata dos Açores, realiza-se de 10 a 12 de Setembro na Madalena, ilha do Pico. Entre os temas a analisar contam-se a estratégia para os próximos dois anos, a revisão dos estatutos e a organização de um plano com vista às eleições autárquicas.

● **A Embaixada** da República Socialista da Roménia em Lisboa comemorou ontem o Dia Nacional do seu país. Foi a 23 de Agosto de 1944 que a Roménia rompeu a sua aliança com o Eixo e entrou ao lado dos Aliados na guerra contra a Alemanha nazi. Numa mensagem, a embaixadora de Bucareste em Lisboa, Marisa Munteanu, realçou os laços económicos e culturais que têm ligado o seu país a Portugal.

Expressamente confidencial

- **Segundo** *informações recentes, e de boa fonte, ainda não terá sido tomada uma decisão quanto às novas fotografias que serão introduzidas no volume: «BALSEMÃO – O RETRATO». Estariam em apreciação fotografias do Primeiro-Ministro à saída das cordiais reuniões de trabalho com o Presidente da República. Também é considerada indispensável, para a actualização gráfica da obra, uma fotografia de Francisco Balsemão com a sua «cara amiga» Margarida Marante durante a ardorosa entrevista transmitida, em directo, pela RTP.*

- **Não se confirma** *que o Dr. Marcelo Rebelo de Sousa tenha recomendado aos seus próximos colaboradores que não utilizem o cadeirão forrado de veludo verde que mandou retirar do gabinete que ocupa em São Bento. Mas a ser verdadeira, a recomendação deverá ser considerada um caso de superstição.*

- **O general** *Soares Carneiro não consultou um famoso jurisconsulto para se informar da possibilidade legal de organizar um segundo partido presidencial. Mas – dizem-nos – que não confia na campanha que AD decidira realizar com o lema: «A cada partido, o seu Presidente».*

- **Do Ministério** *dos Negócios Estrangeiros não confirmam que o Doutor André Gonçalves Pereira, sensível às necessidades e apertos orçamentais do Palácio das Necessidades, tenha enviado uma caixa de charutos ao seu sucessor Dr. Vasco Futscher Pereira.*

- **O Dr. Carlos Macedo** *não dará continuidade à série de «cenários» que publicou num jornal lisboeta da tarde.*

- **Para dar** *um exemplo extimulante aos emigrantes portugueses o Dr. José Vitorino, secretário de Estado da Emigração e das Comunidades, inscreveu-se num curso de Língua Portuguesa para portugueses residentes no estrangeiro. O Professor José Augusto Seabra e outros mestres da Universidade do Porto, que o ouviram falar em público, reconheceram que tem feito progressos.*

- **Aproveitando** *as férias parlamentares o deputado do CDS, dr. João Morgado, vai dirigir, no seu distrito, um curso de planeamento familiar.*

- **Ainda não** *está marcada a data definitiva do jantar íntimo que o Eng. José Rabaça vai oferecer ao Dr. Mário Soares, mas sabe-se que falarão do futuro partido.*

comunicação social

Muitas vozes contra extinção da Agência

Uma imagem zangada ficou ontem na atenção dos telespectadores quando do noticiário emitido pela RTP-1: Freitas do Amaral, após reunião com o Presidente da República em Belém, substituindo Pinto Balsemão em férias no Algarve, passou pelos jornalistas sem uma palavra. Afastou-se rapidamente, desabrido, deixando os representantes dos órgãos de informação isentos de qualquer notícia. Em princípio, tal atitude ficou a dever-se, pelo menos, ao facto de Ramalho Eanes ter entendido que não deveria discutir com o dirigente centrista o caso ANOP, uma vez que já o ventilara com o Primeiro-Ministro. A recusa em discutir com Fretias do Amaral a problemática da Agência Noticiosa Portuguesa foi sublinhada à ANOP por um porta-voz da Presidência da República.

Entretanto, os Sindicatos representativos da ANOP (Sindicato dos Jornalistas, SITESE, Gráficos e Trabalhadores na Imprensa, com excepção do das Telecomunicações) reuniram-se ontem na empresa com representantes das estruturas da agência.

No decurso da reunião, procedeu-se à análise da situação na sequência da decisão do Conselho de Ministros na quinta-feira de aprovar a proposta de decreto-lei de extinção da ANOP.

As diferentes estruturas (Comissão de Trabalhadores, delegados sindicais e Conselho de Redacção) esclareceram os dirigentes sindicais sobre os seus objectivos de luta e salientaram ser incorrecta a afirmação do secretário de Estado da Comunicação Social de que existia um consenso na empresa quanto à aceitação prévia da extinção para posteriormente se estudarem as formas de a viabilizar.

Os trabalhadores da ANOP apenas fizeram uma proposta de abertura de negociações com o Governo para a transformação da empresa pública em cooperativa, a qual ainda não obteve qualquer resposta concreta – pormenorizaram os órgãos representativos dos trabalhadores da agência.

Plenário apela ao PR

Em plenário, os trabalhadors da ANOP tomariam, por sua vez, outras posições. Assim, numa moção aprovada, repudia-se o projecto do decreto-lei «em que o Governo insiste na intenção de extinguir a ANOP-EP», apelando-se ao Presidente da República para que não promulgue aquele diploma.

Reafirma-se nesa moção a disposição dos trabalhadors da agência em estudar todas as hipóteses de reestruturação da empresa desde que garantidos os postos de trabalho e a isenção, objectividade e pluralismo do serviço noticioso.

Pedem também os mesmos trabalhadors ao Governo um esclarecimento público sobre as negociações mantidas com a PORPRESS/ANP. Efectivamente, numa outra moção (aprovada por unanimidade) os trabalhadores da ANOP entendem ser também imprescindível um esclarecimento sobre a quanto ascendem os encargos económicos já assumidos ou a assumir pelo Governo com aquela projectada agência noticiosa.

O documento refere a preocupação dos trabalhadores da ANOP pelo facto de o Governo ter recusado conceder à agência um subsídio de 250 mil contos para o ano de 1982, verba que, segundo o semanário «Tempo», será a atribuída à PORPRESS/ANP.

Os trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa aprovaram também uma moção de repúdio pela omissão, no Telejornal de quinta-feira passada, das declarações dos representantes da FIJ e da OIJ que vieram a Portugal estudar o caso ANOP, tendo condenado, como já foi noticiado, a extinção da agência. Nessa moção, é exigida a transmissão das declarações censuradas.

Outras moções aprovadas no plenário referem-se a uma proposta de despedimento de jornalistas do «Correio da Manhã» por terem adeiro à greve de apoio à não extinção da ANOP – e elogiam o «Diário de Lisboa» por ter saído do projecto PORPRESS.

Dirigente do PPM não entende extinção

Reis Torgal, dirigente do PPM e membro do Conselho de Informação para a ANOP, afirmaria entretanto no Porto não ter reconhecido ainda «razão às razões apontadas pelo Governo para extinção da Agência Noticiosa Portuguesa».

«O Governo cometeu um erro relativamente à decisão tomada quanto à ANOP» – acentuou.

O dirigente do PPM falava durante uma conferência de Imprensa destinada a fazer o balanço da actividade daquele Partido na gestão autárquica do distrito do Porto.

Sublinhando que falava enquanto democrata e pessoa inteligente e livre, o que não obstava a que, como dirigente de um partido da maioria, «acatasse a decisão governamental». Reis Torgal realçou «a isenção, o pluralismo e a objectividade» do trabalho desenvolvido pela ANOP.

Ao longo de dezoito meses de permanência no Conselho de Informação para a ANOP, todos os inquéritos e grupos de trabalho sobre a actuação da Agência reconheceram unanimemente a sua isenção, pluralismo e objectividade».

Reis Torgal considerou todavia que a ANOP «necessita de uma profunda remodelação» e acrescentou que essa remodelação «poderia e deveria ser feita a partir da própria agência».

O dirigente monárquico sublinhou também que o problema tem sido aproveitado por determinadas pessoas e forças partidárias para atacarem o Governo. «Discordo – disse – tanto da decisão governamental, que todavia acato como dirigente de um partido da maioria, como do seu aproveitamento. A finalizar, o dirigente do PPM considerou que os trabalhadores da Agência se encontram «na incómoda situação do mexilhão preso à rocha».

Repúdio da UGT

Refira-se, por último, que também o Secretariado Nacional da UGT deliberou «solicitar imediatamente» ao PR «a não promulgação do gravoso diploma» de extinção da ANOP.

Num comunicado em que assume esta posição a UGT manifesta «o mais veemente repúdio» pela decisão do Conselho de Ministros de extinguir a Agência, o que atiraria «inexoravelmente para o desemprego muitos trabalhadores», além de privar o País de um órgão «ao qual todos os quadrantes políticos (inclusivamente os da área do Governo) reconhecem exemplar imparcialidade substituindo-o por uma agência de informações ao serviço de interesses duvidosos».

COMPRA-SE

Empilhador eléctrico em 2.ª mão
Capacidade 1200 kg
Preferência com pinça para manusear papel

Resposta a este jornal, ao n.º 28 705

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

EMPRESA ESTRANGEIRA DO RAMO DE REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS

NECESSITA

Engenheiros Mecânicos
Operadores de Refinação
Mecânicos para compressores, bombas e outros equipamentos
Chefe de Armazém
Oficiais Bate-Chapas

Os interessados deverão enviar as suas candidaturas, «curriculum» de actividade profissional e outras informações consideradas úteis para avaliação profissional ao número **21 808** deste jornal.

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

a cargo do notário lic. Moisés dos Santos Martins

Certifico, que por escritura de 18 de Agosto de 1982, lavrada de folhas 27 verso, a folhas 29, do livro 137-D, de «escrituras diversas», deste cartório, José Alberto Correia Diogo, Josefina Antunes e Francisco Martins Coelho, constituíram uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

Navegação e Trânsitos, Limitada, tem a sua sede em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, número sessenta e cinco, quarto andar, sala A, freguesia de Madalena e durará por tempo ilimitado, a partir de hoje;

SEGUNDO:

O objecto da sociedade é a actividade de agente transitário de transportes marítimos, terrestres e aéreos, comércio em geral, representações nacionais e estrangeiras, importação e exportação, comissões e consignações, podendo, ainda, dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que não exija autorização especial.

TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de seiscentos mil escudos, formado por três quotas iguais de duzentos mil escudos, pertencentes uma a cada um dos sócios.

QUARTO:

Na cessão de quotas, quer entre os sócios quer em relação a estranhos, a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, terão sempre o direito de preferência.

PARÁGRAFO PRIMEIRO:

Para os efeitos referidos no corpo deste artigo, o sócio que pretender ceder a sua quota, avisará por carta registada a sociedade e os outros sócios para, no prazo de quinze dias, declararem se exercem o seu direito de preferência.

PARÁGRAFO SEGUNDO:

Havendo mais de um sócio interessado na aquisição da quota, abrir-se-á licitação entre eles.

QUINTO:

A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, mas a sociedade só se obriga com a intervenção de dois gerentes, excepto, porém, nos assuntos correntes de expediente em que é suficiente a assinatura de um só gerente.

PARÁGRAFO ÚNICO:

Pode a sociedade conferir a estranhos poderes de gerência e pode também qualquer sócio gerente delegar em outro sócio ou em estranho os seus poderes de gerência e de representação social.

SEXTO:

Fica vedada aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, avales, letras de favor ou quaisquer outros compromissos estranhos à actividade social.

SÉTIMO:

As assembleias gerais, quando a lei não exija outra forma, serão convocadas por qualquer dos gerentes, por meio de carta registada, com aviso de recepção, com a menção do seu objecto e com a antecedência mínima de dez dias.

OITAVO:

Os anos sociais serão os civis e os balanços feitos com referência a trinta e um de Dezembro, sendo os lucros líquidos repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas, após deduzido o fundo de reserva legal.

PARÁGRAFO ÚNICO:

Após a aprovação do balanço, os lucros serão creditados aos sócios, devendo, contudo, o seu levantamento ser feito segundo critério a definir em assembleia geral, de modo a não prejudicar a marcha dos negócios sociais.

Está conforme ao respectivo original.

Lisboa, aos dezanove de Agosto de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante.

DUAS RODAS DUAS VEZES MAIS ATENÇÃO!

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

circule e viva

Anotações de Angelo Correia sobre inquérito do 1.º de Maio

CGTP citada como causadora da intervenção policial

O ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, deu ontem a conhecer o seu «parecer» sobre o inquérito feito pela Procuradoria Geral da República aos acontecimentos da madrugada do Primeiro de Maio no Porto. No referido «parecer», que tomou a forma de nota oficiosa distribuída através da Presidência do Conselho de Ministros, afirma-se «não haver dúvidas de terem os incidentes surgido em consequência da desobediência voluntária de uma organização sindical a um despacho de um magistrado administrativo», para em seguida se acrescentar não haver também dúvida «de alguns elementos policiais terem cometido actos passivéis, uns de procedimento disciplinar, outros de procedimento criminal».

Mas apesar desta última referência à actuação das forças policiais, estas, no seu conjunto e nomeadamente os seus responsáveis, são alvos de louvor por parte de Ângelo Correia que manifestou a sua «total confiança» nas forças de segurança, GNR e PSP. Aliás, estas aparecem no «parecer» do ministro como uma espécie de vítimas de apedrejamentos e provocações por parte de manifestantes afectos à Intersindical, sendo a sua actuação uma resposta àquelas atitudes.

Dos mortos do Primeiro de Maio, das dezenas de feridos, alguns com gravidade, que resultaram da actuação do Corpo de Intervenção naquela que ficou conhecida como «madrugada sangrenta», apenas se diz «lamentar» o ocorrido. Para já continuam sem serem apurados os responsáveis pelos baleamentos dos dois jovens assassinados, «não se conseguiu fazer prova personalizada dos seus autores», afirma o relatório. Também no imediato, a nota oficiosa de Ângelo Correia faz com que os feridos e os mortos que resultaram da brutal e indescriminada actuação do Corpo de Intervenção, como muitos testemunhos deram conta na altura daqueles acontecimentos, apareçam como consequência da própria indisciplina dos manifestantes afectos à CGTP e ao comportamento menos correcto de alguns elementos da Polícia.

Em relação à chamada «desobediência voluntária» da União dos Sindicatos do Porto, ao despacho emitido pelo governador civil do Porto, será talvez útil frisar que na altura dos acontecimentos do 1.º de Maio se justificou a entrega da Praça Humberto Delgado à UGT por ter sido esta organização a requerer aquele local. Esse argumento foi contestado pela CGTP. Agora, na referida nota oficiosa citando o inquérito realizado, se afirma que a Praça foi cedida à UGT pelo facto de a Intersindical se ter recusado a comparecer à «tentativa de conciliação convocada pelo governador civil»...

No entanto seria pelo menos necessário a todos quantos queiram fazer um juízo imparcial do que se passou no Porto, no Primeiro de Maio, que, para além dos pareceres de Ângelo Correia, fosse também tornado público o texto integral do inquérito realizado pela Procuradoria Geral da República.

De acordo com o estipulado na Lei de Imprensa, em matéria de notas oficiosas, passamos a publicar na íntegra o texto da nota ontem distribuída:

«Face aos acontecimentos ocorridos na noite de 30 de Abril e na madrugada do primeiro de Maio na cidade do Porto foi pedido à Procuradoria Geral da República, pelo ministro da Administração Interna, um rigoroso inquérito Receia o povo português que aos inquéritos não seja dado seguimento ou que, quando concluídos, deles não seja dado público conhecimento.

Cumpro pois o dever de dizer que este inquérito foi concluído e as suas principais conclusões são dadas a conhecer.

Não deixo de cumprir aquilo a que me comprometo.

As primeiras palavras são devidas ao senhor Procurador Geral Adjunto nomeado para a tarefa e a quantos o assessoraram aos quais se agradece a rapidez com que a executaram e o empenho que puseram na sua efectivação.

Desse relatório retiramos as questões mais salientes. Assim:

Como é sabido, duas organizações sindicais, UGT E USP-CGTP/IN, pretendiam exercer o seu direito de reunião ou manifestação nos mesmos tempo e lugar e, para tal pretensão, o governador civil do Porto, no seu despacho normativo de 24 de Março de 1982, estabeleceu diversos critérios sucessivos, a começar pelo da conciliação – na sua impossibilidade o critério de alternância anual entre as partes – na hipótese de ser impraticável qualquer dos critérios anteriores, proceder-se-ia a sorteio.

Deste despacho foram notificadas ambas as organizações sindicais.

A USP-CGTP/IN rejeita o critério do acordo e recusa-se a comparecer à tentativa de conciliação convocada pelo governador civil em 7.4.82.

Praça «dada» à UGT

E é assim que no seu despacho genérico de 7.4.82 o senhor governador civil do Porto determina que se não levantem objecções à UGT para celebrar o Dia Mundial do Trabalhador na Praça General Humberto Delgado, e no mesmo despacho determina que aquela praça não seja utilizada nos mesmos dias pela USP-CGTP/IN.

Nos termos do artigo 14 do Decreto-Lei n.º 406/74, cabia recurso para os tribunais ordinários deste despacho. Optou porém, a USP-CGTP/IN pela via da desobediência ao despacho genérico do senhor governador civil do Porto, e desenvolveu intensa actividade no sentido de convocar os seus adeptos e apoiantes para uma manifestação que sabia não poder levar a efeito.

Face à situação criada o Comando Distrital do Porto, emite um comunicado anunciando o propósito de assegurar a ordem e a tranquilidade públicas e de possiblitar o integral cumprimento do despacho, a que se seguiram duas audiências com dirigentes das duas organizaçãoes sindicais, procurando o Comando Distrital do Porto, através destas diligências, dissuadir a USP-CGTP/IN de comemorar o Dia do Trabalhador na Praça Humberto Delgado, assegurando que faria cumprir o despacho em causa e mais responsabilizando a USP-CGTP/IN pelos incidentes que viessem a surgir.

Tinha sido criado o clima que iria determinar a requisição do Corpo de Intervenção para reforçar os efectivos daquele comando distrital, requisição essa feita directamente pelo Comando Distrital do Porto.

Do relatório conclui-se pela conformidade da actuação do representante do Governo no Porto, com os princípios legais aplicáveis.

Feridos elementos da PSP

Preparou o Comando Distrital da PSP do Porto um dispositivo policial que permitisse o livre exercício do direito de reunião por parte da UGT e também impossibilitasse a USP de comemorar o Primeiro de Maio nos lugares reservados àquela primeira organização.

Os incidentes tiveram o seu começo cerca das 21.20 horas, ainda antes de iniciado o espectáculo programado pela UGT, ostentando os contramanifestantes autocolantes e empunhando bandeiras da Intersindical. A Polícia dispersou-os, sofrendo os primeiros apedrejamentos por parte de alguns desses contramanifestantes.

A acção das forças da PSP, no local, na defesa dos direitos da UGT é considerada no relatório como eficaz e globalmente positiva.

Aliás, na actuação da PSP local, há a registar diversos feridos entre os seus elementos, dos quais 12 estiveram incapacitados por alguns dias, sendo de destacar ferimentos graves sofridos por um subchefe.

Mais longa ainda é a lista dos feridos civis apresentada.

É de notar que houve alguns incidentes de que foram alvo as viaturas que transportavam os elementos policiais e durante toda a noite perante as forças da PSP local, houve alguns indivíduos que o relatório considera aparentemente conotados com a USP-CGTP/IN que tiveram comportamento hostil e nalguns casos mesmo provocatório e agressivo.

Não podendo imputar-se directamente tais comportamentos àquela organização poderá, no entanto, afirmar-se que a USP-CGTP/IN aceitou o risco de tais procedimentos, convocando os seus aderentes e simpatizantes para um local que não tinha o direito de utilizar, segundo decisão não impugnada da autoridade administrativa competente.

Corpo de Intervenção

Desse modo, no dia 30 de Abril e a partir das 21 horas foi colocada no Comando Distrital do Porto uma companhia do Corpo de Intervenção pronta a entrar em acção, logo que solicitada pelo comandante responsável.

As viaturas onde os efectivos seguiam foram apedrejadas e, perante isso, o comandante da subunidade do Corpo de Intervenção entrou na fase executiva e a sua acção passou a processar-se sob a orientação exclusiva do comandante respectivo (57).

Dessa actuação e dos confrontos havidos resultaram diversos feridos, alguns com gravidade, como é do conhecimento público e há a lamentar 2 mortos. O relatório informa que não se conseguiu fazer prova personalizada dos seus autores, mesmo através da peritagem balística das armas a que procedeu o Laboratório de Polícia Científica da Polícia Judiciária, dado que, como menciona o inquérito, os projécteis se encontravam muito deformados.

As últimas conclusões do relatório traduzem a opinião genérica sobre o ocorrido na noite de 30 de Abril e madrugada do Primeiro de Maio no Porto.

Assim, nele consta: «nada haver a censurar à conduta do Comando Distrital do Porto pelo facto de ter feito a requisição do Corpo de Intervenção para reforçar os efectivos daquele comando», porquanto lhe competia, por força da lei, assegurar e manter a ordem e tranquilidade públicas no recinto das comemorações e garantir o cumprimento do despacho genérico de 7 de Abril de 1982 do governador civil do distrito (conclusão 111), e ser legítimo o receio de uma eventual alteração de ordem pública (conclusão 113).

Responsabilidades

Também não se considera susceptível de censura a actuação do comandante das forças presentes.

Considera ainda o relatório ser a actuação de um elemento do Corpo de Intervenção passível de censura disciplinar, por ter ultrapassado os limites e os princípios aplicáveis ao utilizar armas de fogo fora do condicionalismo do n.º 34 do art.º 5 do regulamento disciplinar do pessoal da PSP.

A opinião do interveniente é diferente, já que declara ter actuado em legítima defesa.

Também no domínio do ilícito penal há a anotar a eventual responsabilidade expressa no relatório de um guarda da PSP do Porto, presumível autor dos disparos que ocasionaram ferimentos em dois civis.

Esse agente seguia isolado de mota, foi apedrejado, agredido na cabeça e, tendo-se desequilibrado, caiu no pavimento.

Refere ainda o inquérito que alguns elementos do Corpo de Intervenção violaram as normas constantes do artigo 38 da Constituição da República Portuguesa e várias disposições da Lei de Imprensa, impedindo que os elementos dos órgãos de Comunicação Social, na noite destes acontecimentos, tivessem livre acesso às fontes de informação.

Determinei assim à PSP a instauração dos processos disciplinares correspondentes, e, em paralelo, o envio de todo o processo à Procuradoria Geral Distrital do Porto, para os efeitos penais convenientes.

Não podia o Ministério da Administração Interna escusar-se a actuar, e se intervenções houve discordantes do relatório agora explicitado, tal se deve a informações deficientes que nos foram prestadas.

Compete agora à PSP e aos tribunais, socorrendo-se para tal dos meios que necessários forem, determinar as responsabilidades e decidir das eventuais sanções.

Não será contudo lícito tentar abalar o prestígio de uma instituição por um eventual erro de elementos seus.

Não deve pois o País confundir um ou vários elementos com o conjunto da instituição a que pertencem.

«Desobediência voluntária»

Mas, e em contrapartida refere ainda o inquérito que se considera serem os manifestantes passíveis de juízo de censura, já que foram constantes os apedrejamentos feitos aos elementos do Corpo de Intervenção, pelo que se verifica em relação àqueles elementos do corpo policial atenuante da provocação.

Estas são no essencial as conclusões do relatório.

Parece pois não haver dúvida que as seguintes conclusões se impõem: terem os incidentes surgido em consequência da desobediência voluntária de uma organização sindical a um despacho de um magistrado administrativo, e, terem cometido alguns elementos policiais actos passíveis, uns de procedimento disciplinar, outros de procedimento criminal.

Cabe às forças de segurança um decisivo papel na defesa da legalidade democrática e têm sido lento e difícil o caminho para as dotar dos meios necessários e do enquadramento legislativo que lhes permita uma actuação sem ambiguidades.

A essa luz e logo a seguir aos acontecimentos do primeiro de Maio determinei à PSP uma revisão de métodos e procedimentos em alguns domínios, que sendo adoptados garantem os direitos dos cidadãos, com um grau de menor vulnerabilidade da instituição e de elementos seus.

Finalmente o ministro da Administração Interna manifesta a sua total confiança nas forças de segurança do País, na GNR e PSP, que em momentos difíceis e na presença de circunstâncias adversas são um dos suportes fundamentais da defesa da legalidade democrática.»

NOTA: Os subtítulos são da responsabilidade do «DL».

Eanes discutiu operação "Kubango" com o vice-primeiro-ministro

O Presidente da República entendeu não dever discutir o caso ANOP com o vice-primeiro-ministro na semana passada – disse um porta-voz da Presidência da República, a propósito da audiência de cerca de hora e meia que Ramalho Eanes manteve, ontem, com Freitas do Amaral.

O presidente do CDS e vice-primeiro-ministro entrou e saiu de Belém sem prestar declarações aos jornalistas, limitando-se a dizer que a reunião foi de «rotina». A saída do responsável do Governo do palácio presidencial assumiu aspectos quase caricatos com os jornalistas a insistirem em declarações e Freitas do Amaral acelerando o passo, como que a fugir.

Segundo a já citada fonte de Belém, Eanes discutiu com Freitas do Amaral uma agenda elaborada por ambos e que incluía por indicação do Presidente a situação económica e a «operação Kubando» contra Angola. Sobre os pontos da agenda incluídos pelo vice-primeiro-ministro, o porta-voz considerou que cabe ao Governo referi-los.

A mesma fonte assinalou que o PR «achou ainda por bem fornecer algunas esclarecimentos sobre o anunciado propósito de veto político à Lei das Autarquias Locais».

Eanes na Feira Nacional da Fruta

"Sou um homem tranquilo... Esse é o meu segredo!"

«Sou um homem de consciência tranquila. É esse o meu segredo» – respondeu o general Eanes aos jornalistas que, derreados depois de o acompanharem durante quatro horas na visita à Feira Nacional da Fruta, lhe perguntavam como conseguia aguentar o seu ritmo de visitas de Norte a Sul do País. «É o espírito que aguenta o corpo» – acrescentou no seu tom pausador – e além disso ajuda-me o facto de ser de origem rural, de ter treino militar e de levar uma vida frugal, comendo apenas o indispensável» A conversa informal entre jornalistas e o Presidente da República decorria na Associação dos Comerciantes das Caldas da Rainha, após a já habitual visita que todos os anos Ramalho Eanes tem efectuado àquele certame, agora na sua quinta edição.

Literalmente cercado pelos homens da Informação, o Presidente sublinhou que não estava ali para fazer declarações sobre problemas de política nacional e remeteu os jornalistas para o presidente da câmara local, Lalande Ribeiro, que, melhor do que ele próprio, poderia falar da importância e significado da feira que acabara de visitar.

«Eles não sabem nem sonham...»

Mas os jornalistas não desarmaram e procuraram «dar a volta» ao renitente general Eanes. Um dos profissionais da Informação prometeu que não iria pôr qualquer questão política mas acabou por fazê-lo usando um subterfúgio. Perguntou a Eanes o que pensava dos poetas em geral e muito especialmente o que pensava do poema de António Gedeão que começa: «Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida...».

Assumindo o seu ar mais solene, o Presidente da República disse ter o maior respeito pelo poeta Gedeão por se tratar de um homem que defende a liberdade e que sabe dizer com profundidade verdades essenciais.

Generalizando, Eanes diria ainda que «os poetas têm quase sempre razão» quando exprimem, na sua linguagem poética, coisas que podem eventualmente ser racionalizadas noutros termos.

«No fundo a chamada liberdade poética não é mais do que uma expressão da própria liberdade na sua essência» – concluiu, no meio dos sorrisos cúmplices dos circunstantes, que estavam a entender os subentendidos da pergunta e da resposta.

ANOP

Nessa altura o repórter da ANOP em serviço aproveitou para informar o Presidente Eanes de que poucas horas antes alguém tinha roubado da porta da agência Noticios Portuguesa a placa metálica com a sigla ANOP aparafusada ao portão.

Sem hesitar um segundo o PR ripostou: «eu prontifico-me a oferecer outra placa».

Sempre fugindo às questões políticas que lhe punham, nomeadamente a propósito da sua audiência com o vice-primeiro-ministro, Freitas do Amaral, sexta-feira, em Belém, Eanes disse que ela decorreu normalmente. Voltaria ainda ao mote dos poetas para revelar que nessa mesma tarde estivera a reler Miguel Torga, a propósito do problema da emigração, e mais uma vez tivera ocasião de verificar como é verdadeira a linguagem dos poetas embora usem uma linguagem que por vezes parece hermética mas que contém em si mesma a racionalização dos problemas humanos.

Da 5.ª Feira Nacional da Fruta, propriamente dita, os jornalistas que acompanharam a visita presidencial ficaram com a sensação de que, pelo menos, ali não abundava a fruta e a pouca que havia era quase só para vista, havendo um ou dois locais simbólicos de venda.

Técnicos do MAP explicaram que a fruta é quase sempre vendida pelos produtores ainda na árvore, por razões de ordem económica, não se justificando fazer feiras apenas para vender esse apreciado alimento

Ano bom de fruta

De qualquer forma adiantaram que este ano vai ser bom para as pêras e os pêssegos, mais abundantes do que em anos transactos. Já as maçãs sofreram uma quebra de 20 a 30 por cento em relação à colheita de 1981 que, por sua vez já tinha descido 10 por cento em relação à anterior.

Produtores e técnicos ligados à feira queixaram-se da inoperância da Junta Nacional das Frutas e denunciaram o facto de Portugal estar a importar citrinos e outras frutas quando reúne todas as condições para se tornar um exportador, à semelhança da vizinha Espanha.

Toda a visita de Eanes à Feira Nacional da Fruta, que também incluía pavilhões de artesanato e máquinas agrícolas, decorreu num ambiente completamente informal, entrecortado de episódios risonhos como quando Eanes se viu confrontado com um busto em loiça das Caldas que pretendia ser o seu retrato.

Visivelmente divertido, felicitou a jovem autora do busto, mas alguém na comitiva comentou: «o retrato não está nada favorecido. Ele é feio mas não tanto», o que provocou sonoras gargalhadas.

Outro momento de boa disposição surgiu quando Manuela Eanes exclamou: «ó António estão aqui umas pequenas a pedir que assines um retrato.» Tratava-se de uma fotografia tirada durante a visita à feira do ano passado em que Eanes apertava a mão a funcionários de um pavilhão. O Presidente não se fez rogado em dar o autógrafo e mais à frente petiscou bifanas com pão ainda quente e vinho tinto, que repartiu com quem quis.

Atento aos mínimos pormenores, Eanes comentava com os expositores o facto dos preços estarem este ano consideravelmente mais altos do que na feira de 1981 e os comerciantes e produtores, quase unanimemente, queixavam-se de que as vendas estão a diminuir.

Manuela Eanes interessava-se especialmente por mobiliários e artesanato, indagando preços e técnicas de manufactura.

Num pequeno «stand» de jovens artistas cerâmicos foi possível observar o curioso contraste entre o perfil austero do general Eanes, com o seu corte de cabelo curto, dialogando interessadíssimo com o artista, de longa cabeleira à «hippie».

Discreto mas eficiente, ao longo de toda a visita, manteve-se num modesto segundo plano o principal organizador do certame: José Valente, vice-presidente da Câmara Municipal das Caldas,

(José Andrade Santos, ANOP).

Trabalhadores da Previdência poderão adoptar formas de luta

Os trabalhadores da Previdência poderão desencadear formas de luta se o Governo persistir em retirar-lhes direitos adquiridos com a sua integração no regime jurídico da FP – admitiram ontem, em conferência de Imprensa, os representantes da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Os dirigentes sindicais anunciaram também a realização, no dia 27 de Setembro, em Lisboa, do II Encontro Nacional dos órgãos representativos dos trabalhadores da Previdência, que será precedido de reuniões em todos os locais de trabalho.

Os trabalhadores debaterão as consequências da aplicação do Decreto-Lei 278/82, promulgado em Julho último, que os colocou perante a opção de aceitarem a integração no regime jurídico da Função Pública ou de manterem a anterior situação.

Na opinião dos dirigentes sindicais, o diploma coloca falsa opção e a integração não corresponde aos anseios dos trabalhadores.

Segundo foi revelado no encontro com a Imprensa, o Governo não der resposta positiva até Setembro às propostas que lhe foram apresentadas pelos dirigentes sindicais, e persistir em furtar-se ao diálogo, os trabalhadores decidirão «formas mais avançadas de luta».

Um comunicado emitido pela Federação cendena «vivamente a prepotência do Governo que, apesar de obrigado constitucionalmente a propiciar a integração dos trabalhadores da Segurança Social no regime jurídico da Função Pública, resolve levar por diante este imperativo de uma forma absolutamente unilateral» e alheia aos seus interesses.

O documento considera que a publicação do decreto em causa assume gravidade, dada «a indefinição política sobre o futuro das Caixas de Lisboa, com as implicações daí decorrentes, nomeadamente no tocante a carreiras e estabilidade de emprego.

Trabalhadores repudiam tentativa de entrega da Setenave ao capital privado

Os trabalhadores da Setenave repudiaram a decisão do Governo, ao tomarem conhecimento dos anúncios de oferta de «cessão de exploração» da empresa, considerando tal atitude «lesiva dos interesses e independência de Portugal».

Em comunicado assinado pela comissão de trabalhadores e comissão intersindical, os trabalhadores decidiram «inviabilizar por todos os meios a tentativa de entrega da Setenave ao capital privado».

Em documento enviado também às secretarias de Estado das Finanças, Indústria, embaixadas portuguesas no estrangeiro, delegações do Instituto do Comércio Externo e representações da banca portuguesa no estrangeiro, os trabalhadores manifestam «disposição de lutar pela dinamização da Setenave nacionalizada».

Os trabalhadores da Setenave, num total de 6200, tomaram conhecimento das condições propostas no anúncio «oferta pública de cessão da exploração da Setenave EP» publicado no dia 9 de Agosto, sensivelmente um mês após a tomada de posse da nova comissão de gestão.

Situação volta à normalidade no Hotel Baía

Governo reconhece regime de autogestão

Representantes dos trabalhadores em greve no Hotel Baía assinaram ontem na Secretaria de Estado do Turismo um acordo que reconhece a existência de um regime de autogestão naquela unidade hoteleira e põe termo à paralisação.

Tal acordo, que hoje vai ser ratificado pelo plenário dos trabalhadores em greve (cerca de 80) sublinha que o colectivo dos trabalhadores mantém os poderes que lhe são conferidos pela lei das empresas em autogestão (Lei 67/78, de 16 de Outubro), para efeitos de deliberação sobre assuntos do seu âmbito que, neste caso, apenas não abrange os poderes normais de gestão.

Estes poderes são da competência da comissão de gestão interina que, juntamente com o secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho, e os representantes dos trabalhadores em greve, subscreveu a plataforma de acordo conseguida.

Os trabalhadores em greve comprometem-se a aceitar os poderes de gestão da comissão interina, sem prejuízo daqueles que por lei são conferidos ao colectivo de todos quantos laboram no Hotel Baía.

Esta situação manter-se-á até que o Supremo Tribunal Administrativo se pronuncie sobre a impugnação, solicitada pelos trabalhadores, da actual comissão de gestão interina, nomeada pelo secretário de Estado do Turismo em Janeiro do ano corrente.

O acordo prevê também que a situação possa ser alterada por acordo extrajudicial entre as partes envolvidas.

Processos suspensos

Por seu lado a comissão de gestão interina comprometeu-se a praticar «uma gestão sã e correcta da empresa, cumprindo rigorosamente as normas legais e contratuais em vigor».

Todos os processos disciplinares instaurados até à data a trabalhadores em greve serão imediatamente suspensos, até que sobre os mesmos se pronuncie uma comissão paritária constituída no âmbito do acordo obtido.

No futuro, segundo o acordado, não poderão ser instaurados novos processos disciplinares, «nem suspensos ou de qualquer modo afastados» dos seus postos de trabalho quaisquer trabalhadores, «sem parecer prévio favorável da referida comissão paritária».

A esta comissão compete também elaborar as propostas que entender convenientes para solução extrajudicial dos litígios existentes, as quais serão previamente submetidas à aprovação do colectivo de trabalhadores.

Os trabalhadores comprometem-se a apresentar-se ao trabalho a partir do próximo dia 23, «com todos os direitos e garantias legais».

Nas negociações, que ao fim da tarde de ontem conduziram à presente plataforma de acordo participou também Américo Nunes, presidente da Direcção do Sindicato da Hotelaria do Sul (CGTP-Intersindical).

Os quadros de pessoal do Hotel Baía são constituídos por cerca de 120 trabalhadores.

Sobre a presença no Hotel Baía de elementos de segurança, repudiados pelos trabalhadores em greve, o representante da comissão de gestão afirmou que os mesmos vão ser progressivamente afastados até ao prazo máximo de 30 dias, caso as relações de trabalho entrem em completa normalidade nesse mesmo período.

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO ALENTEJO

EDITAL

Feira d' Aires de 1982

A Câmara Municipal de Viana do Alentejo de acordo com a deliberação de 13/7/82 faz público:

1 A Feira d' Aires efectua-se no quarto fim-de-semana de Setembro no recinto em que se efectuou no ano transacto.
2 Os pedidos de terrenos para a instalação de barracas, pavilhões ou quaisquer outros do género devem ser feitos até 30 de Agosto, reservando-se a Câmara o direito de admissão.
3 A Câmara destinará a cada um dos interessados o lugar que entenda e julgue, mais conveniente, não aceitando reclamações fundamentadas em razões de antiguidade ou área requisitada.
4 Todos os pedidos devem ser dirigidos à Câmara Municipal (Secretaria), e conter bem legíveis, o nome, a morada do interessado, a natureza do comércio que pretende exercer e ainda as dimensões da frente e fundo do terreno que pretende ocupar.
5 Dos pedidos de terrenos feitos à Câmara e por esta julgados inatendíveis, será dado conhecimento aos interessados, para as moradas indicadas, até 10/9.
6 Não são admitidas barracas com jogos de azar ou quaisquer outros não permitidos por lei.
7 Nesta feira são admitidos stands com representações de casas comerciais do País, devendo no entanto ser feita a requisição de terrenos até ao dia referido no n.º 2.
8 Todas as instalações a implantar na feira, especialmente, os bares e pavilhões de exposições deverão apresentar o melhor aspecto de arranjo e limpeza.
9 As áreas dos restaurantes com esplanada havendo mesas colocadas nelas, serão consideradas ocupação de espaço.
10 Não poderá ser dado início à montagem de qualquer instalação sem a presença do funcionário encarregado da marcação do terreno o qual se encontra no recinto da feira.
11 O levantamento das barracas só é permitido a partir das 24 horas de segunda-feira.
12 Os terrenos atríbuidos e que não forem ocupados até 2 ddias antes do início da feira, considerar-se-ão disponíveis e serão cedidos a quem os requisitar, salvo justificação de força maior.
13 Dentro das ruas da feira não serão permitidas exposições ou vendas.
14 As taxas a cobrar pelos terrenos no recinto da feira serão as seguintes:

FEIRA

Carrosséis, Pistas de Automóveis, m2	10$00
Circos, Cinemas e Teatros, m2	6$00
Outras barracas com divertimentos, m2	7$00
Automóveis, camionetas, tractores e outras exposições, m2	10$00
Restaurantes, Cervejarias, Casas de Pasto e Leilões m2	10$00
Barracas de fritos e vendas de vinhos, m2	7$00
Sapateiros, correeiros, ourives, m2	4$00
Quinquilheiros, tendeiros, latoeiros de folha branca, caldeireiros e albardeiros, m2	3$00
Peneiros e alquibebes, estabelecimentos de chapéus e guarda-chuvas, m2	3$00
Vendedores de frutas, hortaliças, legumes, cereais, obras de empreita e esparto, m2	3$00
Vendedores de louça de barro e ferro esmalt	3$00
Vendedores de aguiladas e cajados, m2	3$00
Vendedores de ferragens, safões, peles, correias, chocalhos, m2	3$00
Vendedores de leitos de ferro ou madeira, m2	3$00
Vendedores de carros, por cada	15100
Vendedores de cangas, por cada	3$00
Barracas de fotógrafos, m2	3$00
Mobílias e obras de verga, m2	3$00
Carros com legumes, cada	7$00
Carros com venda de vinho, cada	24$00
Rodados para carros, cada par	5$00
Quaisquer outrs artigos não especificados, m2	5$00
Carros de som, Reclamistas, Carro	250$00

ARRAIAL

Gado Vacum, Por cabeça	10$00
Gado Lanígero ou Caprino, cabeça	3$00
Gado Suíno, cabeça	3$00
Gado Cavalar ou Muar, cabeça	10$00
Gado Azin0, cabeça	7$50

15 A Câmara Municipal de Viana do Alentejo mantém um serviço de fiscalização dentro do recinto da feira e usará do maior rigor para que se cumpra o que fica estabelecido.
16 O uso de altifalantes no recinto da feira seja qual for a sua finalidade, só é permitido em tom moderado. Não é pemitido o anúncio dos produtos diferentes dos expostos na respectiva barraca.
17 O não cumprimento do estabelecido no presente edital, será punido nos termos da lei.

A Câmara Municipal mandará desmontar toda e qualquer instalação sonora que não obedeça a esta determinação. Poderá ainda a Câmara estabelecer zonas silenciosas dentro do recinto da feira.

O Presidente da Câmara

(Manuel António Rosa Pão Mole)

CGTP contesta critérios utilizados na nomeação dos gestores da banca

Relativamente à nomeação de novos gestores para a banca, a CGTP-IN considera que tal remodelação «conduziu ao reforço das posições da AD nos conselhos de gestão da banca» e «surge enquadrada em todo um plano que visa destruir o sector nacionalizado e abrir os sectores fundamentais da economia nacional – com especial destaque para a banca e seguros – à iniciativa privada».

No comunicado emitido, a central sindical afirma que os elementos divulgados «e as posições tomadas pelo Governo e por outras forças políticas sobre a questão, mostram que os critérios de ordem ideológica e partidária foram os determinantes em todo o processo» e que «tudo parece ter-se resumido a uma redistribuição entre as diversas forças políticas e grupos de pressão envolvidos».

A CGTP/IN considera, por outro lado, que «num quadro de defesa e dinamização do sector público, são os critérios de competência que devem prevalecer na nomeação dos conselhos de gerência e repudia, portanto, os métodos utilizados pelo Governo».

O comunicado termina chamando a atenção da opinião pública e dos órgãos de soberania «para a corrupção e incompetência da generalidade dos conselhos de gerência nomeados pelo Governo para as empresas públicas e participadas» e reclama «a reposição da legalidade democrática, exigindo do Governo a entrada em funções dos gestores eleitos pelos trabalhadores no quadro da lei das CTs».

Marfel paralisa na segunda-feira

Os trabalhadores da empresa de confecções Marfel, de Felgueiras, Porto, vão paralisar na segunda-feira, como forma de protesto contra o despedimento de seis colegas de trabalho.

As seis trabalhadoras receberam cartas de despedimento depois de se ter iniciado o período de férias da empresa o que, segundo o Sindicato do Vestuário, por parte da administração.

Em Abril último, os patrões tentaram suspender uma trabalhadora, acusando-a de erro no serviço, o que motivou a solidariedade das outras trabalhadoras.

O Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário, que desencadeou os mecanismos legais para a luta de segunda-feira, denuncia os «processos pidescos e de coacção para perseguir os trabalhadores» utilizados pela administração da Marfel.

Portugal volta a importar açucar de Moçambique

As exportações de açúcar moçambicano para Portugal vão ser retomadas ainda em 1982, depois de um hiato de quase cinto anos – revelaram hoje à ANOP fontes oficiais em Maputo.

Um contrato de fornecimento a longo prazo, com fixação de quotas anuais, vai ser negociado em Outubro, com a deslocação a Maputo de uma missão da Administração-Geral do Álcool e do Açúcar (AGA), de Portugal.

O assunto foi abordado em conversações que uma missão comercial moçambicana, chefiada por um alto funcionário do Ministério do Comércio Externo, teve recentemente na capital portuguesa.

Para 1983, primeiro ano de vigência do contrato a longo prazo, Moçambique considera a possibilidade de exportar para Portugal 28 mil toneladas de açúcar, mas também ofereceu ainda para este ano 14 mil toneladas.

O açúcar era um dos produtos tradicionais nas importações que Portugal fazia de Moçambique, mas os fornecimentos foram praticamente interrompidos com a alegação das autoridades locais de que tinham ofertas mais vantajosas.

A produção açucareira moçambicana, que em 1973 atingiu 179 mil toneladas, sofreu nos últimos anos bruscas oscilações, mas a situação tende a estabilizar e o nível previsto para este ano eleva-se a 190 mil toneladas.

Como alternativa aos mercados de Moçambique e Angola, as importações portuguesas de açúcar passaram a fazer-se do Brasil, Cuba, Colômbia, República Dominicana, Zimbabwe e Zâmbia.

CNA condena acordo MACP/CAP

O Ministério da Agricultura impôs a CAP aos agricultores portugueses, «sem sequer os ouvir», como sua representante exclusiva.

A acusação provém do executivo da Confederação Nacional da Agricultura e tem por motivo o protocolo assinado ente a MACP e a CAP a propósito das negociações de adesão de Portugal à CEE.

Segundo a CNA, esse protocolo constitui «um escandaloso e intolerável erro do ministro da Agricultura, Comércio e Pescas» e representa «um atestado de incompetência aos agricultores e às aus organizações e ofende, assim, desnecessária e injustamente a dignidade da lavoura».

A mesma organização de agricultores declara-se marginalizada pelo MACP e considera que este impôs aos agricultores uma organização de carácter político-partidário «mais próxima dos interesses dos grandes comerciantes e industriais que da defesa dos direitos da lavoura».

Pequenos e médios comerciantes contra lei das rendas comerciais

O Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI's), manifestou a sua «firme oposição à forma como os problemas dos pequenos e médios comerciantes são tratados pelo Governo da AD, bem como pelo estatuto de interlocutor privilegiado que se pretende atribuir à Confederação do Comércio Português».

Num comunicado tornado público, a direcção do MPMCI's interroga-se porque razão não é informada pela Secretaria de Estado da Habitação das alterações que terão sido introduzidas à nova legislação sobre rendas comerciais. Face a essa situação e aos privilégios atribuídos pelo Governo à CCP, o comunicado pergunta se estaremos a assistir de novo à «corporativização» da economia.

Contudo, e perante o que tem transpirado através da Imprensa, sobre as alterações em preparação à nova legislação, o Movimento afirma que elas «continuam a não satisfazer os milhares de pequenos comerciantes, pelo que estes permanecem ameaçados por incomportáveis aumentos e actualizações de rendas».

Mais 380 mil desempregados na CEE

Nos países da Comunidade Económica Europeia excluindo a Grécia, perderam o emprego em Julho cerca de 380 mil pessoas – anunciaram ontem em Bruxelas fontes comunitárias.

Em Julho, o total de desempregados nos países da CEE era de 10 710 milhões, 9,4 por cento da população activa, percentagem muito próxima do recorde de 10,5 por cento registado em Janeiro deste ano.

Os aumentos mais consideráveis de desemprego em Julho foram registados na Grã-Bretanha, onde perderam o emprego cerca de 130 mil pessoas, mais 4,2 por cento que no mês anterior, e na Alemanha Federal, em que firacam desempregados cerca de 107 mil pessoas, um acréscimo de 6,7 por cento relativamente também ao mês de anterior.

A Alemanha Federal alcançou um número recorde de desemprego comparativamente a igual período do ano passado: em Julho de 1982 houve um acréscimo de 42 por cento de desempregados relativamente a Julho de 1981.

Na Holanda, em Julho, o desemprego aumentou 39 por cento comparativamente ao mesmo período de 1981.

Crónica agrícola

Continuação da pág. 2

difícil, mas, senhores, rebentar com barreiras organizadas no comércio e que convinham à nossa situação é fácil. Para a AD não é tempo de produzir. É tempo das negociatas. A´está, pela análise de poucas páginas o que é o «plano de mudança».

Este plano de mudança do ministro Basílio Horta é a transparência da incapacidade do MAP. É a incapacidade de compreender a paisagem agrícola necessária em sincronização com as actuais necessidades da sociedade portugesa de hoje. É a transparência inequívoca de uns serviços de planeamento com baixíssimo nível tércico, e dos quais nada pode sair de concreto que dinamize a agricultura nacional.

Mas o plano é, para além do mais, na sua filosofia geral, na perspectiva de adesão à CEE, na intenção da liberalização comercial dos grandes produtos, o assalto dos burgueses, ávidos de lucros e dinheiros fáceis, às estruturas do aparelho de Estado que detinha os grandes sectores do comércio interno e externo dos produtos alimentares básicos.

Trata-se, sim, e no fundo de um Plano de Mudança de dinheiros dos cofres do Estado para as gulosas algibeiras de uma nova classe burocrata/ comercialista aceleradamente empenhada num enriquecimento fácil de fartar vilanagem.

Das centenas de páginas do Plano basta ler seis. Ficamos esclarecidos.

RN

CIRCUITO
CABO DA ROCA

* PARTIDAS DIÁRIAS DE SINTRA ÀS 10 e 14 HORAS COM AS SEGUINTES PARAGENS

SETEAIS — MONSERRATE — COLARES

(Passeio num eléctrico do século passado entre Bazão e Praia das Maçãs)

CABO DA ROCA — CAPUCHOS — PENA — SINTRA

Bilhetes à venda:
CENTRO DE TURISMO — SINTRA
RN — QUELUZ
RN — SINTRA
* Este circuito não se efectua à 2.ª-feira

RN
UM ESFORÇO PARA VENCER DISTÂNCIAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

OFERECE-LHE AS MAIS ALTAS TAXAS DE JURO

4% PARA DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 150 CONTOS

18,5% PARA CONTAS DE COFRE MEALHEIRO

NOS DEPÓSITOS A PRAZO
21,5% DE 181 DIAS A 1 ANO

23% A MAIS DE 1 ANO

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

GRAFIDEC

Lisboa • Porto • Amadora • Amiais de Baixo • Arco de Baúlhe • Aveiro • Avis • Beja • Braga • Bragança • Cacém • Caneças • Castelo Branco Coimbra • Cruz da Légua • Estarreja • Estoril • Évora • Faro • Freamunde • Fundão • Gondomar • Guarda • Lagoa • Laranjeiro • Leça da Palmeira • Leiria • Macedo de Cavaleiros • Maia • Mealhada • Moita • Montalegre • Paços de Brandão • Portalegre • Sacavém • Santarém Santo António das Areias • S. Pedro de Sintra • Santo Ovideo • Setúbal • Souto • Valadares • Valpaços • Viana do Castelo • Vila das Aves Vila Fresca de Azeitão • Vila Real • Viseu

de ontem para hoje

Jovem envenenado com um pudim

UM jovem de 13 anos, Rogério Manuel Martins Pinto, chegou ontem, já sem vida, ao Hospital Distrital do Barreiro, vítima de envenenamento, por ter comido um pudim que se encontrava no frigorífico da sua casa e no qual a sua mãe teria ministrado veneno. Segundo a mãe do jovem Rogério aquele pudim destinar-se-ia a ela, visto ter resolvido suicidar-se, encontrando-se agora detida no posto local da PSP. O caso entretanto transitou para a Judiciária. O pai de Rogério encontra-se detido na Colónia Penal Pinheiro da Cruz, onde cumpre pena de 14 anos, por violação das suas filhas que, em conjunto com o Rogério, viviam com a mãe na referida localidade.

Chantagista preso no Porto

David da Costa Pereira, de 57 anos, foi preso pela Polícia Judiciária do Porto quando, na noite de dia 19, se preparava para ir receber uma quantia de 1000 contos que lhe seria «fornecida» pelo industrial Manuel Pontes, de Trofa. Já há meses que aquele industrial vinha sendo ameaçado por telefonemas anónimos de alguém que se intitulava das «FP-25 de Abril» tendo, no dia 19, recebido uma carta na qual lhe era exigida a quantia de um milhão de escudos que devia ser depositada até às 23 horas daquele mesmo dia. Avisada pelo industrial, a Judiciária esperava o «cobrador» no local e hora marcados por este.

Cinco barras de ouro

Um furto avaliado em cerca de três mil contos teve lugar numa residência da Avenida Álvares Cabral, quando a sua locatária se encontrava ausente. Os objectos roubados foram cinco barras de ouro, compradas num banco em Portugal e que pesavam mais de dois quilos e meio cada, um crucifixo incrustado com reliquias e dois terços em prata.

Fogos no Algarve

Dois incêndios, um na zona de Perna Negro e outro na serra de Monchique, mobilizaram ontem as corporações de bombeiros de Faro, Loulé, Messines, Tavira, Albufeira, Vila Real, Monchique, Lagos, Portimão, Lagoa, Aljezur e S. Brás de Alportel. Na serra de Monchique o incêndio desenvolvia-se, ontem, em cinco frentes e, segundo o comandante operacional dos bombeiros algarvios, teria tido origem criminosa. Já na zona de Perna Negro, a norte daquela serra, teria sido uma forte trovoada, que se fez sentir naquela região, a causadora do incêndio.

Maré de assaltos no Porto

Durante a madrugada de ontem foram assaltados no Porto, cinco residências e um cabeleireiro, estando a Polícia Judiciária a investigar as referidas ocorrências. Aqueles assaltos teriam «rendido», em dinheiro e objectos roubados cerca de 662 contos.

GNR contra o bingo

Três responsáveis por uma sala de jogo do bingo, em Rio Tinto, foram detidos pela GNR que também identificou cerca de 40 jogadores e apreendeu uma quantia de 10 contos, o quadro electrónico, 344 bolas de ping-pong, 17 quilos de cartões numerados, treze altifalantes e um amplificador. Os responsáveis do jogo saíram já em liberdade após o pagamento de uma caução.

Doença de pombos é contagiosa

Uma das doenças responsáveis pelo dizimamento de pombos que se tem verificado nos pombais do país, pode ser contagioso para o homem. É ela a «Salmonela Typhimurium», variedade «Copenhagen», que em conjunto com a epidemia «Newcastel» tem vitimado milhares de pombos. Por falta de cuidados higiénicos a primeira poderá ser contagiosa, segundo referiu a Federação de Columbófilia que apontou como medidas necessárias para combater a actual epidemia não só medidas de profilaxia e hiegene geral, como a vacinação de todas as colónias de pombos com vacinas inactivas e tratamentos com medicamentos em cuja composição entrem as substâncias farmacológicas seleccionadas por antibiograma, estes no caso de salmonelose.

Alteração de trânsito

Vão ser vedados ao trânsito, a partir do próximo dia 23 e durante cerca de sete meses, a Calçada do Marquês de Abrantes e o Largo do Conde Barão, em Lisboa. O trânsito individual que se dirija para a Avenida D. Carlos I será desviado através do Boqueirão do Duro e da Avenida 24 de Julho. O desvio anunciado deve-se a obras de reconstrução do exio viário da Rua S. Paulo com a Rua da Boavista.

Assassínio de Ferreira Torres

No dia 21 de Agosto de 1979, o industrial Ferreira Torres, um dos mentores da rede bombista e elemento destacado do MDLP, quando se deslocava no seu veículo na estrada que liga Paredes a Paços de Ferreira, foi alvo de uma emboscada e morto a tiro, num atentado que fez lembrar os célebres ajustes de contas da Mafia. Passados três anos não se chegou ainda a nenhuma conclusão no que diz respeito ao processo judicial, tendo este transitado da brigada de homícidos da Judiciária do Porto para a brigada antiterrorista da mesma polícia. Recorde-se que, na altura do assassinato de Ferreira Torres, foi levantado, em diversos jornais, o nome de Ângelo Nascimento, elemento do ELP, como principal suspeito. Ferreira Torres foi acusado, por Ramiro Moreira de ser o «cérbero de toda a história» dos atentados até então ocorridos e de ter ordenado pessoalmente a colocação de várias bombas, nomeadamente no aeroporto de Lisboa, e na casa do comendador Abreu.

Exposição de advogados adverte:

São precisos juízos criminais na região do Alto Tâmega

Advogados de Vila Real enviaram ao Ministério da Justiça uma exposição solicitando a criação de dois juízos de instrução criminal com o objectivo de aliviar o volume de trabalho existente na região, designadamente no Alto Tâmega, na parte norte do distrito.

Recorde-se que o Tribunal de Instrução Criminal no distrito está sem juiz há dois anos e que tal vazio tem sido minorado pelo juiz do Tribunal de Trabalho de Vila Real. Todavia, e apesar dos redobrados esforços, este juiz não tem conseguido travar o volume de processos que, neste momento, se cifra já em cerca de meio milhar.

A zona do Alto Tâmega – sobretudo os concelhos de Chaves e Montalegre que são regiões fronteiriças – é a mais atingida, dado que tem necessidade de instruir numerosos processos por crimes de contrabando.

Os advogados criticam na sua exposição a decisão «leviana e irrealista» da presidência da Relação do Porto para que fossem remetidos à sede do Tribunal de Instrução Criminal (Vila Real), todos os processos pendentes nas diversas comarcas, frisando os problemas de «incómodos e despesas, insuportáveis para a população, já que há lugares que distam mais de 150 quilómetros de Vila Real».

Pescas na Madeira

O director-geral do Instituto Nacional de Investigação das Pescas comandante José de Ataíde, chegou ao Funchal para reuniões técnicas com elementos da Direcção Regional das Pescas e da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais.

Aquelas reuniões têm como objectivo a análise de um projecto de protocolo de cooperação científica e tecnológica no sector das pescas, uma «primeira troca de impressões» sobre o próximo cruzeiro a realizar pelo navio de estudos «Noruega» na zona económica exclusiva da Madeira e a análise da situação sobre poluição nas suas águas, e recursos vivos da mesma área.

Outros assuntos como estágios, formação e cooperação internacional serão também abordados.

Viana cheia de turistas

A cidade de Viana do Castelo apresenta-se cheia de turistas principalmente espanhóis, franceses e alemães federais, e emigrantes portugueses que vieram assistir às tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Agonia.

As festas da Agonia, a maior romaria anual da região do Alto Minho, iniciaram-se ontem com uma salva de morteiros e prolongam-se até domingo.

No primeiro dia, feriado municipal, o bispo do Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas, também administrador apostólico da diocese de Viana do Castelo, presidiu às cerimónias religiosas que decorreram no santuário.

As festividades, orçadas em oito milhões de escudos, são organizadas pela Câmara Municipal, com o apoio da comissão Regional de Turismo do Alto Minho e de seis empresas privadas instaladas na região.

Miranda do Douro

A cidade de Miranda do Douro vai geminar-se com a vila espanhola de Aranda Del Duero – decidiu o executivo municipal.

O município de Aranda Del Duero aprovara há dias, por unanimidade de 18 vereadores uma proposta no mesmo sentido.

A Câmara Municipal de Miranda do Douro, correspondendo à iniciativa, tomou ontem idêntica resolução.

«Os objectivos desta geminação – disse à ANOP o presidente da edilidade Júlio Meirinho – assentam nas relações histórico-culturais e sociais das populações de ambos os lados».

República Federal Alemã

Três milhões de trabalhadores consomem álcool no seu local de trabalho

Cerca de três milhões de alemães consomem regularmente álcool no seu posto de trabalho, revela um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde daquele país.

De acordo com esta análise, são sobretudo as pessoas que efectuam um trabalho extremamente pesado ou tenso que mais frequentemente recorrem ao álcool, aos cigarros e aos comprimidos tranquilizantes.

O estudo baseou-se numa sondagem de opinião efectuada durante o ano passado, na qual onze por cento dos empregados e operários inquiridos reconheceu que bebiam durante o seu horário de trabalho.

Esta percentagem aumenta para 23 por cento, no caso das pessoas que realizam trabalhos que exigem grande força muscular, que são monótonos ou que estão expostos a grandes ruídos, bem assim como a elevadas temperaturas, acrescenta o relatório ministerial.

Deste sector de pessoas, 17 por cento consomem mais de 200 gramas de álcool puro por semana, o que segundo os peritos é sintomático de um alto grau de dependência.

Entre as pessoas que têm um trabalho mais ligeiro, existem uns 4 por cento de consumidores de álcool no posto de trabalho, acrescenta o estudo.

O fenómeno do álcool repete-se no caso do cigarro: quase 25 por cento das pessoas com trabalhos pesados fumam um número superior a quinze cigarros diários, enquanto que a proporção destes «fumadores inveterados» no conjunto da população alemã é de 14 por cento.

O estudo do Ministério da Saúde alemã classifica como um problema «predominantemente feminino», além do álcool, o consumo de tranquilizantes: com efeito, 63 por cento das mulheres que realizam trabalhos pesados recorrem por sistema a eles.

A sobrecarga no meio laboral traduz-se, além disso, por outro tipo de repercussões, sublinha o relatório, já que 25 por cento das pessoas submetidas às condições referidas têm problemas familiares e conjugais, em comparação com os 14 por cento da população em geral.

Documento preparatório do Congresso dos Emigrantes considerado demagógico pela Secretaria de Estado

O documento final dos trabalhos preparatórios do Congresso dos Emigrantes promovido pelo «Jornal do Fundão» foi alvo de uma nota da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas na qual este organismo considera poder concluir, dos extratos divulgados no documento, uma «tentativa de exploração demagógica em torno de problemas e dificuldades que são reais».

Na referida nota a SECP contesta também a afirmação de que as «autoridades portuguesas continuam a ignorar o movimento associativo recusando-lhe os indispensáveis meios tecnicos e financeiros», frisando que nos «últimos anos se tem vindo a aumentar os apoios financeiros e em material diverso às organizações que no estrageiro pugnam pela defesa das comunidades portuguesas». Também o mesmo organismo contesta que as autoridades portuguesas não vejam no movimento asssociativo capacidades de interlocutores, afirmando que foi durante a vigência «dos governos da Aliança Democrática que foi criado o Conselho das Comunidades».

em duas palavras

A UCP ESTRELA DO GUADIANA foi alvo de uma medida discriminatória do MACP que decidiu mandar penhorar todos os seus bens, com o argumento de que aquela unidade deve 18 mil contos ao Crédito Agrícola de Emergência. Segundo uma moção de repúdio aprovada pela AM de Mértola, esse montante é porém bastante inferior aos 24 mil que o Estado deve à UCP. Por outro lado, sublinhe-se que numerosas cooperativas exteriores à Reforma Agrária e dominadas pela AD, como a Cooperativa Agrícola do Mira, tem dívidas bem mais importantes junto do CAE, sem que haja qualquer acção de penhora.

A AGRIVAL – Feira Agrícola do Vale do Sousa, está patente a partir de hoje nas instalações da Escola Secundária de Penafiel. Certamente voltado para as actividades de uma vasta região do vale do rio Sousa e do baixo Tâmega, a Agrival dá especial atenção às máquinas e alfaias agrícolas que diversas empresas ali produzem ou comercializam, constituindo uma assinalável actividade do concelho de Penafiel e de outros concelhos vizinhos.

AS RECEITAS DO TURISMO diminuíram, nos primeiros quatro meses do presente ano, enquanto as despesas aumentaram, relativamente a igual período de 1981 – anunciou hoje o Banco de Portugal.

Nos primeiros quatro meses deste ano as receitas baixaram para 13 140 milhares de contos contra 15 420 no mesmo período do ano passado e as despesas tiveram um acréscimo de 713 milhares de contos, passando para 4543 milhares de contos.

O CONSELHEIRO JURÍDICO do presidente de Cabo Verde, Manuel (Manecas) Duarte, faleceu hoje na Cidade da Praia, vítima de doença renal.

Manecas Duarte, irmão do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e actual presidente da Assembleia Nacional Popular Abílio Duarte, era presidente do Instituto do Livro.

RN
VIAGENS E TURISMO
NAS SUAS VIAGENS EM TODO O PAÍS
UTILIZE OS SERVIÇOS EXPRESSO RN
ADQUIRA O HORÁRIO DE CARREIRAS EXPRESSO EM QUALQUER AGÊNCIA RN
43 SERVIÇOS DIÁRIOS
RN
UM ESFORÇO PARA VENCER DISTÂNCIAS

Restrições ao crédito lançam o caos na construção civil

— *garante um industrial do sector*

A situação no sector da construção civil é caótica. As populações carenciadas de habitação não conseguem créditos para comprar casa. As empresas de construção civil não obtêm crédito para começar novas obras, nem sequer para terminar as já iniciadas. As falências e o desemprego começam a grassar no ramo.

Depois das facilidades exageradas e eleiçoeiras concedidas por Cavaco Silva, vieram as restrições drásticas impostas por João salgueiro. Neste momento, só a corrupção e o compadrio conseguem romper os «plafonds» impostos pelo Governo à banca, libertando os créditos.

No texto que se segue, um industrial do sector, que nos pediu o anonimato, enuncia as principais dificuldades do sector, as suas causas e as suas consequências.

Desde 1974 que diminui a possibilidade de construir habitação para arrendar porque ninguém investe a 5 por cento quando a Banca oferece 20 por cento.

Entrou-se assim abertamente na construção de casas para venda por andares, a serem adquiridos pelos que os iriam habitar.

Os sucessivos Governos incentivaram e regulamentaram este processo com:

– Financiamentos aos construtores, através da Banca especializada (Caixa Geral de Depósitos, Crédito Predial Português e Montepio) e também da Banca Comercial.

– Financiamento para aquisição de habitação própria através da Banca especializada.

Para isso se elaboraram esquemas e tabelas contendo bonificações por escalões que contemplavam mais os adquirentes de menores rendimentos e a habitação mais barata, quase sempr mais distante dos grandes centros.

Entretanto os responsáveis governamentais iam dizendo que a habitação era a prioridade das prioridades, que faltavam 800 mil habitações, que havia que construir a todo o custo. Assim o sector parecia estável.

Como as tabelas em vigor limitavam o preço de venda, procuraram os industriais mais conscientes equiparem-se de forma a poderem construir na periferia habitações de boa qualidade e por um preço acessível, que coubesse dentro das tabelas.

Esta intenção levava-os também a «apertar» os preços dos materiais o que levou os fabricantes de materiais, tijolos, azulejos, etc. a equiparem-se para poder concorrer.

Paralelamente os industriais mais poderosos construíram nos grandes centros habitações a outros preços, de dimensões e qualidade de maior nível e destinadas às classes de maiores rendimentos. Estas não tinham bonificações de crédito para adquirir casa própria.

Eleições e corrida ao ouro

Em 1980, durante o ministério de Cavaco e Silva e por razões que não foram alheias às eleições de Outubro desse ano, as tabelas acima citadas foram alteradas no sentido de tornar muito mais fácil a aquisição de habitação própria, alargaram-se mesmo os subsídios a qualquer tipo de construção, ainda que de grande luxo e tamanho.

Claro que esta política passou a custar ao Estado milhões de contos de subsídios que em cada caso se prolongam por vários anos (de 15 a 30).

Por outro lado esta abertura desmedida trouxe muita gente nova à construção civil, que assim se ia transformando numa febre do ouro à portuguesa e se entre os novos garimpeiros havia muita gente séria e capaz, também havia muitos oportunistas, quantas vezes falhados de outras profissões.

Trouxe também o desequilíbrio entre a procura e a oferta de materiais e mão-de-obra: Vendia-se tudo e a qualquer preço, o que levou os fabricantes a equiparem-se para produzir mais e melhor, tanto mais que a banca apoiava a aquisição de equipamento. E também neste sector, se havia muita gente com capacidade de evolução técnica e administrativa, havia também muitos outros incapazes ou oportunistas que malbarataram os apoios financeiros, sem que isso se traduzisse num enriquecimento real do País. Note-se que o equipamento tem sempre bastante incorporação estrangeira quando não é importado pura e simplesmente.

Pela mesma razão promoviam-se serventes a oficiais sem qualquer aptidão para isso. E se é mau impedir a promoção dos capazes também não é bom promover os incapazes.

Pelo que citamos, facilmente se verifica que esta política de habitação desequilibrada e eleiçoeira não poderia durar muito. Esperava-se que se criassem esquemas que ao mesmo tempo que refreassem essa corrida, permitissem que o País tão carenciado de habitação, aproveitasse ao máximo e da melhor maneira os investimentos já feitos, para o que bastaria regressar aos esquemas de 1979, apertando mais um pouco, se assim se desejasse na actualização dos valores. Em vez disso, optou o Governo em Outubro de 1981, por impor limitações à Banca, os «plafonds».

Dois anos à espera de crédito

Esta medida fez-se sentir no sector da construção pela ordem seguinte:

1.º – O Montepio deixou de aceitar processos para compra de habitação própria cuja construção não tivesse sido apoiada por essa entidade. O Crédito Predial Português continuou a receber processos nessas condições, mas retardando-os 3 meses e depois 6 meses em relação ao tempo normal de tramitação. Alguns meses depois deixou de os receber. Alguns desses processos ainda não estão despachados.

A Caixa Geral de Depósitos continuou a aceitar os processos mas sem qualquer limite de prazo. Muitos processos de 1981 ainda não foram aprovados os empréstimos. **Neste momento a tramitação destes processos leva 18 meses a 2 anos, segundo a opinião, sempre sem compromisso, dos empregados dos balcões.**

Esta 1.ª medida é discriminatória por colocar em desigualdade de circunstâncias os industriais que haviam investido o seu próprio capital ou recorrido à Banca Comercial e os que haviam recorrido à Banca especializada para crédito à construção traz logo três consequências:

a) – Os industriais não desmobilizam o capital empatado e continuam a pagar juros. Se só o realizarem um ano depois a construção custa-lhes mais 25%.

b) – As casas estão acabadas e não são habitadas.

c) – Os que precisam delas não lhe têm acesso.

2.º – Montepio e o Crédito Predial Português só aceitam processos para financiamento à construção dos seus antigos clientes. Esta é uma segunda medida discriminatória pois os mesmos industriais que tinham sido privados de vender os seus andares por não trabalharem com a Banca especializada, também não obtêm em bom tempo financiamento para começar novos prédios, não podendo manter o seu nível de trabalho.

Também neste campo a Caixa Geral de Depósitos aceita os processos mas vai-os retendo, não havendo ninguém dos nossos conhecimentos que tenha conseguido realizar escritura de financiamento à construção pedida desde Novembro de 1981.

3º – Qualquer das três entidades da Banca Especializada retarda de tal forma os processos de financiamento à construção mesmo aos seus antigos clientes que não temos conhecimentos que se tenha processado já (Agosto), até ao ponto de poder levantar dinheiro, algum financiamento pedido este ano.

4.º Os financiamentos à construção processados ainda em 1981 e que se mantêm em curso, após as avaliações não são satisfeitos pelas entidades bancárias por falta de verba que caiba nos «plafonds».

Se para acudir a casos pontuais excedem esses «plafonds» são penalizados com depósitos obrigatórios no Banco de Portugal o que mais lhes retira a sua capacidade de manobra para acudir aos aflitos.

5.º – Os próprios processos de financiamento para adquirir casa própria, cujos financiamentos á construção foram feitos pela mesma entidade bancária são retardados cerca de mais seis meses do que em tempo normal.

6.º – A Banca Comercial ao sentir o sector em crise retrai-se não resolvendo grande parte dos problemas pontuais, com livranças, aceites, novos financiamentos, etc.

Consequências das restrições

1.º Os industriais não realizam dinheiro, não têm liquidez e não podem pagar os seus compromissos. Como parte destes compromissos são inadiáveis procuram vender o que têm: terrenos, andares, equipamento pesado, etc. por valores muito inferiores aos dos custos. Mas em tempo de crise ninguém compra a não ser por agiotice. Por isso grande parte das empresas estão em falência técnica, isto é, já não cumprem os tais compromissos inadiáveis. No entanto muitas delas têm valores várias vezes superiores às verbas que necessitavam para se manter vivas e operantes.

2.º – Em consequência da paralisação em parte ou no todo de muitas empresas, o desemprego no sector é já muito visível.

3.º – As empresas de material de construção estão a abarrotar de materiais, vão laborando na esperança de melhores dias. Mas também elas vão, com alguns meses de atraso, percorrer o mesmo caminho que as de construção civil, o que mais engrossará o desemprego.

4.º – As necessidades de habitação vão agravar-se drasticamente, e, no entanto, há milhões de contos investidos em habitações já concluídas e por habitar e em habitação em construção interrompida. Estas habitações não só não cumprem a sua função, como se degradam.

Conclui-se com facilidade que o que está em causa é uma política financeira e não económica e muito menos de habitação.

Esta política financeira que atinge dramaticamente a construção civil não tem paralelo em qualquer outro sector, o que é de estranhar pois a incorporação de produtos nacionais neste sector é muito maior que em qualquer outro.

Governo engana os industriais

Entretanto a Associação de Empresas de Construção Civil e Obras Públicas do Sul, profundamente preocupada com a evolução dos acontecimentos, tem procurado junto do Governo, nomeadamente junto dos Ministérios da Habitação e das Finanças, a resolução de tão grave problema como é a destruição do sector e tem conseguido várias promessas, que depois transmite aos seus associados por circulares e que dizem nomeadamente:

– Circular de 20/5/82 refere audiência com o ministro das Finanças em que foi manifestada a disposição de rapidamente libertar por inteiro os valores respeitantes às avaliações das obras em curso.

– Circular de 31/5/82 refere audiência com o ministro das Finanças de 28/5/82 o qual anunciou entre outras medidas:

A garantia pelas instituições especiais de crédito na aquisição de habitações pertencentes a prédios construídos com financiamento da banca comercial ou do construtor.

Garantia de o mesmo número de empréstimos para habitação própria que em 1981.

– Circular de 27/5/82, diz-nos que foi publicado no «Diário da República» n.º 118-1.ª Série, de 25/5/82, que define os novos escalões de valores por metro quadrado de apoio à construção de habitação.

Nada disto entrou ainda em vigor.

Quando mostramos estas circulares aos homens da banca eles lamentam, como nós, que estas palavras sejam apenas isso mesmo, palavras, pois as suas limitações, os tais «plafonds» continuam mais rigorosos que nunca. Por isso em Agosto ainda nada funciona.

Esperamos lá para Outubro, com a proximidade das eleições autárquicas, que as coisas melhorem.

Como atrás dissemos, retomar os esquemas próximos dos de 1979, limitando os apoios a escalões apertados mas viáveis, exigindo o mínimo de qualidade sem supérfluos, introduzindo ou articulando um esquema semelhante aos dos contratos de desenvolvimento do antigo Fundo de Fomento de Habitação permitaria:

– Assegurar qualidade por um caderno de encargos, abaixo do qual o apoio seria drasticamente reduzido.

– Descentralização, pois sendo o apoio igual em qualquer lugar haveria a tendência para fugir aos grandes centros onde tudo é mais caro.

– Ajudar melhor os de menos rendimentos que são sempre os que procuram as segundas periferias. Os que quisessem ficar nas grandes centros ou nas primeiras periferias teriam que arranjar o resto do dinheiro por conta própria, e ainda há muito quem tenha dinheiro que assi é obrigado a utilizar na compra de habitação.

– Levar os construtores a produzir mais barato, respeitando qualidade e áreas mínimas.

– Diminuir a especulação de terrenos.

Resumindo: Apertar os esquemas de crédito pode ser salutar, pois selecciona, purifica o sector, desde que estes esquemas sejam viáveis e claramente definidos.

Cortar o crédito mata o sector e abre as portas à corrupção, aos traficantes de influências.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

Av. Padre Cruz — 1699 Lisboa Codex — Portugal — Tel. 792461

CURSO DE SAÚDE PÚBLICA

Em 3 de Agosto corrente foi publicado o Decreto-Lei n.º 310/82, que estabelece o novo regime das carreiras médicas.

Para execução do art.º 40.º, do mesmo diploma, todas as vagas do Curso de Saúde Pública do corrente ano lectivo, ficam reservadas a delegados, subdelegados e técnicos superiores de saúde, não sendo possível, portanto, admitir outras categorias de candidatos.

Este anúncio anula os publicados neste jornal sobre a mesma matéria, durante o passado mês de Julho.

Lisboa, 12 de Agosto de 1982

O DIRECTOR

(a) CORIOLANO FERRREIRA

MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO 35/82

Avisam-se todos os interessados, que no próximo dia 25 de Agosto de 1982, pelas 15 horas, se realizará no Pavilhão dos Desportos ao Parque Eduardo VII, a praça para arrematação das lojas e lugares vagos nos seguintes mercados:

Mercado Abastecedor de Peixe Miúdo, Alvalade-Norte, Arco do Cego, Arroios, Bairro Alto, Bairro da Boa Vista, Bairro Padre Cruz, Bairro Quinta da Calçada, Belém, Benfica, Campolide, Chão do Loureiro, Encarnação-Norte, Encarnação-Sul, Forno do Tijolo, Lumiar, Olivais-Sul (Célula B), Olivais-Sul (Célula E), Peixe Avulso, Picheleira, Prazeres, Rato, Rio Seco, Santa Clara, Xabregas, 24 de Julho, Alvalade-Sul e Caselas.

Mercado do Lumiar, vão à praça as seguintes lojas:

— Loja n.º 1 — destinada a qualquer ramo de comércio, excepto venda de produtos da índole dos dos Mercados;
— Loja n.º 6 — destinada a «charcutaria» ou qualquer ramo de comércio, excepto talho;
— Loja n.º 7 — destinada a «cantina» ou a qualquer ramo de comércio, excepto talho.

Para mais esclarecimentos, poderão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, sita na Rua do Machadinho, n.º 20, ou os próprios Mercados.

Lisboa, 28 de Julho de 1982
O director dos Serviços de Abastecimento

Rómulo Figueiredo

Caminhos de Ferro Portugueses

SUCATAS

Está aberto concurso público até 26/8/82, para adjudicação para desmantelamento de:

5 CARRUAGENS 3 FURGÕES 6 VAGÕES

Estacionados em estações da linha de Guimarães.

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.

Dossier Homicídio • Dossier Homicídio • Dosier Homicídio • Dossier Hom

Enforcamento suspeito

O homicídio por enforcamento é actualmente uma raridade histórica no nosso País e são poucos os Estados onde ainda vigora a pena de morte por tal meio; chamado enforcamento judiciário pra se distinguir dos restantes assassínios que o utilizam para extinguir a vida de outrem. Naturalmente a diferença entre o tribunal que determina o enforcamento de um réu no civilizado Reino Unido, e o decidido pelos dirigentes do Ku Klux Klan, na «livre» América (EUA), para eliminação de um negro, um porto-riquenho ou outro qualquer elemento de etnias minoritárias, é o que o primeiro emana de uma entidade constitucional e o segundo de um grupo tolerado pelo poder, desde há cerca de cento e cinquenta anos, quando da guerra civil que dividiu a jovem nação americana.

AMBOS são, homicídios. Se para um se emprega o termo «judiciário» o outro será «justiçagem», passe o neologismo. Se no primeiro o assassínio pretende acobertar-se no impefio da lei, o outro apoia-se apenas na força que no momento detém, consentida, adquirida ou meramente circunstancial.

Quanto à morte dada a uma pessoa, por meio de enforcamento, no âmbito da criminalidade comum é excepcional quer na actualidade ou nos tempos passados. Não há conhecimento de um único caso nos registos da Polícia Judiciária nos últimos trinta ou quarenta anos, de um adulto ter sido assassinado por enforcamento.

Maneiras mais fáceis se oferecem a quem pretende cometer um homicídio. Podia no entanto considerar-se a hipótese de alguém pretender com o enforcamento simular um suicídio, fazendo crer que a vítima pôs termo à própria vida. No entanto há que considerar também ser necessária uma grande disparidade de forças físicas para que o autor de tal crime consiga vencer a resistência que a vítima naturalmente oporá, para evitar a consumação do acto. Por outro lado num caso destes é difícil evitar que o local do crime não fique cheio de vestígios e indícios suficientes para orientar o investigador criminal no sentido correcto.

Suspensão incompleta

Um leitor desta página nos fez chegar uma preocupante dúvida respeitante à morte de um seu parente em circunstâncias que lhe pareceram estranhas. A pessoa teria sido encontrada enforcada, mas com os pés assentes no chão e as pernas flectidas. A Polícia concluiria tratar-se de suicídio com o que pelos vistos não estará de acordo.

Naturalmente não podemos determinar aqui o que na verdade se passou, nem pretendemos substituir-nos aos investigadores criminais. Qualquer dúvida deverá ser apresentada à entidade que levou a cabo o inquérito.

Contudo, e por sabermos ser muito vulgar pensar-se que num enforcamento o corpo tem de estar sempre em suspensão perfeita resolvemos contribuir um pouco para dismistificar essa ideia preconcebida.

«O enforcamento é um acto violento em que o corpo suspenso por um laço aplicado ao pescoço, ligado a um ponto fixo e abandonado ao seu próprio peso exerce sobre o laço suspensor uma tracção suficientemente intensa para provocar de maneira brusca a perda dos sentidos, a pragem das funções vitais e a morte.» Esta é a definição clássica que o médico-legista francês Ambroise Tardieu, deu há mais de cem anos.

É uma das diferentes mortes por asfixia. As outras, são: a estrangulação, constrição (aperto) do pescoço, à volta ou apenas pela frente de modo a impedir a passagem do ar, utilizando uma corda ou objecto semelhante, com laço ou apenas cruzada e em que a força é exterior; garroteamento, se para o aperto da corda for usado um torniquete, (em Espanha era corrente e o ditador Franco, poucas semanas antes de morrer, ainda ordenou a morte de três resistentes bascos, por aquele meio); a esganação quando o aperto do pescoço é efectuado apenas com as mãos; a sufocação, quando a asfixia é provocada por um obstáculo à entrada de ar nos pulmões, quer com as mãos quer por objecto mais ou menos macio colocado como tampão sobre a boca e nariz, ou introdução profunda de objectos na boca atingindo a faringe; por compressão toraco-abdominal; por soterramento ou permanência em recinto limitado e fechado; e, finalmente, por submersão.

Por regra os enforcamentos devem-se à acção voluntária do agente que assim resolve pôr fim à existência. No entanto, em grande parte dos casos verifica-se que os corpos não ficam completamente em suspensão. Alguns afloram o chão com as pontas dos pés, outros apoiam-se neles e chegam mesmo a apresentar-se com apoio dos joelhos. Bastante menos vulgares, mas não esporádicos, são os casos em que se apresentam com apoio parcial do corpo e dos cotovelos e até mesmo com os ombros apoiados no solo.

Algumas destas suspensões incompletas devem-se apenas a posterior destorção da corda por efeito do peso. Mas a maioria das suspensões incompletas são naturais, ou seja, o enforcamento ocorreu nessas circunstâncias. Basta pressões que vão de dois a vinte e cinco quilos para que a morte seja imediata, ou pelo menos a perda dos sentidos que impede a anulação da acção desencadeada, e qualquer pessoa pesa mais do que isso.

No entanto a morte nem sempre é fulminante, podendo variar entre alguns minutos e várias horas, sendo fácil de verificar pela cor do rosto, pelo aspecto sereno ou contraído da face com trejeitos e esgares, se a morte foi rápida ou demorada.

Acudir ao enforcado

Muitos têm sido os indivíduos que têm sido salvos por alguém ter a tempo interrompido a suspensão, mesmo passados alguns minutos de o corpo estar enforcado. Hoje é mais fácil com as técnicas de reanimação e os conhecimentos que muitas pessoas já possuem sobre o assunto incluindo o método de respiração boca a boca. Em cerca de metade dos casos a morte só sobrevém de modo moroso.

EXTERNATOS

Alvares Cabral
Av. Grão Vasco 1
Tel. 70 69 74 5
(Benfica)

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares 93
Tel. 83 46 58 - 83 14 16
(ao Chile)

S. Vicente
R. Edith Cavel 8
Tel. 84 88 64 5
(ao Chile)

Estabelecimentos de ensino secundário

PREPARATÓRIO-UNIFICADO • GERAL-COMPLEMENTAR
12.º ANO • ADM. UNIVERSIDADE

Inscrições abertas para o ano lectivo de 1982/83

MANHÃ — TARDE — NOITE

EMPRESA ESTRANGEIRA DO RAMO DE PRODUÇÃO DE PETRÓLEOS

NECESSITA

— Contramestre de Electricidade Industrial
— Contramestre para Equipamentos Pesados e Viaturas Pesadas
— contramestre para Instrumentação Electrónica e Pneumática
— instrumentistas para Equipamentos de Electrónica e Pneumáticos
— Electricistas de Viaturas
— Mecânicos Ajustadores de Máquinas
— Soldadores Tubistas Especializados

Os interessados deverão enviar as suas candidaturas, «curriculum» de actividade profissional e outras informações consideradas úteis para avaliação profissional ao n.º 17807 deste jornal.

Ref. com.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

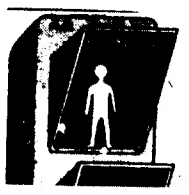
COMUNICADO SOBRE A CLÍNICA DAS AMOREIRAS

a) No âmbito da cooperação do sector oficial da saúde com os serviços e estabelecimentos do sector privado, a Secretaria de Estado da Saúde, por intermédio dos Serviços Médico-Sociais, tem vindo a outorgar contratos de prestação de serviços, que estipulam as condições administrativas, deontológicas, técnicas e financeiras a que tais contratos devem obedecer;
b) Foi com base nos parâmetros enunciados na alínea a) que a Clínica das Amoreiras, Lda. estabeleceu um contrato com os Serviços Médico-Sociais, para prestação de serviços aos seus utentes no domínio da medicina e da cirurgia;
c) Por processo de inquérito instaurado àquela clínica, veio o Serviço Distrital de Lisboa dos SMS a constatar factos indiciadores de possível responsabilidade criminal por parte de agentes da referida Casa de Saúde, nomeadamente vícios de facturação;
d) Nestes termos, a Comissão Instaladora dos Serviços Médico-Sociais determinou o seguinte:

1. «Suspender a partir de 15 de Agosto de 1982, as relações contratuais estabelecidas entre os Serviços Médico-Sociais e o Hospital Clínico das Amoreiras, apenas se mantendo em execução relativamente a internamento de doentes cujo início se verifique até 14 de Agosto de 1982;
2. Suspender o pagamento das facturas em relação às quais se suscitem dúvidas, em face das averiguações realizadas;
3. Participar à Polícia Judiciária os factos indiciadores de possível responsabilidade criminal por parte dos agentes da referida Casa de Saúde;
4. Dar conhecimento à Ordem dos Médicos da presente situação, para os devidos efeitos, atenta a sua competência legal;
5. Notificar o Hospital Clínico das Amoreiras, através do seu representante, das resoluções correspondentes aos n.ºs 1 e 2 do presente despacho»,

procedimento que o Ministério dos Assuntos Sociais publicamente reitera, de forma absolutamente intransigente, de molde a prosseguir a defesa dos superiores interesses dos utentes dos Serviços de Saúde e do Estado.

Lisboa, 20 de agosto de 1982.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

...icídio • Dossier Homicídio • Dosier Homicídio • Dossier Homicídio • Dossier

Para se ter uma melhor idéia do que se passa nos enforcamentos, vamos referir os respectivos mecanismos tal como ensinava nas suas lições o saudoso professor doutor Azevedo Neves, do Instituto de Medicina Legal de Lisboa.

«A morte pode sobrevir:

Por acção directa sobre o aparelho respiratório –, surge asfixia mecânica provocada pela redução considerável ou privação da entrada de ar nos pulmões em consequência de: compressão da laringe pelo laço quando aplicado sobre ela; compressão da traqueia pelo laço quando colocado abaixo da laringe; propulsão da base da língua para cima e para trás contra a faringe quando o laço está ajustado acima da laringe.

Por acção directa sobre o aparelho circulatório, – surge paragem de circulação cefálica por: compressão das carótidas nos lados do pescoço em que a corrente sanguínea é interrompida completa ou incompletamente, pois mesmo com a redução do calibre das carótidas a morte sobrevém; compressão das artérias vertebrais atrás em que a corrente sanguínea a cargo destes vasos cessa ou reduz-se consideravelmente (acção menos importante do que a exercida sobre as carótidas); compressão das jugulares adiante e aos lados em que a corrente sanguínea é prejudicada por obstáculo à saída do sangue da cabeça, especialmente achando-se o nó a comprimir uma jugular interna.

Por acção directa sobre os nervos cervicais e sistema nervoso central em que surge: – abalo nervoso periférico em que o laço comprimindo os pneumogástricos motiva perturbações do rítmo respiratório (acréscimo seguido de redução importante e por fim abolição dos movimentos respiratórios), perturbação do ritmo cardíaco (acréscimo seguido de diminuição das pulsações); inibição em que o laço colocado sobre a laringe pode motivar, por acção directa sobre os nervos laríngeos, perda imediata dos sentidos e morte consecutiva sem que haja efeitos particulares sobre os aparelhos respiratório e circulatório, é um efeito dum choque sobre o sistema nervoso central; e abalo nervoso por compressão da medula cervical».

A morte depende assim dum variado número de causas mecânicas e orgânicas. Do tipo de laço à sua situação e direcção bem como ao seu grau de constrição que provoca uma maior ou menor redução do conduto aéreo, do aperto dos vasos cervicais e paragem da circulação sanguínea cerebral. Outros factores respeitam à constituição da pessoa, idade, sexo e o peso especialmente.

Por norma é suicídio

Como em todos os casos de morte violenta a pergunta imediata que se levanta é se estamos perante um homicídio, suicídio ou acidente. O último caso, o acidente é na verdade raríssimo. Só ocorre quando alguém caindo de um ponto alto enfia a cabeça numa laçada.

O homicídio como já dissémos também não é fácil de verificar-se e, na verdade, não tem acontecido. Por curiosidade transcrevemos os artigos respeitantes a pena de morte no nosso Código Penal de 1852, poucos anos antes da extinção em Portugal da pena capital.

Dizia no seu Artigo 29.° – «As penas maiores são 1.° A Pena de morte; 2.°...

No Artigo 91.° – A pena de morte será executada em forca, em lugar público da cidade ou vila em que for proferida a sentença ou da comarca em que tiver sido cometido o crime, como a sentença declarar, precedendo e concorrendo os actos e formalidades necessárias para que haja a maior publicidade. § 1.° Não se executará a pena de morte, no domingos, dias santos, semana santa e dias de gala. § 2.° Os corpos dos supliciados serão entregues aos seus parentes se os reclamarem para lhes fazerem o enterro sem pompa alguma.»

Lembrando que para evitar o sofrimento (?) dos supliciados a quem por hipocrisia não se enforcava nos dias santos e etc... os carrascos colocavam-se sobre os ombros ou prendiam nos pés dos condenados, pesos para apressar a morte. Assim para além da asfixia provocava a disjunção de vértebras, rotura dos ligamentos e deslocamento dos discos invertebrais motivado pelo estiramento forçado do corpo. Daí viria a versão popular de que nos enforcados o pescoço fica mais comprido.

Em enforcamentos vulgares o alongamento do pescoço é mínimo salvo em indivíduos de elevado peso.

Mas, por regra, os enforcamentos são de iniciativa e levados a efeito pelo próprio indivíduo que assim pretende pôr fim à existência. Trata-se mesmo do meio mais frequente, embora o número de suicídios por arma de fogo se esteja a aproximar, seguindo-se o trucidamento por comboios, as armas brancas, o gás, o veneno e precipitação de sítios altos.

O suicídio é em geral um acto que ocorre mais habitualmente entre misantropos e o enforcamento é entre todos os sistemas de suicídio o mais procurado por ser de fácil execução. Apenas necessita de uma corda ou algo que a substitua e é na prática impossível de anular depois de desencadeada a acção. Normalmente é escolhido por indivíduos forçados a isolamento, carcerários e outros.

As pessoas que resolvem pôr fim à vida, são habitualmente vítimas de doenças incuráveis, de psicoses, de alcoolismo crónico, de desgostos profundos e de miséria nas suas diferentes formas que contribuem em larga medida para tais actos de desespero.

Embora com pouca frequência acontece por vezes o suicídio simulado de homicídio. Como em geral o suicida pretende vingar-se de alguém, alguns levam essa intenção ao ponto de encenarem todo um aspecto que leva a crer na existência de homicídio, deixando falsas pistas. No entanto é mais noutros tipos de morte que estes casos se verificam. Porém, não é difícil a um experimentado investigador ou perito de Medicina Legal distinguir entre a realidade e a simulação.

Na verdade a maior parte dos suicidas pretende através do seu acto chamar a atenção dos que o rodeiam, familiares em especial, para a sua própria pessoa, para os seus problemas reais ou imaginários. É um modo extremo para abalar e castigar os que na sua óptica não lhes prestaram a atenção devida nem os amaram suficientemente. Visam através do sacrifício da vida punir os que lhe causaram sofrimentos e criar-lhes um sentimento de culpa que julgam irá perdurar através dos tempos. Puro engano. Não há dor que se eternize pois os mecanismos da sensibilidade humana levam a que as dores sentimentais se atenuem com o tempo. Doutro modo todos enlouqueceriam.

Dias Brito

No próximo sábado:
O crime perfeito

O Crime compensou

Um jovem pastor das proximidades de Ponte de Rol, no concelho de Torres Vedras, havia sido encontrado morto com vestígios de espingarda caçadeira. Apresentava a cabeça esfacelada por pancadas violentas de um qualquer instrumento contundente.

Tinha dezoito anos, trabalhava por conta de outrem, era pobre e, desse modo, impossível admitir o roubo como móbil do crime. Era verdade que tinha mau feitio e gostava de levar as ovelhas para terrenos defesos a pastagem, mas se isso podia levar a que alguém lhe maridasse um tiro à distância, como ameaça ou advertência, não se compreendiam os dois tiros à queima-roupa e o esmagamento brutal da cabeça. Nem sequer visaria impedir a identificação, pois toda a gente o reconheceria pelo físico e roupa.

Não tinha amigos mas também não se lhe conheciam inimigos que pudessem ir até ao homicídio. A verdade no entanto é que haveria pelo menos um, pois a morte deveu-se a homicídio nitidamente intencional, se não mesmo premeditado, pois foi assassinado num dos lugares mais afastados da povoação.

A sua relacionação pessoal era muito reduzida, pelo seu mau feitio segundo diziam, possivelmente fruto das dificuldades sentidas na integração do meio. Jovem, pujante, estaria com o seu comportamento a reagir como podia a uma certa agressividade social de que na verdade era vítima. Numa coisa porém todos estavam de acordo: era alérgico à limpeza, devendo tomar banho apenas no dia de S. João em cumprimento de algum costume cuja origem se perde na noite dos tempos. Efectivamente o corpo confirmava a falta de quaisquer cuidados higiénicos.

As diligências de investigação viriam a identificar a arma utilizada, que apresentava para além do mais a coronha partida. Partida, precisamente na cabeça da vítima. Pertencia a um lavrador da região, homem dos seus trinta e poucos anos, com boas e próperas propriedades. Segundo ele, a espingarda tinha-a sempre numa arrecadação cuja porta se mantinha aberta e qualquer pessoa, ou melhor seis ou sete pessoas a podiam ter utilizado.

No entanto, entre os que a podiam ter utilizado ninguém teria motivo idêntico ao que se viria a descobrir contra o dono da espingarda: A mulher, viva e temperamental, dispensaria os seus favores amorosos ao pastor. Difícil de crer dadas as crostas de porcaria que o cobriam, mas era verdade, como ela mesma facilmente viria a admitir. Só que o marido tinha um irrefutável álibi e não podia ter sido o autor material da morte.

Dos restantes indivíduos com possibilidades materiais para poderem cometer o crime, faltava ou não se conhecia motivação que justificasse tal acto. Eram pobres, trabalhadores rurais. não se contavam entre os inimigos do jovem. Havia porém, a hipótese de um deles ter agido a solicitação do marido enganado. Efectivamente assim foi, um deles, acabaria por ser acusado do homicídio, que confessaria. Apresentou como justificação umas pretensas desavenças e negou sempre ter agido por conta de outrem. Responderia em Torres Vedras e seria condenado em pesada pena.

Nunca fiquei convencido da sua acção isolada, e disse-lhe várias vezes que se iria arrepender. Na verdade meses depois soube pelo delegado do Procurador da República daquela comarca que ele teria requerido novo julgamento com a alegação de que havia outro réu: o marido da amante do pastor. Este teria oferecido uns contos (o equivalente ao que poderia ganhar num ano como trabalhador de enxada) e a garantia de no caso de azar, lhe sustentar a mulher e os filhos. Não cumpriu nem uma nem outra promessa o que levaria o preso a tentar incriminá-lo.

Não o fez quando eu lho sugeri, pois era evidente todo o esquema do crime, e quando resolveu fazê-lo, nada ganhou. Conduzido por um bom advogado o verdadeiro autor, o autor moral, viria a conseguir a absolvição. Dir-me-ia o advogado: «Bem vê, senhor agente. Se meu cliente entregasse algum dinheiro era reconhecer a veracidade da acusação. Se o outro foi estúpido, terá de continuar a sê-lo até ao fim.»

Encontrando no corredor do Tribunal a mulher que esteve na origem do crime, disse-lhe: «Tenha cuidado, se o seu marido a encontra em flagrante delito de infidelidade e a mata, o mal dele são batatas. A lei o mais que lhe pode aplicar é um desterro por dois anos.» (A lei era assim até há meia dúzia de anos).

Logo ela me retorquiu: «Veja lá, senhor agente, não vá lá dizer isso ao meu marido se não ele qualquer dia ainda me mata.»

Subinspector X
da Polícia Judiciária

SALDOS — SALDOS

NÃO SÃO «MONOS» SÃO ARTIGOS DE QUALIDADE
NOS POPULARES E GRANDES

ARMAZÉNS DE S. DOMINGOS

Largo de São Domingos (ao lado da Igreja)
e Rua Barros Queiroz, 55

TÊXTEIS PARA O LAR

COBERTORES de veludo gigantes 995$	VOIL BORDADO com 3 m largura 395 $	JOGOS DE CAMA c/2 lençóis e 2 almofadas em flanela 895$
TOALHAS DE MESA ESTAMPADAS 1,6 m - Redondas e quadradas 295$	JOGOS DE CAMA SOLTEIRO c/2 lençóis estampados 695$	TOALHAS ★ TOALHETES PANOS DE COZINHA ARTIGOS DE DECORAÇÃO TAPETES Tudo com descontos de 20% e 30% durante esta CAMPANHA

CENTRAL DE MALHAS

Rua Barros Queirós, 45 — LISBOA

MILHARES DE MALHAS EXTERIORES PARA
HOMEM — SENHORA E CRIANÇA

CALÇAS - FATOS - CAMISARIA - BLUSAS
VESTIDOS SENSACIONAIS de respeitadas
marcas com descontos de

40% 50% e 60%

Começou a retirada da OLP de Beirute

- tropas francesas instalaram-se no sector do porto

Com alguns problemas quanto ao «timing» da desocupação da zona do porto de Beirute pelas tropas israelitas, iniciou-se esta madrugada a intervenção da força multinacional de interposição enviada para o Líbano. Por entre prédios esburacados pelas balas e «rockets», contentores destruídos e navios afundados, trezentos e cinquenta legionários franceses desembarcaram na área do porto em «missão de paz». Entretanto, espera-se a chegada das tropas italianas e norte-americanas que completarão os efectivos da força internacional. Enquanto isto, dois intervenientes na crise libanesa expressavam opiniões contraditórias sobre o evoluir da situação. Para o «duro» ministro da Defesa de Israel, Ariel Sharon, a OLP «não foi evacuada mas expulsa de Beirute», enquanto em Washington, o secretário de Estado, George Sultz afirmava ontem que a crise no Líbano deve conduzir à solução do problema dos «legítimos direitos do povo palestiniano».

Primeiras horas da manhã de hoje no porto de Beirute: militares franceses e israelitas discutem a retirada dos guerrilheiros palestinianos. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Quando do navio «La Dives» de pavilhão francês partiram as lanchas de desembarque contendo o primeiro contingente das tropas enviadas por Paris, porto de Beirute ainda era controlado pelos israelitas.

«Até à última»

Descordenação nas complicadas operações de retirada, ou o sinal de que «até à última» as tropas de Telavive marcaram bem a sua presença na capital libanesa? Seja qual for a resposta, a posição do responsável militar francês foi calara: «não há desembarque, enquanto os israelitas não abandonarem totalmente o porto».

Para o oficial libanês que devia comandar a ocupação da zona do porto, depois da retirada dos israelitas, a situação era também clara: «eles (israelitas) matam-nos se entrarmos na zona deles». Em resposta, o oficial francês exigia: «vá lá, faça isso, faça isso».

Só pelas 7 horas desta manhã, hora de Lisboa, se iniciou um processo de reitada que já devia star concluído. Alguns minutos depois a bandeira tricolor flutuava naquele sector, no centro de um «perímetro proibido» delimitado pelos libaneses e franceses de cerca de um quilómetro quadrado, por onde esta tarde se iniciou o embarque por mar do primeiro grupo de palestinianos, composto por 400 ou 500 homens.

Entretanto, segundo noticiou a agência AFP foi necessária a intervenção pessoal do emissário norte-americano, Philip Habib, para resolver a questão do porto. Um vaivem por entre os chefes militares viria a pôr fim à situação.

Entre lágrimas e flores

A retirada dos palestinianos e sírios de Beirute, hoje iniciada, foi marcada por lágrimas e flores.

«Nunca te esqueceremos Beirute, nunca esqueceremos a história do teu Povo», gritava por um altifalante um militante da OLP junto à entrada o estádio municipal do bairro da universidade árabe de Beirute, local habitual de manifestações e comícios palestinianos.

«Slogans» à glória dos combatentes palestinianos, à glória de Beirute e à glória da Palestina árabe, acompanhavam, segundo o testemunho da jornalista Carole Hakim, um derradeiro comício na capital libanesa, marcando o fim de uma época.

Nas ruas, milhares de palestinianos residentes na parte ocidental de Beirute disparam espingardas e pistolas para o ar à medida que o primeiro comboio de comandos palestinianos se encaminhava para o porto, na primeira fase de uma viagem que levará os combatentes até à Jordânia. Perfilados, num último apresentar de armas, os «heróis de Badr», elementos do Exército de libertação da Palestina (ELP) saco-cama e mochila às costas, armas individuais à cintura, símbolo da sua luta e honra, como declararam, falam do futuro. «Vou para a Jordânia. A minha família já lá está. Somos militares e não sabemos de política. Vamos continuar a combater... o nosso moral é excelente», declara emocionado e convicto um guerrilheiro.

Várias mulheres, alguns militantes e combatentes palestinianos, assim como muitos libaneses, foram saudar os militares do ELP. Aqui e ali vêem-se lágrimas.

Uma mulher de cerca de 50 anos grita a sua dor. Vem do campo de refugiados palestinianos de Burj-Barajneh. Afirma que nenhum dos seus filhos está entre os que vão partir. Mas todos eles são meus filhos. Não podem partir assim», exclama.

«É metade da minha vida que parte com eles», declara um jornalista libanês. «Por que motivo é que este povo deve sofrer um novo êxodo?», pergunta. «É o que os árabes querem», responde-lhe com muita dignidade um soldado do ELP, visivelmente emocionado.

Entretanto, o militante palestinniano continua a gritar: «Ó, heróis de Badr, contai aos árabes a vossa resistência heróica em Beirute. Perguntai-lhes onde estão os seus «Migs» e os seus «Mirages». «Perguntai-lhes por que nos abandonaram, e, sobretudo, dizei-lhes que resististes ao Exército israelita com as vossas Kalachinikov e com os vossos RPG (lança-granadas-foguete antitanque)».

Mais tropas

Ao longo da próxima semana chegarão a Beirute 800 fuzileiros dos EUA, 530 italianos e mais 450 legionários franceses que, no âmbito da força multinacional de interposição, seguirão gradualmente até às linhas da frente.

Entretanto, em Washington, o presidente norte-americano, Ronald Reagan, garantiu que em nenhuma circunstância, as tropas permanecerão mais de 30 dias no Líbano. Para Reagan as forças norte-americanas terão um papel «cuidadoso, limitado e não combatente».

Duas posições no mesmo caminho

Enquanto que em Beirute se inicia a retirada palestiniana, em Washington e Telavive, dois dos principais intervenientes na crise libanesa, fala-se sobre o problema palestiniano de duas formas diferentes, depois de se ter percorrido o mesmo caminho.

Para o secretário de Estado, George Shultz, que reconhece que, apesar das tensões, as relações norte-americanas e israelitas «continuam fortes», os EUA continuam «comprometidos a salvaguardar a segurança de Israel».

Utilizando a dialética dos vencedores, Shultz considerou que a presença armada da OLP e o elemento de confronto que esta representa para Israel, embora diminuída pela sua dispersão, pode incrementar as perspectivas para a Paz. Embora referindo-se aos «legítimos direitos do povo palestiniano», o secretário de Estado esquivou-se a definir em concreto quais esses direitos e aspirações, adiantando que «essa definição deverá obter-se entre as partes interessadas».

Entretanto, em Telavive o ministro da defesa, Ariel Sharon, considerava que a OLP tinha sido «expulsa e não evacuada» de Beirute. Os palestinianos não saem de Beirute de sua livre vontade, considerou o ministro israelita que, em tom de vitória, anunciou bem alto que o «exército israelita pode derrotar todos os exércitos árabes reunidos».

O calendário da retirada

A Secretaria norte-americana de Estado divulgou o calendário para a retirada das forças da OLP de Beirute Ocidental, aprovado por todas as partes envolvidas na crise do Líbano:

21 AGOSTO: Chegada e estacionamento na área do porto de Beirute de cerca de 350 soldados franceses. O exército libanês ocupa posições. O primeiro grupo de guerrilheiros da OLP concentra-se para partir, e os que se destinam à Jordânia e Iraque embarcam nos navios que os aguardam.

22 AGOSTO: Os grupos para a Jordânia e Iraque partem, e o grupo com destino à Tunísia segue para o porto.

23 AGOSTO: Parte o grupo da Tunísia e os palestinianos com destno ao lémene do Sul embarcam, devendo partir em 23 ou 24 de Agosto.

24-25 AGOSTO: Parte o grupo para o lémene do Norte.

25 AGOSTO: 25 Agosto: Primeiros grupos de combatentes com destino à Síria partem por terra, pela auto-estrada Beirute-Damasco.

26-28 AGOSTO– Chegada das restantes forças multinacionais e o seu estacionamento. Os Estados Unidos e a França enviam um total de 800 homems cada um e a Itália colabora com 400 soldados.

26-27-28 AGOSTO: Forças da OLP continuam a seguir, por terra e mar, para a Síria.

29-30-31 AGOSTO: Reagrupamento, fora de Beirute, das tropas com destino à Síria.

2-3 SETEMBRO: Partida por mar de todos os combatentes da OLP com destino ao Sudão e à Argélia.

1-4 SETEMBRO: Completa-se a partida de todos os elementos da OLP e do Exército de Libertação da Palestina com destino à Síria.

4-21 SETEMBRO: A Força multinacional apoia, o Exército libanês visando incrementar a segurança em toda a área.

21-26 SETEMBRO: Partida da força multinacional.

Que se segue à s

O cerco de Israel a Beirute devia ser a guerra para acabar a guerra com a Organização da Libertação da Palestina (OLP).

Mas enquanto os israelitas podem ter ganho espaço para respirar em termos militares, politicamente a sua acção lançou o problema dos desenraizados e espalhados palestinianos para a luz da ribalta, de uma forma sem paralelo no passado.

Um núcleo substancial da opinião pública ocidental transferiu o seu apoio de Israel para os palestinianos, que são universalmente vistos como um elemento central, se não o elemento central, na busca da paz do Médio Oriente.

«A crise no Líbano torna dolorosa e totalmente clara uma realidade do Médio Oriente» – afirmou o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, durante a sua confirmação no Senado no mês passado. «As necessidades e problemas legítimos do povo palestiniano devem ser encarados e resolvidos urgentemente e em todas as suas dimensões».

«Os palestinianos não desaparecerão simplesmente da face da Terra» – avisava o diplomata jordano Hazem Nuseibeh num livro recente, «A Palestina e as Nações Unidas».

«Antes de este século terminar, haverá provavelmente seis ou sete milhões de pessoas desenraizadas com um sentido de injustiça tão intenso que o seu peso na tremendamente importante procura e manutenção da paz e estabilidade internacional se tornará inevitavel e, desnecessário é dizê-lo, desastroso».

Espalhados pela guerra israelo-árabe de 1948 e marginalizados por governos árabes, os palestinianos têm tido de combater não apenas pela sua existência mas também pela sua identidade.

O nome do seu país desapareceu da maior parte dos mapas. Tornaram-se um povo profundamente desmoralizado, dependente da caridade internacional.

Chocados por aquilo que consideram o malogro do povo árabe em apoiar a causa palestiniana, Yasser Arafat e sete companheiros encontraram-se numa praia do Kuwait em 1957 para formar uma organização para «libertar» o seu país do sionismo. Chamaram-lhe Fatah, uma palavra com conotações de libertação e vitória.

A Fatah tornou-se mais tarde a componente principal da Organização de Libertação da Palestina, que foi reconhecida primeiro por nações árabes e depois por muitos outros países como representante legítima do povo palestiniano. A Organização rejeita os acordos de paz de Camp David, patrocinados pelos Estados Unidos. O seu objectivo formal continua a ser a aniquilação do Estado sionista e a restauração, em seu lugar, de um Estado palestiniano secular em que árabes e judeus vivam em igualdade.

Esta cláusula na constituição da OLP é o ponto que mais obstáculos coloca a um eventual diálogo entre os Estados Unidos e a OLP.

O primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, tem jurado repetidamente nunca negociar com a OLP ou com Arafat, que descreve como hitleriano.

«Claro que li a carta (palestiniana), como li o «Mein Kampf», afirmou Begin numa entrevista à televisão francesa o ano passado. Para nós é o mesmo... Querem destruir Israel... Querem destruir o meu povo». Afirmou que «sob nenhumas circunstâncias negociaremos com a chamada OLP, que quer a destruição do meu povo».

Como presidente da OLP, Arafat adoptou uma política multifacetada que combina violência e diplomacia de uma maneira que confunde ainda muita gente.

«Venho aqui com um ramo de oliveira e uma espingarda de combatente pela liberdade» – afirmou ele à Assembleia Geral das Nações Unidas, quando se lhe dirigiu em Novembro de 1974.

A fase da violência

Foi o lado violento da OLP que captou o mundo com uma fascinação gelada no início dos anos 70, e pode muito bem voltar a fazê-lo, quando palestinianos radicais tentarem recuperar as perdas sofridas em Beirute. Militantes da OLP voltaram-se para o terrorismo para chamarem para si a atenção do mundo.

«Temos de chocar o Ocidente para fora da sua consciência culpada para com os judeus e no sentido do reconhecmento da causa palestiniana» – afirmou em 1972 o porta-voz da OLP, Shafik Hout, quando a campanha de terror estava no seu auge.

Enquanto os terroristas deixavam um rasto de massacres e desvios de aviões no seu caminho, os guerrilheiros **fedayeen** da OLP – também descritos pelos israelitas como «terroristas» – construíam uma reputação por todo o mundo árabe como a única força consistemente preparada para fazer frente ao Estado judaico.

Simultaneamente, Arafat, provando ser um político com tanta vontade como qualquer um no Médio Oriente, lançou a sua campanha diplomática para dar à OLP estatuto e credibilidade internacionais.

A OLP conseguiu estatuto de observador nas Nações Unidas em 1974. Tornou-se membro do Movimento Não-Alinhado no ano seguinte. Em 1976, foi admitida no «Grupo dos 77» países em desenvolvimento, e tornou-se membro de pleno direito da Liga Árabe.

Arafat afirma que 115 países reconheceram a OLP como única representante do povo palestiniano. A Organização tem representantes em cerca de 70 países. Alguns deles, incluindo a União Soviética, concederam-lhe reconhecimento diplomático completo.

Em 1980 a Comunidade Económica Europeia, na sua marcante Declaração de Veneza, pediu a associação da OLP ao processo de paz do Médio Oriente, mas insistiu também em que Israel tem o direito de existir em fronteiras seguras.

Auxiliados por uma das mais prodigiosas taxas de nascimento no Médio Oriente, os palestinianos quase quadruplicaram o seu número desde a partilha da sua terra em 1948. O mesmo por motivos demográficos e de imigração, aconteceu com a população judaica de Israel.

A Comissão Económica da ONU para a Ásia Ocidental com sede em Bagadade, calcula que haja mais de quatro milhões de palestinianos, dos quais metade ainda vive dentro das fronteiras da velha Palestina, que as Nações Unidas partilharam em Estados separados judeu e árabe antes de três quartos do território terem caído em poder de Israel na primeira guerra israelo-árabe em 1948.

A Comissão afirma que 14% dos palestinianos vivem em países do Golfo, nos Estados Unidos e noutros pontos do mundo industrializados e na América Latina. São os casos de palestinianos bem sucedidos na vida.

Muitos dos restantes vivem em

A situação no Líbano • A situação no Líbano • A situação no Líbano •

à saída dos guerrilheiros?

campos de refugiados que polvilham os países árabes que rodeiam Israel. O jornalista de Washington, I. F. Stone, escreveu uma vez que os campos constituem «uma pedra de moinho moral em volta do pescoço da comunidade judaica mundial».

A própria estatística da OLP admitindo embora que alguns dos seus números constituem apenas uma «estimativa informada», na ausência de um recenseamento adequado, coloca o número de palestinianos em cerca de 4,4 milhões, com a população distribuída como segue: Israel : 530 000, Faixa de Gaza, 476.700, Margem Ocidental: 818 300; Jordânia, 1 160 800, Líbano: 347 100; Síria: 215 500; Egipto: 48 500; Kuwait: 278 000; Líbia: 23 000; Arabia Saudita: 127 000; Iraque: 20 000; Emirados , Qatar, Omã 105 600, Estados Unidos 102 000, outros pontos: 136 300.

Situação «desesperada»

A Agência de Auxílio e Trabalho das Nações Unidas para a Palestina, estabelecida em 1950 para tomar conta do fluxo de refugiados criado pela guerra israelo-árabe, alimenta ainda mais de 800.000 palestinianos e tem o dobro desse número nos seus livros quanto a auxílio médico e educação.

Tenta fornecer tudo isto com um rendimento previsto para este ano de 191 milhões de dólares. Um porta-voz da Agência em Viena afirmou que a situação do organismo é «desesperada».

A Agência gastou 39 milhões de dólares na sequência da actual crise no Líbano, mas um apelo a governos membros da ONU para fundos de emergência reuniu somente seis milhões – afirmou o porta-voz.

O trabalho da agência tem sido complicado pela destruição total de vários campos de refugiados em Beirute e noutros locais e pela dispersão de dezenas de milhares dos seus habitantes, que se encaminham para o Sul do Líbano dormindo onde quer que encontrem abrigo.

Somente 150.000 árabes ficaram dentro das fronteiras de Israel depois da guerra de 1948. Os restantes, perto de um milhão, espalhados pelos campos – então cidades de tendas, agora áreas urbanizadas que não são nem modelos de desenvolvimento nem os bairros de lata que muitos imaginam.

'Sir' John Glubb, ex-comandante da Legião Árabe na Jordânia, foi dos primeiros a defender que o cerne do problema no Médio Oriente era o facto de os palestinianos, «um agradável povo não amante da guerra, terem sido afastados, despojados, das suas casas e do seu país pela força militar».

Foi no início dos anos 50 que os palestinianos primeiro começaram a procurar trabalho no golfo, numa fuga à pobreza dos campos. Alguns fizeram-no legalmente, como professores, administradores e engenheiros.

Que futuro?

Que se segue para os palestinianos?

Muito depende de quanto tempo levar a OLP a repensar a sua posição, na sequência da expulsão de Beirute, e de a Organização emergir do conflito disposta ao compromisso ou mais vingativa do que nunca.

O futuro depende também de a OLP ter ou não sido quebrada como força militar e possivelmente política.

Se for o caso, permitirá isso aos moderados irem para as discussões sobre a Margem Ocidental sem receio de represálias da OLP? E permitirá a formação de um regime autónomo no âmbito de Camp David que possa em devido tempo empurrar a OLP para a margem, como representante do povo palestiniano?

Ou conseguirá a Organização reagrupar-se emergindo sob uma liderança talvez mais radical e impiedosa?

Alguns observadores dizem que a dispersão tornará mais difícil a Arafat manter o controlo. Militantes podem procurar efectuar espectaculares actos terroristas em vingança contra Israel e os seus aliados, e para demonstrar que a resistência palestiniana não foi esmagada.

O desmantelamento da Organização militar da OLP pode também resultar numa dispersão das «armas alugadas» palestinas no Mundo Arabe, talvez para serem usadas por Estados radicais como a Síria para atacar Estados moderados como a Jordânia.

«Espalhar os palestinianos.. não resolve o problema» – afirmou o presidente egípcio, Hosni Mubarak, que se tem recusado admitir guerrilheiros exilados no seu país.

Outros países têm aceitado os guerrilheiros com relutância ou nervosismo, receosos de que uma recusa possa precipitar outra guerra.

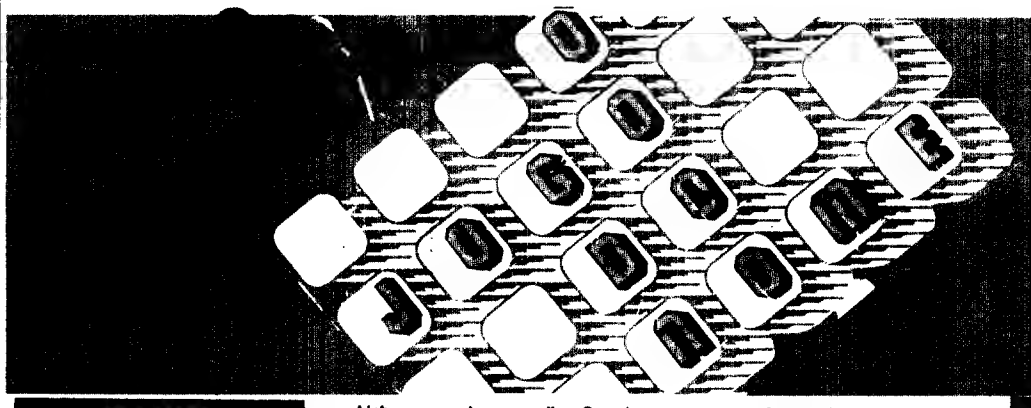
Embora os guerrilheiros possam deixar Beirute como heróis aos olhos dos árabes, é certo que serão cuidadosamente vigiados e controlados nos novos países anfitriões, onde é provável que constituam uma fonte de instabilidade e conflito para um futuro indefinido.

A existência dos palestinianos coloca um problema insolúvel para governos árabes que têm de apoiar verbalmente os objectivos da OLP mas que sabem que a satisfação dessas metas colocaria o Médio Oriente em chamas.

(Barry James –UPI-ANOP).

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no JOGO 3 deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 2, já terminado, ou do Jogo 4, que começará dentro de dias) e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.



LETRAS DO JOGO 3

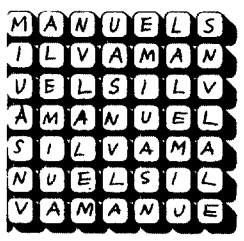
T X R
R W

SÁBADO, 21 DE AGOSTO

Segunda-feira 3 novas letras

RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)
– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA

(exemplo 2)

2. **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se sairem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras**, na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual**, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8. Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured Reservados todos os direitos

Jogo 3

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

.....

MORADA .....

.....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 3 – datas a fixar:

INÍCIO ..... sábado, 21 de Agosto
TERMO ..... sexta-feira, 3 de Setembro
ENVIO PELO CORREIO .... até segunda-feira, 6 de Setembro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS . sexta-feira, 10 de Setembro

A situação no Líbano • A situação no Líbano • A situação no Líbano

A grande miséria dos refugiados

Pierre Bayle

À entrada de Baalbeck, no coração da enorme planície de Bekaa, a roupa seca ao lado de uma casa em ruínas: uma família de refugiados parou ali, enquanto espera partir sabe Deus para onde.

São dezenas de milhares, libaneses e palestinianos, a recuarem desde que se iniciou a invasão israelita, empurrados para fora do Sul do Líbano, primeiro para Bekaa, depois para a parte norte da planície, sempre à espera de serem obrigados a fazer a sua magra trouxa e a fugir, no caso de os combates recomeçarem.

Entre os nómadas que desde sempre plantam as suas tendas ao acaso da planície, os palestinianos que já lá se encontravam instalados nos campos de refugiados de Bekaa, aqueles que se juntaram desordenadamente a eles, vindos dos campos do Sul destruídos pelo Exército israelita, a confusão é total.

Segundo avaliações fornecidas pelo organismo das Nações Unidas encarregado dos refugiados palestinianos (UNRAWA) o número de pessoas obrigadas a mudar de lugar recentemente, quer dizer, os refugiados sem tecto nem tenda, é de 175 mil para o conjunto do território libanês: uma avaliação aproximativa, tendo em conta as migrações incontroláveis através das linhas de combate.

Na Bekaa, a situação é sem dúvida mais dramática do que noutros sítios, não só por causa da eventualidade de um novo confronto israelo-sírio, mas sobretudo por causa da insuficiência dos socorros.

Antes da invasão israelita, em Junho, dois campos em Chtaura (na estrada Beirute-Damasco) e um terceiro em Baalbeck (30 quilómetros mais ao norte) acolhem 9 mil refugiados inscritos na UNRWA. Durante os últimos dois meses, estes campos foram invadidos por 12 mil refugiados suplementares, palestinianos registados ou não.

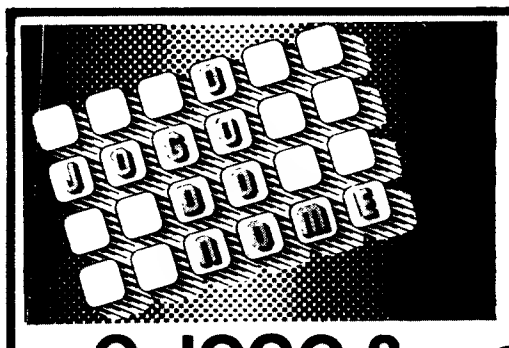
Para além do mais, uma população que também mudou de sítio e estritamente libanesa, avaliada em 50/60 mil pessoas, veio acampar no interior ou na periferia desses campos, nas casas abandonadas de Chtaura, onde, como em Baalbeck, os telhados são inexistentes. Ao longo da estrada Baalbeck-Chtaura, vêem-se constantemente abrigos de acaso, barracas de cartão, tendas improvisadas com lençóis: abrigos que nada têm a ver com as sólidas tendas de pêlo de camelo dos beduínos que vão e vêm entre Bekaa e o deserto sírio, consoante as estações.

Para os responsáveis da ajuda a fornecer aos refugiados, a UNRWA, a Cruz Vermelha e as organizações humanitárias, a situação pode tornar-se, de um dia para o outro, catastrófica.

Se os combates recomeçarem, milhares destes refugiados sem eira e sem beira serão empurrados para as bermas das estradas. Muitos deles irão sem dúvida juntar-se aos cerca de 15 mil que já atravessaram a fronteira da Síria. Mas a principal ameaça continua a ser o Inverno que se aproxima, particularmente rigoroso na planície de Bekaa.

Um responsável da UNRWA, interrogado em Damasco, disse que se estavam a constituir «stockes» de víveres para assegurar aos refugiados um mínimo de 1900 calorias por dia e por pessoa até meados de Outubro, época dos grandes frios. Para realizar este objectivo, a UNRWA tem necessidade de 39 milhões de dólares.

Mas o problema continua por resolver no que respeita aos refugiados não socorridos pela UNRWA, ou seja os palestinianos não inscritos e os libaneses que tudo perderam de um momento para o outro. Para esses, será necessário que uma acção internacional se desenvolva, pois as organizações humanitárias que já se instalaram em Baalbeck correm o risco de serem rapidamente ultrapassadas nos seus esforços se continuar o êxido que recomeçou nos últimos dias no Sul de Bekaa para o centro e para o Norte. **(Pierre Bayle -AFP).**



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS

JOGO 3

O JOGO 3

O leitor já conhece as regras: são as mesmas do Jogo 2 e serão as mesmas nos próximos jogos. Três letras de segunda a sexta e cinco ao sábado, num total de 40 letras por jogo. Veja as datas junto do cupão, envie só um cupão por sobrescrito quando conseguir a linha vencedora e, não esqueça, as letras repetidas só contam quando saem no sorteio mais de uma vez.

Num ponto permitimos insistir: escreva sempre no cupão o **nome completo** do concorrente, exactamente como figura no bilhete de identidade ou na cédula pessoal, **sem omissões ou abreviaturas**, para que não surjam problemas na entrega dos prémios.

E não se esqueça de **indicar** no exterior do sobrescrito em que enviar o seu cupão **o número do jogo** a que está a concorrer. No caso concreto o endereço correcto a escrever será:

«Diário de Lisboa»
Jogo do Nome **3**
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Divirta-se neste jogo inocente que lhe dará prémios magníficos de marcas representadas pela NACIONAL RÁDIO. Jogue connosco!

E se tiver alguma dúvida, telefone-nos: não lhe diremos as letras sorteadas, mas poderemos esclarecê-lo, no que respeita ao regulamento do Jogo do Nome.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

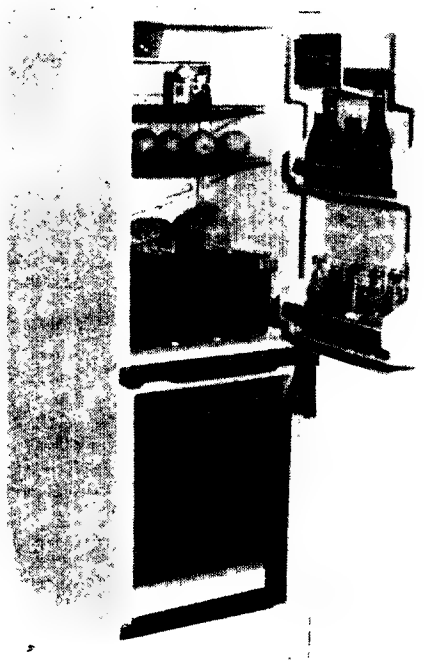
3 LIBRAS DE OURO!

Candy PROGRESS

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

GRUNDIG

FAGOR



1.º PRÉMIO DO JOGO 3
UM COMBINADO FAGOR
C365

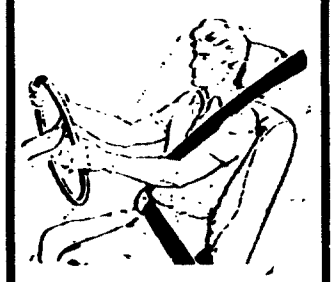
NO VALOR DE 53 200$00

Congelador vertical, de gavetas, com 102 litros de capacidade, 4 estrelas, combinado com refrigerador de 186 litros, com descongelamento automático, interior metálico com pintura de protecção, caixa hermética para carne, compartimento para garrafas, compartimentos separados para fruta e vegetais, rodas na parte traseira do combinado; luzes de segurança, termómetro bimetal

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 3 – lista de prémios

1.º – Um COMBINADO FAGOR C365	53 200$00
2.º – Um TELEVISOR GRUNDIG A310, a cores	42 250$00
3.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA CANDY P6.41	37 500$00
4.º – Um ASPIRADOR PROGRESS P93 PLUS	19 700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9 350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO RELÓGIO GRUNDIG CS 800 cada	6 600$00
11.º a 15.º – Uma FIAMBREIRA PROGRESS K62EL cada	5 000$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 cada	4 100$00



Use sempre o cinto de segurança

ciclador e vivel

Na Sicília

Peritos em energia atómica discutem perigo de guerra

Vários dos inventores da bomba atómica e antigos prémios Nobel, estão reunidos em Erice, Sicília, com uma única preocupação: o perigo crescente de uma guerra nuclear.

Entre eles destaca-se Edward Teller, de 74 anos de idade, um judeu nascido na Hungria, que foi aos Estados Unidos advertir Albert Einstein de que os nazis podiam ser os primeiros a fabricar a bomba atómica se os norte-americanos não acelerassem os seus planos.

Edward Teller, físico na Universidade da Califórnia, figura entre o grupo dos partidários do aumento do poderio nuclear ocidental, pois «os soviéticos não atacarão se não estiverem seguros de vencer».

Teller insistiu à sua chegada em que o «presidente Reagan disse a verdade ao afirmar que o armamento nuclear soviético é superior ao norte-americano».

O seminário científico tem como objectivo estudar as formas para evitar à humanidade uma catástrofe nuclear, preocupação básica do organizador, António Zichichi, presidente do Instituto Nacional Italiano de Física Nuclear.

Zichichi figura entre os inimigos do rearmamento nuclear e insiste em que os arsenais actuais do planeta equivalem a 2500 quilos de explosivos por habitante.

Zichichi sublinhou que, na série de reuniões previstas, deseja «abrir os olhos sobre esta absurda realidade aos grandes artífices do sistema de armamento mundial».

Entre eles, Zichichi contará com um aliado, Paul Dirac, de 80 anos, prémio Nobel de Física em 1933, que também defende a destruição de todas as armas nucleares.

Participa também um grande representante soviético: Pictr Kapiziza, de 88 anos, prémio Nobel de Física em 1978, considerado o «pai da Física soviética», cujas opiniões pesarão sem dúvida nas conclusões finais.

A lista das grandes personalidades encerra com Eugene Wigner, de 79 anos, também Nobel de Física em 1942, outro ferveroso partidário da defesa atómica, que colaborou com Enrico Fermi no desenho do primeiro reactor de fusão nuclear.

Wigner está convencido que a guerra atómica pode estalar a qualquer momento, pondo em acção dezenas de milhares de ogivas nucleares.

A sua proposta é essencialmente defensiva: a melhor solução, diz, é o Ocidente construir defesas antiatómicas, como fazem na China e na União Soviética, para assegurar, pelo menos, a sobrevivência de uma parte da população.

Acordo cerealífero EUA-URSS

A União Soviética aceitou uma proposta do presidente norte-americano Ronald Reagan para o prolongamento, por um ano, de um acordo cerealífero entre os dois países – anunciou sexta-feira a Secretaria norte-americana da Agricultura.

A Secretaria disse que o acordo de Moscovo em comprar cereal norte-americano por mais um ano, a partir de 1 de Outubro, fora transmitida à Embaixada de Washington na capital soviética.

Em 30 de Julho, Reagan anunciou a proposta de prolongamento por mais um ano do actual pacto de seis anos, que terminaria em finais de Setembro.

A aceitação pela União Soviética põe fim a especulações no seio do comércio cerealífero e da administração de que Moscovo poderia recusar a oferta, numa tentativa de se vingar do embargo cerealífero norte-americano, imposta em Janeiro de 1980.

Com o prolongamento, os Estados Unidos garantirão o fornecimento de seis a oito milhões de toneladas de cereais americanos a Moscovo, durante o período de 12 meses com início em Outubro.

Em comunicado, o secretário norte-americano da Agricultura, John Block, disse que contactaria Moscovo de imediato para fixação de uma data para consultas sobre um eventual alargamento das vendas de cereais à União Soviética.

Num discurso a agricultores norte-americanos no princípio deste mês, Reagan prometeu que os Estados Unidos ofereceriam a Moscovo grandes quantidades de cereais, para além dos níveis fixados pelo acordo.

Polónia

Anunciadas novas medidas de segurança

O dirigente polaco general Wojciak Jaruzelsky decretou uma série de medidas – hoje reveladas – destinadas a prevenir manifestações hostis ao regime em 31 de Agosto, segundo aniversário da fundação do «Solidariedade».

Jaruzelski encarregou os «comités de defesa» regionais de adoptar todas as disposições julgadas necessárias para assegurar a ordem pública.

Convocou também uma sessão extraordinária do «Conselho Militar de Salvação Nacional» para examinar medidas de luta contra o mercado negro e o «parasitismo». Propostas concretas neste campo deverão ser apresentadas a Jaruzelsky até 5 de Setembro.

A praça da Victória, no centro de Varsóvia, que foi nos últimos quatro dias palco de confrontos entre a polícia e grupos de manifestantes, encontra-se desde hoje de manhã vedada ao público.

Brigadas de trabalhadores procedem à instalação de tapumes de madeira em volta da enorme esplanada.

A explicação dada pelas autoridades é que vão realizar obras de reparação no pavimento da praça, e que a oportunidade será aproveitada para colocar sobre as lages placas comemorativas dos importantes acontecimentos religiosos que tiveram lugar no local.

Populares tinham desenhado no chão da Praça uma cruz de flores para assinalar o lugar onde João Paulo II celebrou a missa durante a sua visita à Polónia e onde ficou depositada a urna do cardeal primaz Stephan Wizynski, durante o seu funeral nacional celebrado em 1981

Desde o estabelecimento do estado de sítio na Polónia, em Dezembro do ano passado, a Praça da Victória transformou-se num lugar de romaria para os opositores do regime. Em diversas oportunidades a milícia dispersou grupos de manifestantes que se reuniam para cantar e rezar, ostentando muitas vezes emblemas do «Solidariedade» e retratos de Lech Walesa.

Com a aproximação da data de 31 de Agosto, segundo aniversário da assinatura do acordo de Gdansk, os incidentes entre a milícia e grupos de centenas de manifestantes tornaram-se diários.

A decisão de vedar os acessos à Praça da Victória parece directamente relacionada com a circulação em Varsóvia e outras cidades polacas, de panfletos assinados pelos dirigentes da «Solidariedade» na clandestinidade, apelando para uma grande manifestação na capital no dia 31 de Agosto.

Os correspondentes em Varsóvia das agências internacionais observam que o governo do general Jaruzelski parece empenhado em evitar incidentes violentos que introduziriam novos elementos de tensão entre a Junta Militar e a população.

O correspondente da agência espanhola EFE, citando observadores ocidentais, afirma que Jaruszelsky, na sua recente viagem à Crimeia, obteve a aprovação dos dirigentes soviéticos para a sua política interna.

Porém, teria sido aconselhado pelo presidente Leonid Brejnev a procurar obter o levantamento das sanções económicas ocidentais contra a Polónia, como único meio capaz de minorar a crise financeira e a crescente deterioração do nível de vida da população.

O ministro polaco do Abastecimento e dos Preços, Zdzislaw Krasinsky, reconheceu publicamente, há dias, que os salários reais na Polónia tinham diminuido em 25% nos sete primeiros meses deste ano e que o aumento dos preços poderia atingir os 30% até Dezembro.

As dificuldades económicas são consideradas pelas autoridades como o pricipal e mais grave motivo de descontentamento da população.

Latino-americanos debatem extinção da OEA

Descontentes com a atitude dos Estados Unidos durante a Guerra das Malvinas, os países da América Latina debaterão, a partir de sábado, a criação de um novo organismo sub-regional que substitua a Organização de Estados Americanos.

O novo organismo, que se encarregará de defender a solidariedade latino-americana, chamar-se-á, se for aprovado pelo Parlamento latino-americano, «Associação de Estados Americanos» ou «Comunidade Latino-Americana de Nações» – declarou o secretário do Parlamento latino-americano, Andres Towsend, do Peru.

A assembleia do Parlamento latino-americano será oficialmente inaugurada em Bogotá amanhã, pelo presidente Belisário Betancur. A maioria dos delegados encontra-se já nessa capital.

Recentemente o presidente colombiano criticou a inoperância da OEA, que classificou de «clube para almoços».

Towsend, por seu lado, disse que a OEA se tinha esvaziado, sendo necessário preencher o vazio assim surgido.

PERU – foi decretado o estado de emergência em Lima e Callao, o porto vizinho, em consequência dos atentados cometidos na noite de 5.ª feira na região da capital peruana, anunciou o primeiro-ministro, Manuel Ulloa. Ulloa assegurou que as organizações terroristas serão desmanteladas. Precisou ainda que esta medida de excepção comporta a suspensão por 30 dias das garantias constitucionais.

BRASIL – cinquenta e quatro por cento dos brasileiros reprovam a política seguida pelo presidente João Figueiredo, enquanto 38 por cento estão satisfeitos ou muito satisfeitos, segundo uma sondagem do instituto Gallup, realizada em Julho último junto de 2769 pessoas.

Matança colectiva na cidade de Miami

Um professor reformado, descontente com a reparação efectuada na sua máquina de cortar a relva, matou oito pessoas a tiro de carabina, ontem, numa loja de Miamo e feriu três outras.

O tresloucado, Carl Brown, de 51 anos, acabou por ser morto por um automobilista que o atropelou propositadamente quando tentava fugir de bicicleta.

«Entrou na loja e, subitamente, enlouqueceu», contou um polícia, segundo o qual o caso começou por uma discussão sobre o preço e a qualidade duma reparação efectuada na máquina de cortar a relva.

Segundo várias testemunhas, o professor, descrito pelos seus vizinhos como sendo um solitário, entrou na loja pela porta traseira com a espingarda na mão, e desatou a disparar.

Quando chegou ao local, a Polícia encontrou cinco corpos dentro da loja e uma sexto na rua. Duas outras vítimas acabaram por morrer no hospital.

Cumprida a «vingança», o professor meteu a espingarda em bandoleira e saltou para a bicicleta. Contudo tinha sido visto pelo proprietário duma pequena empresa de recuperação de metais, situada do outro lado da rua.

O proprietário, Mark Kram, declarou à Polícia que saltou para dentro do carro, juntamente com dois amigos, tendo anteriormente o cuidado de se armar «quando o alcançámos, contou, disparei um tiro de aviso para o ar. Ele tentou pegar na espingarda e eu esmaguei-o com o carro contra um poste de cimento».

A região de Miami, que está à frente das estatísticas nacionais para os assassínios cometidos durante os últimos dois anos, foi cenário de duas outras matanças do género nas últimas semanas.

24 horas

DOENÇA MISTERIOSA – O Instituto Nacional Americano do Cancro anunciou a intenção de dedicar uma verba especial de 2,2 milhões de dólares à investigação sobre as causas de uma misteriosa doença recentemente aparecida, que já provocou a morte de duas centenas de pessoas. A doença caracteriza-se, nomeadamente, pelo desaparecimento das defesas imunológicas do organismo.

DESVIO DE AVIÃO – Comandos mataram a tiro, no aeroporto de Amritsar, o assaltante que desviou um avião comercial indiano, libertando ilesos todos os seus 69 passageiros e tripulantes – anunciaram as autoridades em Nova Deli. Uma hospedeira de bordo feriu-se ao saltar do «Boeing 737» estacionado, quando os comandos entraram em acção, seis horas após o sequestro. O avião tinha estado parado durante três horas no aeroporto de Amritsar, no Norte da Índia, para onde se dirigira depois de lhe ter sido recusada autorização para aterrar em Lahore, no Paquistão.

A GUERRA EM EL SALVADOR – Um porta-voz militar salvadorenho anunciou que um grupo de, pelo menos, 75 guerrilheiros da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional atacou ontem, em vários pontos, a localidade de Tecoluca. Morreu um rebelde e ficou ferido um soldado na luta que se travou, precisou o porta-voz. Por sua vez, a FMLN anunciou que matou 34 soldados governamentais e recuperou uma metralhadora e dez espingardas M-16 nos combates travados na semana passada em Guazapa e a norte de Chalatenango.

Por último a Comissão Salvadorenha de Diretos Humanos afirmou que ocorreram este ano, em El Salvador, 3612 assassínios, elevando para 38 mil o número de mortos em violência política no país, desde finais de 1979.

NAMÍBIA – O Conselho de Segurança das Nações Unidas foi incitado a ampliar sanções obrigatórias à África do Sul, por ainda não ter concedido a independência à Namíbia. A recomandação foi feita pela comissão especial da Assembleia Geral para a Descolonização, que reafirmou que a SWAPO é o único representante do povo da Namíbia. A comissão especial condenou a continua colaboração militar entre a África do Sul e outros países, designadamente ocidentais. O mesmo grupo também condenou os actos de agressão das Forças Armadas sul-africanas contra Angola e outros Estados da África Austral e pediu aos membros das Nações Unidas para darem todo o apoio moral e material possível a esses mesmos Estados vítimas de Pretória.

ANGOLA-EUA – O subsecretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Frank Wisner, afirmou ontem à partida de Luanda que o Governo angolano procura conseguir a paz na África Austral. O Governo dos Estados Unidos também está empenhado em procurar conseguir, juntamente com os seus colegas do Grupo de Contacto, uma solução para o problema da violência nesta zona do globo – acrescentou Wisner, que manteve nos últimos dias conversações com as autoridades angolanas. «Queremos resolver este problema o mais rapidamente possível e conseguir a independência da Namíbia» – prosseguiu o enviado de Washington.

EVASÃO NAS FILIPINAS – Os militares filipinos anunciaram a fuga do dirigente comunista José Luneta, que há seis anos se encontrava preso. Luneta, antigo catedrático e secretário-geral do Partido Comunista Filipino desapareceu na quarta-feira depois de ter obtido licença para ir a um dentista – disseram os militares que o detinham. Os advogados de José Luneta indicaram entretanto que ele tinha o direito de se evadir,uma vez que nunca fora condenado por qualquer crime.

FORÇA AÉREA DO QUÉNIA – O Governo do Quénia demitiu o comandante da Força Aérea e ordenou uma reestruturação desta arma, depois da sua participação na tentativa de golpe de Estado de dia 1 de Agosto. Um comunicado governamental divulgado pela emissora «Voz do Quénia» diz que a Força Aérea foi desmantelada e o seu comandante-general P M. Kariuki, demitido Desconhece-se o pardeiro de Kariuki, mas círculos governamentais afirmam que se julga que tenha sido detido pelo Exército. O comunicado afirma que a Força Aérea queniana será reorganizada e colocada sob o comando do general do Exército Mahamoud Mohamed.

ATENTADO NA CÓRSEGA – Um engenho explosivo rebentou às primeiras horas de hoje na cidade de Ajaccio, capital da Córsega, ilha sob administração francesa. O atentado, de pouco poder explosivo, efectuou-se contra uma garagem de automóveis, provocando danos de pouca importância. A bomba, que até ao momento nenhuma organização ainda reivindicou, vem somar-se a outros 99 engenhos que explodiram noutros tantos atentados reivindicados pela «Frente de Libertação Nacional da Córsega» (FLNC) perpetrados em diversos pontos da ilha, na madrugada de sexta-feira.

ESCÂNDALO NO JAPÃO – Por haver satisfeito uma necessidade premente contra uma árvore do Parque que rodeia o Parlamento, um ministro japonês arranjou uma data de sarilhos. O último número de um semanário ilustrado insere em página inteira a fotografia daquilo que a oposição já qualifica de delito: a imagem que mostra um homem de costas a urinar contra uma árvore. A legenda indica que se trata de Ichino Nakagawa, deputado, ministro de Estado, director-geral da Agência para as Ciências e a Tecnologia e dirigente influente do Partido Liberal Democrata, no poder no Japão. «Que um ministro em exercício cometa semelhante acto, isso exprime a atitude política do governo inteiro» – afirmou na sessão do parlamento de sexta-feira Tsuro Yamaguchi, membro do Partido Socialista Japonês, principal partido de oposição.

RECUSA DE VISTO – A Austrália originou protestos por parte de cientistas internacinais ao recusar a permissão para que dois bioquímicos soviéticos participassem num encontro científico em Perth. Cerca de 27 cientistas soviéticos deviam participar esta semana no Congresso Internacional de Bioquímica em Perth

exclusivo

Coreia do Sul: ordem nova, novas desordens (3)

Os duros amanhãs do "Boom" económico farão tudo menos cantar

■ Roland-Pierre Paringaux ☐ Le Monde

O presidente da Coreia do Sul, chegado ao poder depois do assassinato do seu predecessor, Park Chung-Hee, proclamou a sua intenção de livrar a vida política da corrupção que a invade. Entretanto, diversos escândalos demonstraram como esta tarefa foi incumprida, enquanto que uma gigantesca campanha de «purificação» não foi suficiente para regular os problemas agravados por uma situação económica preocupante.

Seul – Os anos de euforia do tão cantado «boom» económico parecem ter terminado com a década passada. Na época em que o presidente Park sucumbiu às balas do seu assassino, a economia encaixava golpes e contragolpes da conjuntura internacional: a subida dos preços do petróleo, a inflação, as elevadas taxas de interesses, recessão, erros de planificação, tudo a fazia vacilar. A isto se juntaram em breve os efeitos debilitantes da crise política e os da repressão. Depois de anos de expansão supermultiplicada, o PNB diminuiu em 1980. A economia estava, como a democracia, à beira do desastre. Deixava frequentemente entrever a fragilidade dos seus alicerces, a precariedade das finanças e o seu excesso de dependência.

Paralelamente à grande limpeza política, o regime da nova ordem lançou-se com toda a urgência à estabilização. Segundo métodos muito dirigistas, 1981 foi o ano da normalização e da recuperação. Os próximos devem incidir sobre a reestruturação e a liberalização.

O restabelecimento de condições favoráveis, nomeadamente na agricultura que teve um ano catastrófico em 1980 permitiram registar no ano passado um crescimento real de 7,1 por cento. Há quem deduza disso que se tinha retornado aos números de antigamente. De facto, trata-se mais de um recuo do que de um retorno: voltou-se ao nível de 1979, e isso graças à agricultura cuja taxa de desenvolvimento ultrapassou a da indústria, pela primeira vez desde os anos 60. Os medíocres resultados registados nos primeiros anos de 1982, a persistência do marasmo mundial e os efeitos do escandâlo político-financeiro pareciam indicar que a Coreia do Sul, longe de ter saído da recessão, se arrisca de nela mergulhar um pouco mais. Tanto mais que a sua estrutura exportadora a torna excessivamente tributária da conjuntura internacional. Ora a maior parte dos projectos optimistas feitos aqui incidem sobre um retomada mundial e uma estabilidade dos preços do petróleo que continuam hipotecados. O governo acaba também de rever a sua taxa de crescimento, baixando-a um ponto. «Oxalá ele chegue a seis por cento, já não é mau, se compararmos com o que se passa lá fora», saliente um banqueiro.

E acrescenta: «O momento ja não está para optimismos beatos, mas livremo-nos do catastrofismo». Sem dúvida. Mas, depois de 20 anos de um crescimento médio superior a 10 por cento, a hora dos reajustamentos difíceis, mas inevitáveis, soou. Resta traduzi-los em factos com constância e coerência. O escândalo financeiro e nada menos de seis remodelações governamentais em seis meses em nada facilitaram a tarefa.

Um sucesso: o domínio da inflação

O primeiro grande sucesso do regime, aquele com que se acena de todos os pontos, é o sucesso no domínio da inflação, um desses males endémicos que os oficiais prometeram erradicar.

Está em vias de passar de 22 por cento para cerca de 10 por cento.

Será também necessário contar com os efeitos perniciosos do escandâlo que obrigaram as autoridades a aumentar mais do que estava previsto a massa monetária. Por outro lado, aqui como em toda a parte, o sucesso anti-inflacionista repousa principalmente sobre um abaixamento do crescimento, uma diminuição das exportações, uma política monetária e de salários restritiva, geradora de falhas e de desemprego.

Na base de um crescimento lento, este sucesso poderá pôr em perigo os objectivos sócio-económicos ambiciosos do V Plano (1982/1986), se não for acompanhado de medidas e reformas indispensáveis à reestruturação e ao relançamento de toda a máquina económica. Parece, com efeito, urgente corrigir certos desequilíbrios estruturais, sanear as finanças, favorecer os investimentos, ajudar as pequenas empresas e evitar, por excesso de dirigismo, os custosos erros de estratégia do passado.

Tais medidas estão previstas e começam a ser aplicadas.

Se a situação não é catastrófica, a descida das taxas de expansão industrial, a diminuição das exportações e o crescimento da dívida externa não são menos preocupantes, «a fortiori», para uma economia extravertida. O sector de manufacturas tradicional (têxteis, calçado, máquinas, produtos industriais ligeiros e bens de equipamento) ainda se comportam bem. Mas a tendência não parece dever favorecê-lo indefinidamente face às vantagens de que dispõem os novos concorrentes nos mesmo sectores. À semelhança de Singapura e de Taiwan, a Coreia do Sul tenta diversificar as suas estruturas para se impor nos sectores mais pesados e de mais forte tecnologia.

É já o caso do aço e da construção naval, cujas capacidades devem ser acrescentadas dentro em breve. O plano prevê toda uma série de projectos de infra-estruturas para diversificar a base industrial e, ao mesmo tempo diminuir a dependência do petróleo, nomeadamente através da promoção dos programas nucleares.

Mas, ao progredir na direcção de um novo patamar, Seul ver-se-á em concorrência directa com os países industrializados. Corre-se então o risco de se ser apanhado entre os fogos cruzados dos subdesenvolvimentos e dos superdesenvolvidos.

Mas ainda lá não se chegou. Primeiro, os pesados erros de estratégia levaram, em certos sectores (química e petroquímica) a uma sobrecapacidade e ao esbanjamento energético. Depois, a qualidade dos produtos ainda deixa a desejar – mas foi este o caso do Japão, ainda não há muito tempo. Finalmente, e sobretudo, o sucesso da passagem ao estádio superior de desenvolvimento supõe um esforço considerável de formação, de pesquisa e de transferências e investimentos em tecnologia. Ora a este respeito continua-se no engano. Os japoneses, escaldados por alguns dos bons golpes dos coreanos, não se desleixam com as suas licenças de fabrico. Quanto aos investimentos estrangeiros directos, continuam bastante aquém do que estava previsto. As incertezas políticas, o dirigismo, a defesa das indústrias locais e a insuficiência de protecção das licenças de fabrico explicam em parte estas reticências.

Os japoneses, depois de terem beneficiado durante longo tempo da mão-de-obra barata e das isenções fiscais, estão nisso menos interessados. As exportações, essas grandes acumuladoras de capital e motor da economia sul-coreana, aumentaram fortemente depois da desvalorização do won, em 1980. Elas conhecem uma nova diminuição. As letras de crédito igualmente. Em contrapartida, os contratos de construção no estrangeiro – essencialmente no Médio Oriente, em que trabalham cerca de 70 mil sul-coreanos, contribuiram no ano passado com 14 milhões de dólares.

Finalmente, a divida externa aumentou progressivamente para estancar o défice dos pagamentos correntes: ela eleva-se a 33 milhões de dólares em 1981, num aumento de cinco biliões e 500 milhões desde 1980. Representa perto de 50 por cento do PNB. O seu serviço, que é igualmente de cinco biliões e 500 milhões, atinge, segundo os cálculos, de 14 a 20 por cento das exportações, o que é, de qualquer maneira, considerável. Seul continua igualmente a disfrutar de uma boa reputação nos meios financeiros internacionais.

Para favorecer a recuperação o governo iniciou o entravamento das taxas de interesse, que deveriam eventualmente ser fixadas pelas forças do mercado.

Ele também entende, sob um forte incitamento do FMI, dever proceder a uma reforma de um sistema financeiro que tem sido até agora excessivamente favorecido – pela via das taxas de interesses preferenciais – os sectores prioritários e obriga as pequenas e médias empresas a contrair empréstimos no mercado paralelo a juros usurários. O escândalo revelou a fragilidade do sistema, o seu carácter malsão, e sublinhou a urgência de reformas adiadas por demasiado tempo. Entretanto, as autoridades encaram a hipótese de dar maior liberdade ao sector privado, a fim de lhe dar uma iniciativa mais larga. Enfim, propõem-se reduzir gradualmente as barreiras comerciais protegendo o seu mercado.

Aspecto de concentrações repressivas na Coreia do Sul, durante as revoltas populares de 1980

Liberalização

Tal como o discurso político, aquele que é mantido pelo novo regime sobre a economia reclama-se de estabilidade e de liberalização. Mas aqui, como por todo o lado, elas tardam em se materializar. O plano prevê um longo conjunto de medidas sociais de forma a melhorar as condições de vida da população e a favorecer uma melhor partilha da renda nacional. Seria tempo, pois o «milagre» coreano está longe de ter respondido de maneira satisfatória a certas necessidades fundamentais. O «boom» e as suas estatísticas triunfalistas na realidade mascararam o crescimento das desigualdades económicas e sociais.

Os estudos oficiais sublinham este aumento do afastamento entre uma maioria de pobres e uma minoria de ricos, que por vezes o são imensamente. Apesar das promessas e das previsões, parece que quanto mais a situação económica se degrada, para manter a competitividade e atrair os capitais estrangeiros, mais sacrifícios impõe aos menos favorecidos. Só um forte relançamento da economia mundial seria, de imediato, de natureza a quebrar o círculo vicioso, relançando a progressão industrial e as exportações. À falta disso, os amanhãs de «boom» continuarão a desencantar. ■

DESPORTO

Meu herói é sempre o próximo

Carismaticamente a Volta a Portugal chama-se Ribeiro da Silva, Alves Barbosa, Joaquim Agostinho, para os nossos papás nomes e estradas que tinham outras chagas como marcos e se definiam pelo «Faísca», pelo Nicolau, pelo Trindade. Havia aquele potencial enorme que o Porto atirava para o tapete negro e vinha de lá coroado de louros: sucessivamente o voador Fernando Moreira, o calculista Dias Santos, o assomadiço futuro venezuelano que recebu como apelidos Moreira de Sá, o já gorduchinho Carlos Carvalho, o sorridente Sousa Cardoso mais aquele Mário Silva que vimos na meta que beijou a Turia. Tínhamos também (nós os sulistas, os constantemente espezinhados por uma supremacia a que só restava vassalagem) um pavor dos demónios mal se falava no Joaquim Leão (que me contava, numa pensão na Brancamp, que era irmão de freira) ou no José Pacheco que, mal se lambia uma nota de cem aí ia ele em busca do taco.

Veio depois aquele doutor que aviou (uma receita directa ao pelotão e se chama Joaquim Sousa Santos, duraria apenas um interregno até termos por cá o sorumbático mas excelente Manuel Zeferino que olha para o chão com o receio que a névoa abra lanças naquilo que quer dizer. Só faltava (realmente) um moço que eu quase tivesse visto nascer: aí está e nele aposto.

Marco (o marido de Maria do Rosário e papá de Isabel Alexandra) é a carta em que apostei, eu que tenho vinte e duas sensações diferentes ou comuns, todas sob o rótulo da pedalada luso-graúda. Sou do tempo (leitor perdoa?) em que o Benfica organizou e planeou uma «volta» de tal maneira argutamente que, quando se atingiu a meta no cinzento tapete de atletismo do Jamor, só faltava o roupeiro da águia ser também o melhor de todos.

Lembra-me quando o «Zé da Burra» carregava o prato de esmalte e, de talher em riste, bisava o diálogo com a sopa e o conduto na «Volta das Barracas» esta aí vivo (são e sempre prometendo vinho de Colares) o bom do Domingos Claudino que todas as tardes garante que o futebol do Benfica vai dar três de avanço em cada jogo com os parceiros de Alvalade. Está aí (também), escorreito e vigoroso como um embondeiro, o Jorge Lara que, naquela tarde nos Carvalhos gritava quase histericamente que deixassem passar o seu Menino Jesus, mas que igualmente, não tocassem no sangalhense da concorrência: Ribeiro da Silva entrou no Lima como uma flecha, Alves Barbosa parecia o garoto a quem tinham roubado o carrinho de folha que era o único consolo. Ele que (até) vinha da Figueira da Foz sabendo já entender o desafogo.

Mas, acima da história que não interessava, aí se lembra aquela noite nas Pedras Salgadas, em que o bom do Manuel Tiago foi dois andares para acordar o presidente federativo a quem atendeu «solicitamente» o telefone, alta madrugada, foi este escriba que daria em primeira linha a «drogagem» de Agostinho, o proscrito da vitória. E há aquela do Andrade, duzentos e tal quilómetros no mapa do repórter lisboeta a garantir-me que o único «doping» que tomava era champanhe da bairrada, tal e qual como aconteceu (cara estranha como um bebé desarrumado; a Fernando Mendes, lá na pensão minhota, quando se soube que o café que todos de benfiquistas tinham tomada na cidade invicta estava «iuinado» e dera droga. É todo um repescar na lembrança, quem sabe se alguma lágrima esvoaçando antes de fugir. Agostingo de braço dado com o doutor Ferreira da Silva, dinheiro equacionado para que o «leão» não provocasse a descida de Joaquim Leite e as Antas estivessem à cunha, só depois a camisla amarela saltitasse entre donos. Américo Silva, mala de medicamentos estranhos ainda esquecida nas andanças parisienses de «maçon» tostando ao sol de Carcavelos entre duas turistas que apenas na véspera tinhamconhecido uma «Volta a Portugal» e logo haviam escamoteado para debaixo de saias o filho querido da vitória.

E o esguio Bernardino se tiver coragem confirma a massaroca, alegria ínfima para o Benfica de 76. E o Adelino abraçado à noiva, logo partindo para a pintura de uma vivenda na Caparica. E o Belmiro a dançar por Ovar, terra vareira em que mergulhou um pouco de família. E o Quim a garantir que não voltava a falar com o Chagas, papá de Marco a escutar isso de olhos inchados, no fundo do carro que também me conduzia. E o Francisco contando-me, na manhã de Leiria o sítio exacto em que ia atacar pelo topo da tarde solarenta de Loures. E o Zeferino (ainda de braço com a fortuna de um irmão) apresentando-se na terra a conversada toda amada.

Um mundo aè voltas sobre alguns pares de rodas e muitos dramas

Poderia (igualmente) falhar aqui aquele «Prémio Robial-lac», em que Agostinho fez estremecer meio milhão cavalgava-se de Setúbal para a praia e, no alto da Arrábida, o Miguel Arantes e o Domingos Claudino pegaram no bidão que o verde-branco atirara fora e, despejando o restinho do líquido, pegaram fogo ao «capot» do carro. Seria (também) fácil lembrar aquela noite depois de um Paris-Nice quando o soberbo Manuel Gomes garantia que voltávamos para o ver ganhar uma «volta» ou aquela de terem acabado com as pistas e, agora, Lisboa e Porto, Porto e Lisboa, ficarem confinados a uma fragância de perfume diluído de longe.

O ciclismo a «volta» os efémeros como os dilatados senhores do pedal, tinham hoje, aqui, aí no seu coração (leitor) um largo pedaço para solicitarem entrada e ficarem requebrados. Só que cada pedalada esquece a anterior: e, roçar brusco pelo passado, a vertigem e tal que logo se toca o amanhã. Quando todos estivermos aplaudindo Marco Chagas, a carta em que também apostei até quando o meu emblema disse adeus àquela que poderia ser hoje a mais credenciada e apta formação do luso ciclismo, para me obrigar quase de mala às costas o coração calcado, a vibrar com um Porto que ergue o cálice pelos seus heróis.

Tu: um emigrante da outra cidade.

Neves de Sousa

Emídio Pinto: O "meu menino" vai ganhar

«Para o Furadouro?.Esperava que tivesse acontecido tal e qual: etapa bem disputada mas sem problemas. Houve uma certa passividade do Adelino e eu compreendo-a perfeitamente face às características do percurso».

Marco Chagas está rodeado por uma pequena multidão. Vamos arrancar para a Póvoa do Varzim, o leitor terá mais para diante a pequena história do que vai passar-se nestes noventa e sete quilómetros que precedem aquela que poderá ser apenas a vitoriosa caminhada para os quarenta e dois mil metros que ficam junto ao mar de Matosinhos, provavelmente percurso entre o delirante entusiasmo de quantos portistas esperavam novo reeditar do sucesso sonhado. Mas, já no selim, Marco ainda abre o coração:

«Claro: ainda tudo pode acontecer, mas espero chegar a casa com a última camisola amarela. Quanto ao controlo anti-«doping», que tem dado negativo para toda a gente, também não me preocupa: estou consciente, embora depois do que aconteceu uma vez (1979, triunfo laboratorial de Joaquim de Sousa Santos) seja sempre de esperar tudo e mais alguma coisa...»

Dizendo adeus:

«Mas, não: desta vez, ninguém vai destruir o meu esforço».

Ruas: «Parabéns, Marco»

Depois do contra-relógio para a Curia, a tirada de ontem que levou a companhia em festa até ao Furadouro foi nova oportunidade para brilhante e sossegado pé-de-meia dos carteiristas que, perante a afluência e entusiasmo de uma multidão de dezenas de milhares não precisavam de sofrer grandes sustos para, estendendo rapidamente as «pinças» irem aliviando os bolsos da plateia. Foi uma vida extremamente facilitada: para mais que a fita de estrada, comprimia de tal modo os ciclistas que, se alguém estendesse uma mãozinha, ou se estatelava um campeão ou até a bicicleta voava para outras posses... Foram oitenta e quatro quilómetros quase sempre corridos entre ovações e alegrias. Escapadas breves a marcarem aceleração:

Bernardo de Sousa a desanimar em quinhentos metros mas Benjamim Carvalho a comandar durante duas dezenas de quilómetros distanciado progressivamente até enfiar para o bornal dezoito notas com a rainha e mais umas taças para o museu lousanense.

Quando se cruzava ma marrossa, o pupilo do dr. Artur Lopes ainda pedavaka sem espartilho: a renuncia cegaria quando o moço se deu por satisfeito e, absorvido pelo pelotão passou a contemplar as efémeras saídas de Manuel Alves, Isidro Miranda, Carlos Ferreira e novamente Bernardo de Sousa, tudo gente a reduzir-se quando a meta na porta com Aveiro foi transposta por Tito Timóteo, um rapaz desconcertante que tanto é capaz do óptimo como do mais negativo.

Outra vez umas «sapatadas» (Manuel Alves, Manuel Gomes, Venceslau) e finalmente, uma avançada que quase pegou: Eddy Smolivaki chegaria a ter cinquenta e cinco segundos de avanço mas a estrada, que mal dá para passar uma formiga, ainda pior ficou quando na frente não estava nenhum dos «heróis» desejados pelo coração do areópago. O rapaz do Luso-Canadian, apertado por tudo o que parecia nascer debaixo de pedras, acabaria por ser um dos três únicos que não entraram no bloco comandado por Alexandre Ruas, já que gastou mais cinquenta e dois segundos que o homem do Lousa mas mesmo assim menos que Gaspar Gonçalves e Isidro Miranda, dois coelimas que cortaram o fio branco com um minuto e dezoito segundos de afastamento do topo da grande serpente, reflectindo (nos seus últimos lugares) a péssima preparação que a turma da Coelima trouxe para a «Volta a Portugal» tradicionalmente sempre a contar com o vigor e talento dos colegas de Luis Teixeira mas este ano mais incógnito que filho de pai desnaturado.

Não falemos de fracassos: dos fracos não rezará a história. E, nos fortes de ânimo, vamos encontrar Alexandre Ruas:

– Perdi e reconquistei a camisola verde (comandante da classificação por pontos) e a outra coisa não posso aspirar. O triunfo do Marco Chagas corresponde ao seu valor: a prova foi dada no contra-relógio.

Dou já os meus parabéns ao Marco.

Projectos, sangue, sonho

João Faria (que anda por cá comandando a turma do Vigaminho) acerca-se de Alexandre Ruas e jura-lhe: «Cobrimos todas as ofertas que te fizerem. Queremos também o Marco Chagas e o Fernando Fernandes. Para o ano, uma nova equipa (a Mako Jeans), dirigida pelo Onofre Tavares) vai ser um caso muito sério». Venceslau também me conta que está falado para dirigir o Benfica: o convite (quase diariamente reiterado) parte de ordem vinda do presidente Fernando Martins, certamente a querer cumprir uma fatia do plano que prometeu aos apaniguados do emblema da águia. E há gente muito pretendida: por exemplo o rapazito que venceu em Oliveira do Bairro, o tal Fernando de Carvalho que tem dezanove anos e nasceu em São Paio de Oleiros, perto de Vila da Feira, filho do «antigo» Alberto de Carvalho, exactamente esse que perdeu uma «Volta a Portugal» porque, perto de Leiria, deu um trambolhão dos demónios. Também na turma do Tavira/Slyber está a ser laçada a isca. Quem não gosta disso é o engenheiro Brito da Mana, figura típica e credenciada no nosso ciclismo, que desabafa:

«Temos aspirantes, juniores, seniores A e B, trinta ciclistas que podem dar muito que falar, especialmente Jorge Evangelista, José Mendes e o júnior Jorge Corvo, que é filho do antigo campeão e promete seguir as pisadas do pai e do tio. É indecente que queiram fazer equipas sem empatarem tempo

Continua na pág. 18

RIJOS
SIMBOLO DE QUALIDADE REQUINTE E UTILIDADE
EM CADA CONCELHO DO PAÍS, SELECCIONAMOS OS MELHORES ELEMENTOS PARA NOS REPRESENTAREM
AS GRANDES EMPRESAS INDUSTRIAIS CONFIAM A RIJOS, A COMERCIALIZAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS
ORGANIZAÇÕES RIJOS
SEDE:
RUA DA RESTAURAÇÃO, 317-1º
4000 PORTO
UMA EMPRESA DE VENDA DIRETA

DESPORTO

Continuação da pág. 17

de trabalho: chegam com dinheiro na mão e pronto.

Neste ciclismo falsamente rotulado com os mais variados letreiros, os «amadores» do futebol Clube do Porto ainda mal terminam de dar o KO na «Volta» e já têm o OK para irem até ao Brasil: segunda-feira Marco Chagas, José Amaro, Manuel Zeferino e Eduardo Correia seguem com o técnico Emídio Pinto para terras de Santa Cruz. O quarteto de mosqueteiros do pedal sempre às ordens da legítima entidade patronal. E lá vão, todos sem cuidados: até a Carla (quatro anos, filha de José Amaro) vai passar duas semanas à casa portista de Anibal Fernando, dirigente da turma das Antas.

Quem deve ter ficado preocupado foi quem conhece Armindo Gonçalves e soube, ao pôr da tarde de ontem, que o actual estafeta-moto da corrida (antigo ciclista e há poucos anos técnico do Futebol Clube do Porto) teve um acidente aparatoso e recolheu ao hospital de Ovar, sujeito a tratamento prolongado pelos doutores Barreiro de Magalhães, pai e filho.

Em contrapartida, a alegria e a esperança continuam para o minhoto Américo Cardoso que, se tudo correr como espera, amanhã (domingo) a esta hora já será um homem casado, com festa rija lá na sua aldeia minhota.

Missões diferentes

Aproxima-se o correr do pano. Avizinha-se um pequeno pandemónio a caminho de Matosinhos. O tenente Gomes Maia, que chefia a brigada de trânsito que emoldura a «Volta» insiste:

«Lanço um apelo a todos os verdadeiros desportistas: esta tarde, dêem espaço à caravana, ajudem a salvaguardar a integridade física dos ciclistas.

O meu menino

Espero que o civismo e a ética sejam respeitados nesta ponta final, para que a «Volta» termine sem o mais pequeno acidente. Ontem, nem foi possível um «sprint» largo e muito participado em termos de luta para o primeiro lugar porque a multidão era tanta que passarem os carros e ciclistas já foi uma maravilha: é uma sorte espantosa...»

Frisando bem:

«Acho que ninguém deseja uma prova frustrada. É que todos queremos retirar-nos com a missão cumprida».

Cumprida ou comprida? Pelo menos, tem sido muito difícil para Fernando Maia, o único «homem só» em toda a caravana do pedal. Tem 21 anos (feitos no mês passado), está cumprindo o serviço militar na Força Aérea: «Para o ano, se tiver apoio, talvez consiga fazer alguma coisa. Agora, nas condições em que vim, foi autêntica aventura...»

Então não é verdade que não somos bons em nada?»

Fernando Maia, o 61, acrescenta:

«Para mim, esta «Volta» foi um teste. As etapas alentejanas foram o diabo...»

«Como é que o Rio Tinto aparece nas altas andanças voltistas?» O nosso homem das Forças Armadas responde:

«Fez-se uma equipa exclusivamente para que eu pudesse vir: Os meus quatro colegas já tinham avisado que só alinhavam e iam logo embora, porque não estavam preparados. Mas, se não tivéssemos o mínimo de cino à partida, nem eu aqui andava...»

Fernando Maia tem uma namorada: Lurdes, de Castelo da Maia.

«Posso amandar-lhe um abranço? Beijo fica chato, não acha?»

Apoteose?

Em Ovar, pedalando por tora como que a recordar bons e recentes tempos, estava Manuel Durão, o sangalhense que teve a honra de, numa «Volta» que deu triunfo final de Joaquim Agostinho, bater o homem de Brejenjas na pista da Bairrada.

«Estou como ciclista e treinador no Clube Académico de Espinho. Temos um presidente que quer fazer coisas (o se. Freitas) e um director desportivo (Quirino) que também é uma jóia. Já inscrevemos aspirantes, vêm aí seniores B, a cidade de Espinho está entusiasmada com os seus ciclistas. Para o ano já se vai ver...

Fiquemos, porém e para já, nesta «Volta» a Rodovil dando doze dias de férias na Madeira à sua representação, Manuel Graça e Leonel Miranda já tentados por convites para voltarem como técnicos, Emídio Pinto a confessar que está muito nervoso com a recepção que pode ter em Matosinhos e no Porto, onde trabalha diariamente como ajudante de despachante oficial:

«Se o meu querido menino chega lacom a amarela, é o delírio». Marco Chagas: o querido menino do seu técnico. Só? Apenas? A resposta será dada por uns largos milhares de adeptos azuis-brancos que a estas horas começam a tomar posições para ensurdecerem a caravana mal se veja Marco Chagas, de amarelo, bem na testa de todo o exército do pedal.

Neves de Sousa

Telecomunicações impecáveis

Para quem dilacerou meses em corridas de bicicletas ou, mais latamente, fez cinturas ao mundo acompanhando grandes acontecimentos e sabe quanto é difícil chegar ao fim do dia e saber que o retrato daquilo que presenciou vai chegar fielmente aos seus amigos leitores, é de inteira justiça ser obrigado, na hora do adeus, a agradecer (de chapéu na mão) não somente o dever cumprido mas, fundamentalmente, a boa vontade, compreensão e entusiasmo colocados na sua função pelo trio de telecomunicações que acompanhou a sala de imprensa desta «Volta a Portugal» em bicicleta.

Provavelmente, os chefes nem sequer conhecem estes três trabalhadores, mas para todos nós (os da informação) eles foram uma espécie de companheiros confidentes que, sabendo de cada um em particular, a nenhum outro divulgavam o que era segredo do seu estado. Três funcionários das telecomunicações – CTT que merecem inteiramente a nossa nota 20: o júri do «DL» não pode ir mais além para Maria da Conceição Rodrigues, José Augusto Mendes e António Marinho.

Neves de Sousa

Notícias do outro mundo

Quando o impossível se torna realidade

Durante muitos anos, a medicina foi acumulando dados sobre as pessoas doentes, mas só esporadicamente estudava as pessoas sãs.

Médicos afirmam que ninguém é são em absoluto, mas adiantam que quem mais se aproxima desse estado ideal são os cosmonautas e os desportistas.

A medicina contribui poderosamente para a descoberta das aptidões físicas do homem. Não se estranhe se, em breve, junto ao nome do treinador que preparou o atleta, campeão ou recordista, se passar a registar igualmente o nome do médico que colaborou também na sua preparação.

A verdade é que tem vindo a tornar-se cada vez mais indispensável a aplicação de novos métodos não só da medicina em particular como da ciência em geral no progresso do fenómeno desportivo.

No desporto, os impossíveis foram sendo transformados em realidade. Vladimir Kuznetsov, doutorado em Ciências Pedagógicas, começou em 1950 a proceder a experiências em electromiografia assinalando as correntes biológicas dos músculos.

Num laboratório especialmente apetrechado para o efeito, Kuznetsov anotava os movimentos dos desportistas durante as suas impulsões e os dados que obteve permitiram-lhe elaborar um novo método de desenvolvimento da velocidade e da força dos lançadores de dardo.

Poucos anos volvidos, os treinadores realizaram a primeira experiência do novo método reunindo um grupo de lançadores muito jovens.

O resultado ficou bem à vista de todos, pois o dardo foi parar a mais de 85 metros de distância.

A partir de então, as capacidades individuais dos atletas passaram a ser avaliadas conjuntamente por pedagogos, fisiólogos, psicólogos e fisioterapeutas num trabalho que tem vindo a alcançar os seus objectivos mais elevados.

A aplicação da medicina em particular e da ciência em geral ao desenvolvimento do fenómeno desportivo tem rasgado perspectivas importantes de progresso, a principal das quais é, sem dúvida, a de ajudar o homem a aperfeiçoar-se não só como desportista mas, essencialmente, como ser humano.

Estádios à porta de casa para promover o desporto

Nos tempos que vão correndo, é cada vez mais difícil conseguir tempo livre indispensável para dedicar à prática da cultura física e do desporto.

Um dos principais obstáculos ao exercício regular assenta, de modo geral, nas distâncias longas que é necessário percorrer desde os locais de residência ou de trabalho até aos recintos desportivos.

A questão coloca-se com maior acuidade nas cidades grandes, evidentemente, uma vez que aí existem dificuldades maiores no acesso às zonas menos poluídas onde, em princípio, se deve situar a maior parte das instalações de desporto.

Não espanta, pois, que em alguns países se haja optado pela construção de pequenos complexos gimnodesportivos em cada bairro.

A «política dos estádios à porta de casa» tem, assim, privilegiado o aspecto funcional dos recintos no que diz respeito aos praticantes em detrimento da sua capacidade no tocante aos espectadores.

Entre os soviéticos, por exemplo, também se optou pelo aumento do número de pequenos complexos gimnodesportivos em cada bairro, porque tanto a cultura física como o desporto constituem parte integrante do quotidiano dos cidadãos.

Trenó: a vitória sobre o medo

Num belo dia de Verão, 7 de Agosto de 1972, a futura campeã olímpica Vera Zozulia tomava lugar, pela primeira vez, num trenó.

Tratava-se de um trenó que deslizava não sobre gelo mas, assente em rodas, sobre o betume aquecido da estrada que liga Riga a Valmiera. Zozúlia entrara na modalidade por mero acaso, pois uma amiga tinha-a convidado apenas para assistir a um treino.

A jovem soviética já antes praticara desporto: luta-sambô, atletismo, ténis e basquetebol.

Mas o trenó exerceu sobre ela uma atracção poderosa e definitiva, levando-a a dedicar-se-lhe de corpo e alma.

Sua mãe, Uliana Konstantinova, ao saber da sua nova paixão ficou radiante: «O trenó sempre é melhor que a luta-sambô, é mais calmo, só se desce, já não provoca entorses nem fracturas!»

Ignorava, evidentemente, que as corridas de trenó chegam a atingir velocidades superiores a 150 quilómetros por hora, que as quedas são frequentes, que os ferimentos são graves, que o risco é, enfim, incomparavelmente maior.

A prática do trenó começou, para Vera Zozúlia, com a vitória sobre o medo. Afirmava, de início, que não, que acabaria por desistir, que tinha medo da velocidade, mas a verdade é que a sua voz não tinha lá muita convicção.

Acima de tudo, realmente, o que ela pretendia era vencer-se a si própria, derrotar o seu próprio medo. Tratou-se, afinal, de uma luta muita dura, que durou mais de um ano.

Depois, sim, vieram as vitórias. O ponto mais alto ocorreu nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980, em Lake Placid, nos EUA.

Primeira Jornada do Nacional de Futebol

Artur Jorge e Pedroto: frente-a-frente em Portimão

Os dois mais credenciados técnicos portugueses, **Artur Jorge** e **Pedroto,** representando, curiosamente, o primeiro, a nova camada de bons e jovens treinadores e o segundo a velha guarda, estarão esta tarde, às 16 horas, no estádio de Portimão, em bancos diferentes, a «sofrer» os noventa minutos da jornada inaugural de mais um Campeonato Nacional da I Divisão.

Para o **FC do Porto,** que corre claramente para o título, este primeiro jogo no campo do **Portimonense** não vai ser «pêra doce». A equipa de Artur Jorge, com reforços de peso (Damas, Carlinhos e Águas) e nomes credenciados da época passada (como Norton, Coelho, Amílcar, Alinho, Murça) mostrou já nos seis jogos da pré-temporada (seis vitórias, duas das quais com o Sporting) que está neste campeonato para medir forças, de igual para igual com qualquer um dos favoritos.

Os outros dois jogos da jornada inaugural previstos para esta tarde, **Boavista -Estoril** (16 h) e **Braga - Guimarães,** (18 h) a curiosidade maior vai para o «derby» minhoto, de resultado sempre imprevisível. No entanto, o jogo do Bessa terá como aliciante a primeira prova real da turma agora orientada por Stessl (ex-FC do Porto) com bons resultados nos jogos de preparação.

Os dois mais credenciados técnicos portugueses (Artur Jorge e Pedroto) medem forças esta tarde em Portimão na ronda inaugural da 1.ª Divisão

A jornada completa-se amanhã com os jogos **Espinho - Benfica, Alcobaça -Rio Ave, Varzim - Amora** e **Sporting - Marítimo** (21.30). O V. de Setubal descansa pois ainda decorre a «liguilla» para apuramento do 16.º primodivisionário, que será uma de quatro equipas, Salgueiros, Penafiel, Farense e Académico.

Dos jogos de amanhã o interesse maior vai naturalmente para os jogos em que participam os campeões nacionais, agora sob a batuta de Oliveira, jogador-treinador (com um salutar empate ontem em Espanha contra o Valência de Kempes) e o Benfica, orientado pelo jovem e credenciado sueco Eriksson, com magníficos resultados nos jogos já efectuados.

Enfim, a ronda ainda agora vai começar, mas a verdade é que este campeonato promete ser mais renhido na luta dos primeiros lugares.

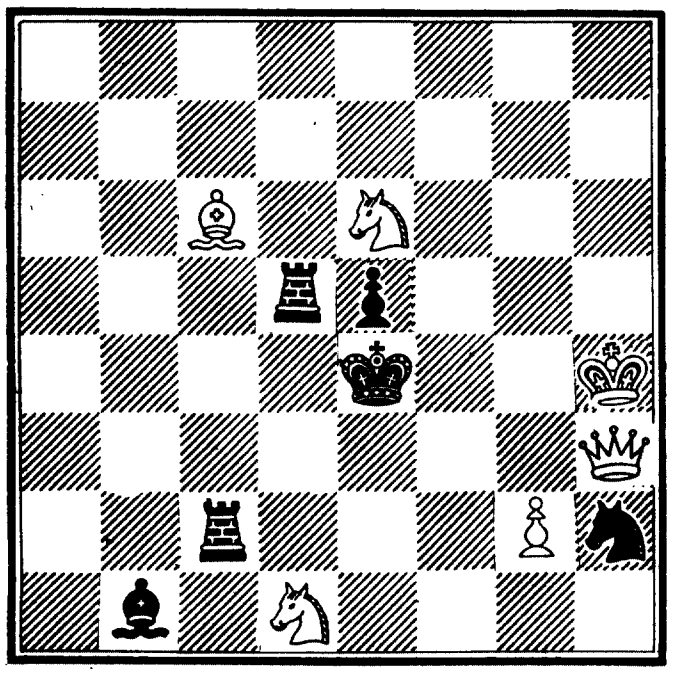
O traço de Pargana

Artur Jorge e os «seus muchachos» vão dar que falar

Problemas de Xadrez

A Tc2 está numa casa focal, em relação às casas c3 e f2; pode, pois, mover sob pena de mate. Nem também pode jogar o Ch2. Fica como peça preta disponível, unicamente o Bb1.

Mas é notável que, com todas as suas peças disponíveis, também às brancas só convém mover uma na preparação do mate.



J. Kohtz e C. Kockelkorn
«Palamède» 1865
(5 lances)

SOLUÇÃO:
Problema de verdente única. 1. Rh5, Ba2 2. Rh6, Bc4 3. Rh7, Bb5 4. Rh8, Bxc6 5. Dh7++. Outros possíveis lances do B negro, nada alteram. É o tema Dunbar. Lances só de R com a eventual exceppção de um.

BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA CULTURA
E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Secretaria de Estado da Cultura

BIBLIOTECA NACIONAL

Reencadernações de obras fora da Biblioteca Nacional

Está aberto concurso público, pelo prazo de 15 dias, a contar da data da publicação deste anúncio no «Diário da República», para a reencadernação de 3250 volumes.

O caderno de encargos existente no Serviço de Contabilidade da Biblioteca Nacional, Campo Grande, 83, 1751 Lisboa CODEX, pode ser consultado todos os dias úteis às horas de expediente.

ÚLTIMOS DIAS
DA
LIQUIDAÇÃO TOTAL
DA

STOP

RUA DO OURO, 260

PREÇOS DE ARRASAR

MALHAS — PRONTO-A-VESTIR
FATOS DE BANHO — LINGERIE
ENCERRAMOS
PARA
BENEFICIAÇÃO TOTAL

VOLTAREMOS EM BREVE
PARA SERVIR MELHOR

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

29

© OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.

Estradas perigosas Condutores apressados
Engarrafamentos Parques de estacionamento superlotados
Tudo isto, durante as suas férias? Não!
Tenha férias tranquilas

Vá de comboio para a praia A ler, a conversar, a ver a paisagem. Tranquilamente A qualquer dia da semana

E aproveite as vantagens que a C P lhe oferece
De bilhetes semanais e passes mensais De modernas máquinas automáticas para bilhetes De comboios com partidas constantes, em ambos os sentidos

Tire o máximo proveito de umas férias tranquilas
Aproveite o comboio

Caminhos de Ferro Portugueses

CP/Gabinete de Design

Entre 9 e 19 de Setembro

Estreias portuguesas fogem do Festival da Figueira

As representações francesa e alemã-federal são «as que reúnem mais motivos de curiosidade» entre a programação prevista do Festival de Cinema da Figueira da Foz – admitiu ontem o director do certame.

José Vieira Marques precisou que a décima primeira edição da iniciativa, a decorrer de 9 a 19 de Setembro, exibirá cerca de 120 filmes de mais de duas dezenas de países. 35 longas-metragens estarão a concurso na selecção oficial.

A representação da França inclui nomeadamente «O Homem Frágil», de Claire Clouzot, «Mur... Murs» e «Documenteur», de Agnes Varda, «Cinco e a Pela», de Pierre Rissient, «Muito Cedo, Muito Tarde», de Jean-Marie Straub, «A Ponte do Norte», de Jacques Rivette, e «As Asas da Pomba», de Benoit Jacquot.

A RFA estará presente com, entre outros, «Gotas de Chuva», de Michael Hoffmann e Harry Raymon, «O Estado das Coisas», de Wim Wenders, e «Dos Juízes e Outros Simpatizantes», de Axel Engstfeld.

No que diz respeito ao cinema português, nenhuma das longas-metragens ultimamente acabadas estará presente na Figueira, facto que o director do festival explica pelo interesse que os seus autores terão em deixá-los por estrear de modo a poderem disputar a presença num dos certames internacionais, nomeadamente Cannes e Veneza.

Todavia, para além de uma já anunciada retrospectiva temática («A Cidade e as Serras») e de uma escolha de Manoel de Oliveira, o programa do Festival inclui a exibição, dia 12 às 15, de «A Ilha dos Amores», de Paulo Rocha, e dia 17 às 21.30, passarão dois dos seis episódios que Eduardo Geada fez para a Televisão subordinada ao título «Lisboa Cidade Anónima».

Os episódios a exibir são «O Banqueiro Anarquista» e «O Homem que não Sabe Escrever» a partir de textos de Fernando Pessoa e Almada Negreiros respectivamente.

De Angola estarão na Figueira três filmes de dois autores: «No Caminho das Estrelas», de António Ole, e «Nelesita» e «Balanço do Tempo», de Ruy Duarte.

Angola manda ao Festival uma delegação oficial.

Outras películas ainda não anunciadas e que passarão à meia-noite numa secção dedicada a filmes musicais: «Solo Suny», de Konrad Wolf, RDA, «Concerto», de Gabor Kolty, Hungria, «A Balada de Saimaa», dos filandeses Aki Kaurismaki e Mika Kaurismaki, e «Angústia de Viver», de Denis Hopper.

«O Incendiário» de Herlander Peyroteu, será também exibido na Figueira.

Para além das presenças francesa e alemã-federal, José Vieira Marques considera particularmente importante as sessões dedicadas aos realizadores negros norteamericanos e ao cinema para crianças, este acompanhado de uma exposição de origem belga e que inclui filmes de seis países.

O director do Festival afirmou que já confirmaram a sua presença na Figueira, para participarem em colóquios, 12 realizadores de outros tantos países e jornalistas e críticos da Suécia, Inglaterra, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Argentina, Polónia, Checoslováquia, Itália, Angola e EUA, para além de Portugal.

Vieira Marques revelou que esta décima primeira edição custará cerca de 4,9 milhões de escudos, para cuja cobertura a organização apenas assegurou metade.

«Cinquenta por cento dos subsídios previstos falharam em cima da hora» – afirmou Vieira Marques.

Referia-se explicitamente ao IPC, cujo subsídio diminuiu – disse – cem mil escudos relativamente a 1981, ao FAOJ, à Direcção-Geral do Turismo e à Direcção-Geral de Acção Cultural, entidades que – precisou o director do Festival – cortaram as verbas que vinham dando à organização desde há anos.

Previsto também um programa de médias-metragens portuguesas que exigirá nomeadamente «Tendresse–, de José Lã Correia, «Jack», de António Manuel da Silva, e «Arábia», de Rosa Coutinho Cabral.

Outras películas nos últimos dias asseguradas pela organização: «Senhora de Ninguém», da argentina Maria Luísa Benderg, «The French», de William Klein (longametragem sobre a competição de ténis a alto nível), «A Pastoral», de Otar Yosseliani, e «Stalker», de Andre Tarkowski – ambos soviéticos –, «Morrer aos Trinta Anos», de Romain Goupil – este ano premiado em Cannes –, «Olhares e Sorrisos», do inglês Ken Loach, e «Com Residência Vigiada», do senegalês Paulin Vieira.

Concurso de cartazes do FITEI

A organização do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI) vai promover um concurso internacional do cartaz de teatro de expressão ibérica.

O concurso está integrado no Quinto FITEI a realizar de 6 a 21 de Novembro.

Um júri, constituido por artistas plásticos, professores da Escola Superior de Belas Artes do Porto, técnicos de artes gráficas e um representante do FITEI, procederá a classificação dos três melhores cartazes, aos quais serão atribuídos prémios.

Os cartazes seleccionados pelo júri farão parte de uma grande exposição sobre este primeiro concurso internacional do cartaz de teatro, que estará patente durante o quinto festival.

O cartaz a concurso deverá ser enviado para os Serviços Centrais do FITEI, na Rua do Paraíso, 217, 2.º, Sala 5 – 4000-Porto, até 25 de Outubro.

Avinhão — as férias do teatro

7 — A Voz Humana

Continuamos na área do teatro musical. «Recitations» (Declamações), música de Georges Aperghis, encenação de Michel Rostain, interpretação de Martine Viard.

Georges Aperghis, grego de 37 anos, vive em Paris desde 1963, tendo-se dedicado especialmente ao teatro musical. Apresentou obras suas em várias edições do Festival de Avinhão e no Festival de Outono, em Paris, além de outros. Director musical do Teatro Cahillot e do Atelier Théâtre et Musique, Aperghis tem feito um trabalho muito interessante de criação colectiva com outros artistas e mesmo com a população de bairros populares de Paris. Os seus espectáculos procuram conciliar o experimentalismo musical com formas cénicas concretas, conseguindo resultados notáveis ao nível de reconstituição de um quotidiano popular (o trabalho do artesão, por exemplo).

Extraio dos textos de apoio: «Para Georges Aperghis o questionamento das relações entre teatro e música oriundas da ópera ou do concerto, implica a invenção de formas de trabalho originais capazes de vencer o bloqueamento no interior do qual compositores, autores, encenadores e intérpretes tradicionalmente operam. Deste modo, para ele o espectáculo não pode nunca ser concebido como um produto acabado, mas, pelo contrário, é o resultado duma aventura partilhada por uma equipa de criadores, de um vaivém permanente dos diversos criadores, cujas experiências se fecundam mutuamente. Cantores e actores têm nisso uma participação essencial, como o que se refere ao grupo permanente de que é responsável em Bagnolet, voltado para a investigação colectiva de códigos que permitem a partir da música, desencadear outras acções. «O que faço com o grupo, diz Aperghis, é fundamental na minha actividade de compositor. (...) Gosto de escrever música de espectáculo, música que deve agir... É necessário ver as relações entre um som e um gesto, o som construído pelo gesto, o conjunto desse com outros sons e outros gestos. O ritmo musical permanece a chave de todas as nossas escolhas. É dele que a improvização nasce, que criámos um nexo gestual. Assim, a música adquiriu um novo valor. Mantém qualquer coisa que não é «música» mas que agarra o momento no qual o suspiro de alguém, mais um outro som, um terceiro, constroem ao mesmo tempo um espaço musical e um espaço teatral de tal maneira articulados que o todo transmite uma emoção...»

«Recitations» é um conjunto de 14 textos de duração variável (um a cinco minutos) escritos em 1977/78 para uma voz solista de soprano, sem acompanhamento.

Há aqui uma música que resulta do tecido vocal da intérprete mas há também uma encenação teatral, objectos cénicos, uma personagem que percorre um determinado itinerário de situações dramáticas.

Uma mulher; no chão, alguns objectos de toilette, frascos, um pequeno espelho, telefone, uma pequena jarra com malmequeres, um pequeno gravador. Na parede um espelho de corpo inteiro.

Estamos na minúscula rotunda da «Condition des Soies», completamente cheia, com muitos espectadores sentados no chão.

Pode admitir-se que há uma história. Uma mulher na sua solidão, no seu despertar, nas suas relações com os outros, na ironia de um discurso que espera aplausos, no encontro entre ela, intérprete, e o compositor de quem diz o nome, no final de uma das peças, como se apusesse uma assinatura. Isto é importante? É pelo menos bastante interessante. Mas nada vale se não o articularmos com o trabalho da actriz-cantora. Ali, tão perto que lhe podemos tocar, Martine Viard, que tem trabalhado muito com Aperghis, que para ela compôs este recital, ali, palpável no seu corpo, no seu rosto, e impalpável nessa voz espantosa que nos atravessa como uma faca sem lâmina nem cabo, como uma flor, como um poema, como um furação, como

Martine Viard

um vulcão, como uma dor e um prazer.

O leitor vai pensar, com alguma razão, que exagero. Mas é que o trabalho de Martine Viard é **realmente alucinante** como escreveu o crítico do «Libération» (alguma vez hei-de estar de acordo com os rapazes). Mas há também o trabalho com o corpo, com o rosto, com as mãos, o trabalho da actriz que representa uma personagem em determinadas situações. Mas há a voz – que espantosa voz! Como passa do agudo ao grave como se nada fosse, como fala, grita, soluça, e canta, e ri, e fala, e canta, parece que tudo ao mesmo tempo. Utilizando registos incríveis, modulando, exprimindo a vida e o vazio, o interior e o exterior, esta voz que os meus ouvidos quase não suportavam, tão cheia surgia, tão extensa, rica, vibrátil, surda, de seda e de madeira, de cristal, claro, água que canta, vento entre árvores, fogo e gelo, dor sobre-humana, sussuro de ternura, ironia feroz., canto doce, e tudo isto sem esforço, quase a sorrir.

«Um corpo estranho, finíssimo,/deslizava sobre o cristal com as suas inumeráveis patas/angulosas – vi-as ampliadas,/as suas pontas lentas, num movimento lento, num tempo/lento, quase imóvel. (...) Não pude suportar esta secreta felicidade: ser luminescente,-/com uma delgada película de realidade rosa e violeta».

Os versos de Yannis Ritsos vêm-me à memória ao recordar a voz de Martine Viard, talvez sem razão, quem sabe das razões da poesia.

E nós com o coração a bater com medo que aontecesse qualquer coisa àquela voz forte, forte é certo, mas depois frágil, de menina, e outra vez forte, da vida de uma mulher, que sem temor pisa a terra com os pés nus, escuta, atenta, os ruídos misteriosos da parede rugosa, da velha parede cor do tempo.

Não sei se Martine Viard poderá continuar a cantar assim, sem rede, a abusar da sorte deste instrumento maravilhoso, único, com que a natureza a dotou. Sei que estes 45 minutos foram talvez, e relativamente, os mais perturbadores, os mais fortes, os mais chocantes, dos 35 espectáculos que vi em Avinhão.

Connosco, suspensos, quase sem respirar, os espectadores pareciam siderados, como se não acreditassem no que ouviam. E não era caso para menos.

«Ion»: o regresso às origens

Um dos espectáculos que, na área do teatro musical, mais prometiam era uma encenação de «Ion», tragédia de Eurípedes, um trabalho de Georges Boitard, com música de Bernard Cavanna. Regresso às origens, escrevi. Só, porém, na medida em que se tentava transformar uma tragédia grega em teatro musical, não que o compositor tentasse reconstituir a música da Grécia antiga ou que o encenador pretendesse reconstituir o espectáculo tal como teria sido apresentado no tempo do autor.

Parece provado, de facto, que a música tinha uma parte importante no espectáculo grego e pode dizer-se que a tragédia estava mais próxima da ópera (ou do teatro musical) que do teatro de hoje. Nessa medida, seria interessante ver como funcionaria um texto grego, mesmo traduzido, com música mais ou menos adequada.

«Ion» é uma tragédia muito pouco representada. Segundo os textos de apoio é uma das poucas peças de Eurípedes que não foi representada em França desde o século XVIII. Este esquecimento a meu ver justifica-se, pois trata-se de uma das obras teatralmente menos ricas, sob todos os aspectos, dos trágicos gregos. A história é a seguinte: Creusa, violada pelo deus Apolo é condenada a abandonar o filho. A profetiza do templo onde a criança foi abandonada, inspirada por Apolo, recolhe-a e educa-a. Aí Ion vive feliz até ao dia em que a própria mãe vai ao templo, com o marido, pedir a graça de um filho. Dizem-lhes que a primeira pessoa que encontrarem na estrada será filho deles. Creusa, encolerizada por julgar ser Ion, já homem, fruto duma ligação do marido, pretende envenená-lo mas ao ver o cesto em que outrora colocara o filho, descobre que este e Ion são o mesmo. «Ion» é uma das raras tragédias com «fim feliz», o que teria contribuído, diz-se, para ser pouco apreciada.

O espectáculo realizou-se no claustro da igreja dos celestinos (Cloître des Celestins), um dos mais belos espaços ao ar livre do festival, com dois enormes plátanos constituindo o enquadramento ideal dos espectáculos ali realizados.

O principal elemento cénico era constituído por uma estrutura em forma de escadaria, em madeira clara, coberta por um pano transparente, a que a iluminação interior conferia alguns belos efeitos. Parte dos componentes da orquestra situava-se à esquerda desta estrutura, com dois elementos de percussão, fundamentais, situados no corredor superior do claustro.

Os músicos, que evoluíam no espaço, dispunham de três aparelhos de televisão para poderem acompanhar as indicações do maestro. Os próprios músicos, aliás na maioria mulheres, constituíam o coro, de grande importância, o que significa que se exprimam em três planos: representavam, cantavam e tocavam vários instrumentos. Esta versatilidade foi um dos aspectos que nos surpreendeu neste espectáculo.

O protagonista, Alain Zaepffel, realizava um autêntico **tour de force** misturando de uma forma tão natural a voz falada e o canto», escrevia Gérard Condé, crítico de «Le Monde», e era esse outro mérito do espectáculo, tanto mais que a intérprete de Creusa (Anna Bartelloni) o acompanhava com uma voz de extraordinária ductilidade, realizando a façanha de cantar uma cena colocada de costas e de cabeça para baixo.

Ritual lento, procura através da iluminação, da movimentação, da criação de espaços vários, da envolvência musical e sobretudo dos acentors bárbaros que marcavam por vezes a composição, procura das formas da tragédia, «Ion» atravessava longos momentos aparentemente vazios, insuportavelmente tediosos. Foi, aliás, um dos raros espectáculos mal recebidos pelo público, com grande número de espectadores a sair antes do fim e alguns apupos.

Espectáculo difícil, com um texto dificilmente entendível, música nem sempre convincente nas suas pretensões experimentalistas, encenação convencional na procura do novo (só na aparência), nem por isso se pode deixar de reconhecer a beleza visual e sonora de algumas cenas, a qualidade da interpretação, tanto no que se refere à execução vocal como instrumental.

Carlos Porto

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O sal, o vinho, a gordura, a RTP...

Cantou a Diana Ross. A locutora para mostrar suas prendas liceais, pronuncia **Daiana.** Como antigamente o Cerqueira dizia Ci Ai Ei (CIA, portuguesmente execrando) ou como os locutores do Telejornal dizem Ene Bi Ci ou Ei Bi Ci. Decerto para melhor fazerem gala de sua libré.

Também veio, lá para a tarde, lá quando já o televisor se assume como um invasor da privacidade (logo incurso na alçada da lei) um episódio da **Balada de Hill Street**, título disparatado que a RTP não emendou nunca na convicção, já socraticamente condenada, de que é pior corrigir um erro do que praticá-lo. Antes disso, o canhenho do exilado electrónico regista mais um episódio do **Vila Fala**. Eu cá só queria era saber onde foi a Inês desencantar em Lisboa um andar daquele tamanhão. Acho uma piada a estas fantasias. Reparem. O Marques Vila desfaz-se da sua real mansão, capela e tudo (chiça, Deus me perdõe!) e no fim, se pagar o arrendamento da nova casa pelo valor actual, acaba por ter feito ruim negócio.

Não sei se se lembram da preocupação do Marques Vila quanto à compra no estrangeiro das máquinas novas. Parece duvidoso sobre se sim ou não o Banco de Portugal adiantará as divisas.

Eu cá, sou franco, também não sei. Como dizia o João merceeiro nas «Pupilas do Senhor Reitor», não é a minha especialidade. Tenho, porém indícios de que não haverá problema.

Reporto-me ao depoimento de Luís Vita, dos quadros da Rádio Renascença, do «Primeiro Jornal». Confidencia-nos ele que viu com os seus olhos dele, o documento do Banco de Portugal autorizando as divisas para os grupos «rock» que estão aí. Deve ser um balúrdio. Eu cá, na minha insuficiência cultural, pergunto se este luxo, para gáudio, honra e ganância de alguns, não deveria estar ferido de atentatório à mínima austeridade a que um país de tal modo vulnerável tem de sujeitar-se para manter o nariz fora de água. O Banco de Portugal não pensa, não tem pensado assim. De modo que eu, por comparação acho que o Marques Vila pode ir dormir. Não será por aí que lhe virá o badagaio.

Que eu cá, enfim, gostaria mais que a despesa financiasse o azeite, o mel, os extractos de fruta. A telenovela no fim de contas, desenvolveu-se como grande operação publicitária do vinho. E quem ontem assistiu ao «Aprender Saúde» deva ter ficado alarmado com as malfeitorias vinícolas.

Fernando Pádua convidou Miguel Carneiro de Moura, especialista do fígado. A intervenção pecou, talvez, pelo ar excessivamente leccionante, palestrante, o tom de voz era o de uma pessoa que se dirige a uma sala e não o de quem conversa, com amigos, numa pequena sala. A televisão é isso. E está claro que o dr. Carneiro de Moura não tem culpa. Mais umas idas à TV e apanhava-lhe o jeito, a exemplo do próprio dr. Fernando Pádua.

Para além disso, foi útil presença. E oxalá a RTP oiça quando condenou a intensa publicidade ao álcool – num país que, mesmo sem o incitarem ao consumo, já é o que se vê...

E caímos no excesso do álcool, no excesso de sal, no excesso de gorduras, no excesso de açúcar. Somos um país onde só talvez os hipertansos são mais que os hipertensos. E aí temos uma televisão febrilmente empenhada em aumentar o número de uns e outros. Acho que na área da RTP deveria o Presidente da República avançar com o estatuto de situação catastrófica nacional.

Voltando a «Aprende Saúde». Consta que vai acabar. Não acredito. Manda o bom senso nao apenas prosseguir mas reforçar. Particularmente no domínio da prevenção pode ter acção relevante, porque a medicina só é curativa quando nao foi preventiva.

Por outro lado, há que por a tónica na acção prática e positiva, ensinar mais o que deve fazer do que mostrar as consequências de não ter feito. Sobretudo naõ esquecer que de pouco vale recambiar os telespectadores para o seu médio assistente quando se conhecem todas as carências por esse país fora. Quem tem um médico assistente não precisa que lho lembrem.

Dr. Pádua: de súbito, minha tensão começou a mandar vir. Não foi do sal nem do vinho: foi de ouvir o Durão ler o comunicado do Ângelo Correia. Que se há-de fazer, doutor? Não acha que, a par do vinho do sal e das gorduras, o país devia também fazer dieta do Ângelo Correia?

Recordo que este indivíduo teve marcadas duas sessões na RTP para ler, ele próprio, o comunicado. Foram ambas anuladas – e avalie-se a desorganização, as despesasas confusões. Avalie-se como o Governo anda pela RTP. É dono e senhor, faz-se assim, faz-se assado. Depois diz que é contra a estatização...

MIRAGE — DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS DOMÉSTICOS, L.da

Certifico que, por escritura de 22 de Julho de 1982, lavrada de fl. 57 V.º a fl. 60 do livro de notas para escrituras diversas n.º 159-D do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede no concelho de Loures, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

ARTIGO 1.º

1 — A sociedade adopta para todos os seus actos e contratos a denominação de MIRAGE — Distribuição de Produtos Domésticos, Lda, tem a sua sede social no lugar e freguesia de Sacavém, concelho de Loures, provisoriamente na Urbanização da Portela, lote 88, 1.º esquerdo, e durará por tempo indeterminado, a partir desta data.

2 — A gerência poderá, por simples deliberação, alterar a sede provisória e fixar ou alterar a sede definitiva da sociedade.

3 — Também cabe nas atribuições da gerência estabelecer quaisquer formas de representação da sociedade onde julgar conveniente, mesmo no estrangeiro.

ARTIGO 2.º

A sociedade tem por objecto a distribuição, comercialização, representação, importação e exportação de produtos alimentares ou outros bens, podendo ainda prosseguir outros fins desde que permitidos por lei e deliberados pelos sócios.

ARTIGO 3.º

O capital social é de 90 000$00, encontra-se integralmente subscrito e realizado, em numerário e fica representado por 3 quotas iguais, com o valor nominal de 30 000$00 cada uma, pertencentes uma a cada um dos sócios Maria da Conceição dos Santos Peralta de Campos, Delfim de Abreu Almeida e Octávio Augusto Andrade Neves.

ARTIGO 4.º

A sociedade poderá, observadas as regras legais, participar no capital de outras sociedades, criar novas empresas ou comparticipar na sua criação e associar-se, pela forma que julgar mais conveniente, a qualquer entidade singular ou colectiva, e colaborar com elas através da direcção ou fiscalização ou nelas tomar interesse sob qualquer forma.

ARTIGO 5.º

1 — Os sócios gozam de preferência na cessão de quotas.

2 — A vontade de preferir deverá ser comunicado ao sócio alienante no prazo de 10 dias, contado da notificação do projecto específico de cessão, sob pena de caducidade do direito

3 — Havendo mais de um sócio a preferir, o correspondente direito será exercido na proporção das respectivas quotas

ARTIGO 6.º

A sociedade tem o direito de amortizar as quotas pelo valor nominal nos casos de arresto ou penhora das mesmas ou no de falência ou insolvência de sócio, devendo exercê-lo e efectuar o respectivo pagamento, sob pena de caducidade do direito, no prazo de 21 dias a contar da data em que tiver conhecimento do facto constitutivo do mesmo.

ARTIGO 7.º

1 — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes ficarão em comum com os direitos do sócio falecido ou interdito e escolherão uma só pessoa para os representar.

2 — A escolha a que alude o número precedente deverá ser comunicada à sociedade no prazo de 30 dias: se o não for, tal facto será entendido como devolução daquela faculdade de escolha à sociedade.

ARTIGO 8.º

1 — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele pertencem a todos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução.

2 — A gerência será remunerada ou não, consoante for deliberado em assembleia geral.

3 — Qualquer sócio poderá delegar o exercício dos respectivos poderes de gerência noutro sócio e, mediante prévia autorização da sociedade, em terceiro.

4 — A sociedade obriga-se pela assinatura conjunta de 2 sócios gerentes.

5 — É expressamente proibido aos gerentes assinar, em nome da sociedade, quaisquer actos ou contratos que respeitem a negócios estranhos à actividade social, tais como letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes.

ARTIGO 9.º

Quando a lei não estabelecer imperativamente outras formas e requisitos, as reuniões da assembleia geral serão convocadas com a antecedência mínima de 8 dias, por carta registada com aviso de recepção, dirigida aos sócios, na qual se indicarão sempre os assuntos a tratar e sobre que a sociedade deverá deliberar.

ARTIGO 10.º

A sociedade dissolve-se nos casos previstos na lei e em qualquer deles serão liquidatários todos os sócios.

ARTIGO 11.º

Todas as questões emergentes deste contrato entre os sócios, seus herdeiros e representantes, ou entre qualquer deles e a sociedade, serão dirimidas no foro da comarca de Lisboa, com renúncia expressa a qualquer outro.

Vai conforme ao original.

12.º Cartório Notarial de Lisboa, 23 de Junho de 1982 — O Segundo-Ajudante, José Fernando Pereira Pires.

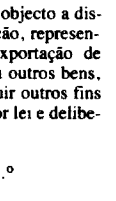
BOBADELA
SÃO JOÃO
DA TALHA
SACAVÉM

JORGE ALEXANDRE BATALHA FERREIRA

Faleceu

Sua esposa, filhos, pais, sogros, tios e restante família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizades o falecimento de seu muito querido e chorado marido, pai, filho, genro, sobrinho e parente cujo funeral se realiza hoje, às 16 horas da igreja do Bairro da Sacor, na Bobadela, para o cemitério de São João da Talha.

Agência Funerária de Loures Ld.ª
Tel: 9830665


Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

2 RODAS
2 vezes
mais atenção!
Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.
circular e viver.

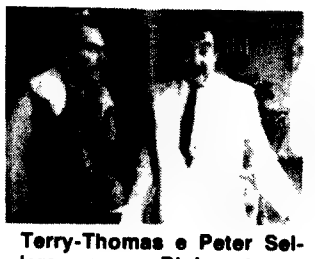
Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

J.R. torna-se o principal suspeito do assassínio

14.35 No Reino de Neptuno
16.00 Sábado Desportivo
19.30 Sport Billy
20.00 Tur/82 – Macau
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Som de... Mário Jorge
21.30 Pedro e Paulina
22.00 Dallas
23.00 Última Sessão
24.00 Encerramento da emissão

2 RTP



Terry-Thomas e Peter Sellers em um «Diplomata em Apuros»

19.00 Abertura
19.02 Folclore – Festas da Agonia
19.30 Magia das plantas
20.00 Itinerários artísticos (Paris e seus arredores)
21.00 Sábado Especial – Diplomata em Apuros
22.30 Documentarismo Português
23.30 Encerramento da Emissão

Amanhã

1 RTP

10.45: Abertura; **10.47:** 70x7; **11.15:** Eucaristia Dominical; **12.00:** Tempo dos mais novos; **13.00:** O Trovão; **13.40:** Sombra Sol; **14.00:** Sumário; **14.10:** TV Rural; **14.35:** Navegar; **15.05:** Jerry e os seus tios: **17.00:** Berros e Bocas; **19.55:** Desenhos Animados; **20.25:** O Tempo; **20.30:** Telejornal; 21.05: Cartaz TV; **21.30:** Programa Musical; **22.30:** Grande Encontro; **23.30:** Encerramento de Emissão.

2 RTP

18.00: Abertura; **18.02:** Reportagem do exterior; **20.00:** Que viva o cinema; **22.00:** A História de Chicago; **23.30:** Encerramento da Emissão.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
«Dallas» (22.00)

2 RTP
«Diplomata em Apuros» (21.00)

...e sugere para hoje...

DALLAS
(22.05)
Com o aparecimento do um cadáver na piscina de Southfork, JR torna-se o principal suspeito. A primeira pessoa a descobrir o cadáver é Cliff Barnes, que chega a Southfork para se encontrar com Bobby.

ÚLTIMA SESSÃO
Thriller
O terror ameaça uma rapariga americana em Londres. Um assassino silencioso espera para atacar e ela é a única pessoa que o pode identificar.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

O VIII Festival de Música da Costa do Estoril prossegue hoje, às 21.30, na Igreja Paroquial de Carcavelos, com um concerto pelo Quarteto Kodaly, excelente agrupamento húngaro composto por Atilla Falvay e Tamás Szabó (violinos), Gabor Fias (viola) e Janos Devich (violoncelo). Em 1970, a Hungria concedeu-lhes o prémio «Ferenc Liszt» em reconhecimento dos seus grandes méritos no domínio da música, tendo adoptado nessa altura o nome de Quarteto Kodaly, com o acrodo do Ministério da Cultura e Educação da Hungria. Realizaram tournées por toda a Europa e Japão, tendo-se apresentado pela primeira vez em Portugal no V Festival de Música da Costa do Estoril, realizado em 1979. No concerto de hoje à noite, serão interpretadas obras de Haydn, Kodaly e Schubert.

O Quarteto Kodaly actua também amanhã, às 21.30, no Convento dos Capuchos do Monte da Caparica, em mais um concerto do Festival de Música que ali tem estado a decorrer, interpretando obras de Haydn, Kodaly e Brahms.

Os grupos ingleses Roxy Music e King Crimson e o conjunto português «Heróis do Mar» actuam hoje a noite em Faro. O espectáculo prolongar-se-á por mais de quatro horas, cabendo ao agrupamento português a abertura do concerto. Os King Crimson actuarão em seguida, estando depois em palco os Roxy Music, acompanhados pelos «CIC» nos coros.

Teatro

A companhia inglesa Footsbarn Travelling Theatre tem animado a Bienal de Vila Nova de Cerveira com música Folk, jazz e rock no café-concerto, dentro do seu característico espaço-tenda.

Agora entrará em cena o teatro da Footsbarn com a peça «O Diabo, o Doutor e o Louco», que estreia hoje, às 22 horas, e que será repetida nos dias 22, 27, 28 e 29. Outros espectáculos apresentados pela Footsbarn em Vila Nova de Cerveira: «Circo Tosov», amanhã e no dia 29, às 17 horas; no dia 31, às 23 horas, Gala Final (baile) na tenda do grupo.

Cinema

Na semana de 23 a 27 do corrente, vai decorrer no Jardim Municipal de Nisa um ciclo dedicado ao novo cinema português com o seguinte programa: dia 23, «Cerromaior», de Luis Filipe Rocha; 24, «Uma Abelha na Chuva», de Fernando Lopes; 25 e 26, 1.ª e 2.ª partes do «Amor de Perdição», de Manoel de Oliveira; 27, «O Rei das Berlengas», de Artur Semedo. As exibicões dos filmes terão incíio às 21.30.

O Quarteto Kodaly, famoso conjunto húngaro de música de câmara, está de novo em Portugal para uma série de concertos na Costa do Estoril e no Monte da Caparica

Exposições

«Pesquisa 82» é o título de uma exposição fotográfica patente em Sesimbra, com a colaboração do município local, na Escola Conde Ferreira. A mostra encerra no dia 27 e pode ser visitada das 17 às 22 horas.

Zé Penicheiro, cuja obra tem sido inspirada no povo, sobretudo nas gentes do litoral português, expõe até ao fim do mês corrente na Galeria de Arte da Curia.

Fernando Araújo expõe pintura em Portimão, na Galeria San Lucas. A mostra pode ser visitada das 9.30 às 13; das 15.30 às 19, e das 21 às 23 horas.

A exposição «Blanco y Negro» foi ontem inaugurada na Galeria de Arte do Casino Estoril, sob os auspícios da Embaixada de Espanha em Portugal. Trata-se de uma exposição de obras dos pintores Cristobal Toral, Evaristo Guerra, Florência Galindo, Gustavo Carbo Berthold, Ana Maria Muñoz e Vega Ossorio, todos distinguidos com o Prémio Blanco y Negro, instituído por esta conhecida editorial espanhola. Esta colectiva estará patente ao público todos os dias, das 15 às 24 horas, até 31 do corrente.

Uma exibição de filmes integrada na exposição «Pintura Americana nos Anos 80», patente na Gulbenkian, vai ter lugar naquela Fundação. O programa é constituído pela exibição dos seguintes filmes: «American Paiting: The Eightires» (versão portuguesa) e «Fourteen Americans: Directions of the 197», nos dias 26 a 28 do corrente, às 15.30, e no dia 29, às 15 horas, no Auditório Três.

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

RENOVAÇÃO DA VIA ENTRE ENTRONCAMENTO E ABRANTES

A fim de melhorar as condições de circulação na Linha do Leste a C.P. vai proceder a trabalhos de renovação de via no troço Entroncamento-Abrantes, a partir de 1/9/82.

Por esse motivo a via estará interrompida durante parte do dia, sendo nesse período as circulações suspensas substituídas por um serviço rodoviário.

A C.P. agradece a compreensão dos seus utentes para os eventuais incómodos daí resultantes.

Para informação mais detalhada aconselham-se os senhores passageiros a dirigirem-se às estações e Secções de Informação.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	58$65	63$65
ALEMANHA FED. (marco)	34$10	35$20
ÁUSTRIA (xelim)	4$75	4$95
BÉLGICA (franco)	1$618	1$818
BRASIL (cruzeiro)	$182	$432
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	68$00	70$00
(notas de 5 a 1000)	68$65	70$65
DINAMARCA (coroa)	9$75	10$15
ESPANHA (peseta)	$722	$822
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	84$65	86$65
(notas de 5 a 1000)	85$15	87$15
FINLÂNDIA (marka)	17$80	18$40
FRANÇA (franco)	12$15	12$85
HOLANDA (florim)	30$95	31$95
INGLATERRA (libra)	146$80	150$80
IRLANDA (libra)	117$85	121$85
ITÁLIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$296	$333
NORUEGA (coroa)	12$65	13$15
SUÉCIA (coroa)	13$75	14$35
SUIÇA (franco)	40$05	41$15
VENEZUELA (bolivar)	17$55	18$55

Observações:
1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

15.30: Musical; **16.00:** Banda Magnética; **19.00:** Síntese informativa; **19.15:** Música sem fronteiras – Mendes Callais; **20.00:** Teatro radiofónico – «A Dobadoira», de Henry Becque, **21.00:** Lisboa, País, Cidade – Nunes Forte; **22.00:** Diário da Volta, **23.00:** Actualidade, **23.15:** Último Jornal.

Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 20 00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.15: Música sinfónica; **17.20:** Cantos gregorianos; **17.30:** Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto; **19.15:** Música de câmara de Haydn e Bartok, pelo Quarteto «Tatrai»; **20.10:** Solos de piano de Chopin; **21.00:** Música sintónica; **22.00:** Solos de cravo de Bach; **22.30:** «Metamorfoses» de Richard Strauss; **23.00:** Quarteto em Sol D. 96 de Schubert; **23.30:** Intercâmbio musical; **00.35:** Concerto Patético; **01.00:** Fecho.

Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial
(283,290 e 397 m)

15.03: Musicando; **19.03:** Quatro tempos; **20.03:** Quando o telefone toca; **21.30:** Tempo de desporto; **23.06:** 24.ª Hora.

Noticiários de hora a hora.

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Musicando; **19.03:** Música ao vivo; **21.03:** Blues Index, **00.03:** Rolls Rock

Rádio Renascença

OM e FM de Lisboa

16.00: Sintonia fim-de-semana com Carneiro Gomes; **18.00:** Magazine regional com Samuel Ornelas e dr. Raul Feio; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Títulos de Informação; **19.03:** Saltitão (espaço infantil); **19.30:** Nota de abertura; **20.00:** Paju; **21.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Pentagrama; **22.00:** Diálogo e vida com Eduardo Rego; **22.30:** Bola Branca (2.ª edição); **23.00:** Títulos de Informação; **23.30:** Nota de abertura; **23.55:** Meditando.

Noticiários intercalares: 17.00, 21.00 e 22.00.

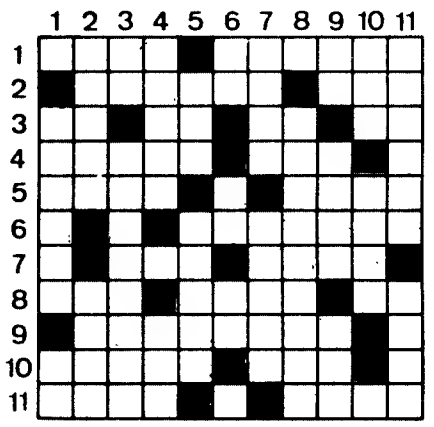
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **16.00:** Nós por cá, **20.00:** Música viva; **21.00:** Portugal experiência histórica

Tiragem media diaria do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 507



HORIZONTAIS;

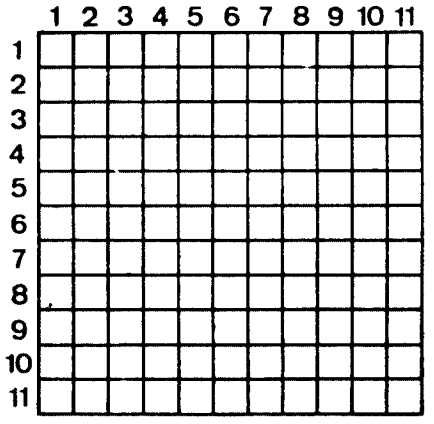
1 Numeral cardinal. Ídole (pl.).
2 Instrumentos musicais. Antiga medida de capacidade
3 Segundo Bário (s.q). Basta! Nota Musical.
4 Freguesia do concelho de Amarante. Donzela de Orleás que foi queimada viva.
5 Freguesia do concelho de Arouca. Cidade de Itália.
6 Morrem.
7 Nossa Senhora. Tempo do verbo ir.
8 Fecha as asas para descer mais depressa. Forma antiga de Sara. O mais.
9 Acertara casualmente.
10 Levem à toa. Chiste.
11 Molesta. Rio de Portugal.

VERTICAIS

1 Semelhantes. O mais.
2 Preparar com ópio. Pequeno barco de recreio.
3 Segundo. Gorjeios.
4 Grande sábio. Mãe de Rómulo e Remo.
5 Negativa. Executam.
6 Medida japonesa igual a dois decilitros. Vossa Alteza. Prata (s.q).
7 Pronome demonstrativo. Aves australianas.
8 Desviaram de um lugar.
9 Pequena ilha francesa igual a dois decilitros. Bata em (fig.). Naquele lugar.
10 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Móvel sobre o qual se come.
11 Foram para fora. Aliança.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9367



HORIZONTAIS

1 Cidade de Espanha.
2 Verbal. Artéria. Boro (s.q.).
3 Víscera dupla Vivenda.
4 Rasoira. Guarneceram de asas.
5 Osmio (s.q.). Oferecer. Peça do vestuário para a mão como agasalho ou adorno.
6 Guardas segredo. Prefixo de negação.
7 Utensílio doméstico. Nome de peixe.
8 Carepa.
9 Rio de França. Pronome demonstrativo.
10 Outro nome. O mesmo que ligaram.
11 Extremidades dos braços. Relativo a oásis.

VERTICAIS

1 Solitário. Grande quantidade. Irmão de Abel.
2 Cidade de França. Cidade de Itália.
3 A ponta das vergas. Cápsula que envolve as sementes.
4 Vila e sede do concelho de Setúbal. Vantagens.
5 Artigo definido (ant.).
6 Cingiras. Gavinha.
7 Despidas. Sadia. Fecha as asas para descer mais depressa.
8 Lugarejo. Debates.
9 Sapo do Amazonas. Apelido.
10 Despachar. Antes de Cristo.
11 O mesmo que rosmaninho. Patrão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 506

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Crateras. Pi.	1 PANELA. Pa'
2 Are Imitar.	2 Ra. Baco. SEM.
3 Isara. Agá.	3 Ariana. Dura.
4 Abatia. Arad.	4 TESTO.Noras.
5 Nanos. Aparo	5 Aias.
6 Eca. Piadas.	6 Rirá. Polaco
7 Lo NÃO. Ras.	7 Ama. Aí
8 Dó Lua	8 Si Aparas.
9 Surra. Sono	9 Tarada. Ora.
10 Pêra Cs Rãs	10 Pagaras Na
11 Amasso HÁ	11 Irados. Rosa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9366

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Sanar. Sopas.	1 Sapa. Sovara.
2 Adora. Adega.	2 Ad. Tais. Uai!
3 To. Avisas.	3 Notem. Solta.
4 Atem. Leoas.	4 Aromava. Aas.
5 Âmago. Ur.	5 Rã. Ga.
6 Si. Van. Asi.	6 Alongaram
7 Ossa Usar.	7 Save. Iama.
8 Saiu. Cá.	8 Odiou. UU
9 Aula. Rã. Mat.	9 Pesaras Mt
10 Rataram Ida.	10 Agás. Sacada
11 Aias Mantas.	11 Sãs Piratas

Provérvio: **NÃO HÁ PANELA SEM TESTO**

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.45
– Int. men. 13 a.
AS PORTAS DO CÉU

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Hoje, estreia às 14.00
Não acons. men. 13 anos
Steve Martin, Bernadette Peters e Catlin Adams em
O TONTO
Um filme de Carl Reiner
Technicolor

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DERSU UZALA, A ÁGUIA DA ESTEPE
Às 00.30 – N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
– N. ac. men. 13 a.

2.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CÉLEBRES E RICAS
Um filme de George Cukor

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Hoje, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
(Para todos)
Festival Walt Disney
SE A MINHA CAMA VOASSE...
Technicolor

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS
9.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ESPLENDOR NA RELVA
Às 24.00
O ABISMO

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Interd. men. de 18 anos
DISCO-SEXO-MANIA
Pornográfico – 1.º escalão
Às 24 horas
O GRANDE OPORTUNISTA

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Às 24
MEVICAR, O PERSEGUIDO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.00, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Filme indiano Jadu Tona
ANJO OU DEMÓNIO
Um filme de Raveekant Negaich
c/Feroz Khan, Reena Roy e Prem Chopra

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. a men. 18 anos
OS SEIS MAGNÍFICOS LUTADORES
Um filme de Chang Cheh – Colorido
Às 24.00
OS CARRASCOS DE SHAOLIN

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. a men. 13 anos
O MEU SÓCIO INVISÍVEL

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO
4.ª Semana
Às 24.00
GRANDE MÚSICA NEGRA

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
(Interd. men. 18 anos
Mike Hammer, o grande detective americano! É mais duro. É imbatível.
O JUIZ SOU EU
Um filme de Richard T. Heffron

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

7.ª Semana

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral

Às 15.15 e 21.30
Interd. a men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/Dirik Bogarde e Charlotte Rampling – o clássico de Liliana Cavani

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 13 anos
BÓLIDES DA MORTE
com Joey Travolta

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A SEMENTE DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 18 anos
Bruce Lee em
O DRAGÃO ATACA
Obra-prima em artes marciais

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PRAIA SANGRENTA

3.ª semana

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1

ÀS 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 (Int. a m. 13 anos)
MALEVIL
de Christian Chalone

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. a men de 13 anos)
TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
Às 00.45 (M. 18 a)
JOGO DUPLO

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
(Int. a men. 13 anos)
A FORÇA DO SEXO FRACO
Às 00.45 (M. 13 a.)
OS CAVALEIROS DO CÉU

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
(N. acons. a men. 18 anos)
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
Colorido
c/Richard Widmark, Henry Fonda e Doroth Malone

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA
c/ Jack Lemmon e Walter Matthau

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
34.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
20.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EM BUSCA DA VERDADE
Às 24.00
ACÇÃO EXECUTIVA

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
007 O AGENTE IRRESISTÍVEL
Domingo às 11.15
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
UNS E... OS OUTROS
43.ª Semana
Às 00.30
O DESVENDAR DE UM MISTÉRIO

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

– N. ac. men. 13 a.
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL

3.ª Semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos

2.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ALTA ANSIEDADE

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
BECO SEM SAÍDA
3.ª Semana
Às 23.45
CHAMAM-LHE DÓLARES

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «2001, Odisseia no Espaço», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «O Juiz sou eu» 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «O Último Tango em Paris», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
OLIVAIS – «Aventura em Marrakech» às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «O Maior Espião da História» às 21.30 (13 anos)
2000 – «O Lobisomem Americano em Londres» às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Força da Razão» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Marylia e o Senador», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Orgias da Adolescência» – Sessões contínuas (18 anos)
PÁTRIA – «Trinitá Cowboy Insolente» às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «A Pele» às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Mulher em Férias, Amante em Casa», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine «A Corrida mais Louca do Mundo», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Repetentes em Férias», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Homem do Rio», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Os Repetentes em Férias» às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Gelado de Limão», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Caçada Selvagem», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «O Espectáculo vai Começar» às 21.30 (13 anos)
COSTA CAPARICA – Silicine – «A amante do Tenente Francês» às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Os Cães do Ódio», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Hotel da Praia», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Hoje e Ontem Tudo é Sexo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Duelo ao Sol», às 21.30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Bocas Gulosas» às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Superdinâmico» às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Coragem de Homem» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Jerry Enfermeiro Sem Diploma», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Zombi, Holocausto», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE -A – «Os Diamantes são eternos» às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Borsalino e Companhia» às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida» às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Um Chui de Bue Jeans» às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «Nostradamus» às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA – «Aventura no Tempo», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «Shining» às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «O Anjo do Rock», às 21.45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Três mulheres em fuga» às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Célebres e Ricas», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ – «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

HOJE

PERMANENTE

BAIXA – Americana – Calçada de Santana, 1-3 (T 863984); **CALVÁRIO – Monge** – Rua dos Lusíadas, 30-32; **CAMPO GRANDE-AV. BRASIL – Rainha Santa** – Rua Af. Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE-ALTO S. JOÃO – Veral** – Rua Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESC. POL.-SÃO BENTO – Cunha** – Rua Esc. Politécnica (T. 325455); **EST. UNIDOS À CX. PREVID. 39 – Calta** – Rua Moura Girão, 3-B (T. 890621); **POÇO NEGROS – Modelar** – Lg. Dr. António S. Macedo, 7 (T. 608896); **PRAZERES – União** – Rua Saraiva Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO – Prates & Mota** – Rua Beneficência, 91-93 (T 773728); **SALDANHA – Cardote** – Av. Visconde Valmor (T. 772291); **VALE DE S. ANTÓNIO – Santo António** – Rua Leite Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **ALGÉS – Dias & Saraiva** – Rua Major Afonso Paia, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS – Central Odivelas** – Alm. Inf. D. Henrique, 1 (T. 911203); **PONTINHA – Leitão Ribeiro** – Rua A. do Falcão, 3-A (T 943912).

AMANHÃ

PERMANENTE

ANJOS (AO CINEMA ROXY) – Guerra – Rua Andrade, 32-36 (T. 845513); **AV. ROMA-B.ª SÃO MIGUEL – São Miguel** – Pc. Francisco de Morais, 1 (T 771469); **BAIXA – Cortez** – Rua São Nicolau, 93 (T 325378); **ENCARNAÇÃO – Zira** – Pc. Casas Novas, Lt. 66 (T. 311216); **ENC. RESTELO-ESC. P. VICENTE – Belém** – Rua Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ESTADOS UNIDOS – Gasparinho** – Rua Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **GALINHEIRAS-CHARNECA-LUMIAR – São Bartolomeu** – Vl. Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LUZ 2.º CIRCULAR – J. Ribeiro** – Est. da Luz, 199-A (T. 780969); **LAPA – Central da Lapa** – Rua dos Navegantes, 10 (T 661739); **MADRE DE DEUS – Madre de Deus** – Rua da Margem, 15-B (T 382470); **PICHELEIRA – Marluz** – Cç. da Picheleira, 140-BC; Rua Prof. Mira Fernandes-MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO – Segres** – Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **ALTO DE ALGÉS – H. Amaral** – Rua X, Lote 146-A; **AMADORA – Amadora** – Pct. 25 de Abril, 3-A (T. 935518); **BRANDOA – Brito** – Rua do Colégio, Lote 32-B (T. 993351); **DA-MAIA – D. João V** – Av. Gorgel Amaral, 2-A (T. 972530); **ODIVELAS – Joleni** – Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812).

Linha de Cascais

CARCAVELOS – Central – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Permanente; **OEIRAS – Moura Vaz** – Av. Moçambique, 18-C (Tel. 2437196) Permanente; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Tel. 2478737) Até às 22 horas; **PAREDE – Grincho** – Av. da República, 87-A (Tel. 2471204) Permanente; **S. JÃO DO ESTORIL – S. João** – Quinta da Carreira, Lote 29-A (Tel. 2681186) Até às 22 horas; **CASCAIS – Nova** – Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA – Igreja – P. da Igreja, 22-A (Tel 937740) Permanente; **QUELUZ – Simões Lopes** – Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123) Até às 22 horas, **CACÉM – Guerra Rico** – Entre Lotes. 6 e 7 - Freixo Captão (Tel. 2944002) Permanente; **MEM MARTINS – Química** – Est. Mem Martins, 285 (Tel 2910012) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – Tel. 980456) Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel 299088)

LOURES – Salvia – Av. da República, 29 Até às 22 horas (Tel. 2531240); **MOSCAVIDE – Pedro Gomes (Permanente); CAMARATE – Batalha** (Tel. 2518669 até às 19 horas);

Outra Banda

ALMADA – Castro Rodrigues – R. Capitão Leitão, 49. Permanente; **COVA DA PIEDADE – Atlântico** – Av. Rainha D. Leonor, 45-A (até às 22 horas); **BARREIRO – Santa Maria** – R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Permanente); **LARANJEIRO – A. Araújo** – R. D. Duarte, 7. Permanente; **COSTA DA CAPARICA – Higiénica** (Tel. 2400020) até às 19 horas); **SETÚBAL – Nova** – R. General Gomes Freire (Permanente), **Rosado Pinto** – P. do Bocage, 98, até às 22 h.

SESIMBRA – Leão – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (Tel. 2212923); **SEIXAL – Central** – Est. Nacional, 9 - Aldeia de Paio Pires (Tel. 2210365) Até às 22 horas; **MONTIJO – Higiene** – R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370); **MOITA – União Moitense** – Av dr Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Guamão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel 204020); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CORREIA DE ARAÚJO – Rua de Santa Catarina 259; **FIGUEIREDO LDA.** – Rua de Cedofeita, 125, **LOUSADA** – Rua do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA** – Rua de S. Roque da Lameira, 1473, **GUARANI** – Rua Pedro Hispano, 367.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

VILAÇA – R. Fer. Borges, 132 (Tel. 22043).

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

teatros

Lisboa

ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00
TEATRO ABERTO – «Oiçam como eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30
BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «O Zé Arreganha a Taxa» às 20.30 e 23.00.

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.° – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.31	4,1 m	11 02	0,8 m
17.48	4,3 m	23.33	0,8 m
Dia 22			
6.12	4,0 m	11.42	0,9 m
18 29	4,2 m	24 12	1,0 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	22°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	19°
PORTO	23°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	20°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	19°
ÉVORA	18°
BEJA	18°
SAGRES	18°
FARO	23°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	21°

Moral pública

Continuação da pág 1

messa de ofertas adicionais de empréstimos subordinados ou de mais dinheiro como quase-capital. Têm de comum duas características, estes subsídios: não são reembolsáveis, isto é, não têm de ser pagos, e são exclusivamente para empresas da Comunicação Social do Estado.

A RDP receberá cerca de 950 mil contos (500 para saneamento financeiro, 118 para investimentos, 337 para pagamento das obrigações impostas pelo Estado), e a RTP 74 mil, 20 dos quais se destinam ao financiamento do projecto de cobertura integral dos Açores.

No que se refere aos jornais do Estado, o «Diário Popular» receberá 5 mil contos (equipamento de fotocomposição), e o «Diário de Notícias»-«A Capital» 50 mil (equipamento gráfico e informático, automóveis, arranjo de instalações e ar condicionado).

Não são referidas, nestes despachos conjuntos de João Salgueiro e José Alfaia, nem a ANOP nem a Imprensa privada. O milhão e tal de contos não dá para todos, e mesmo assim foi necessário reduzir de vinte por cento o subsídio de papel do 1.° semestre e de o extinguir para o futuro.

Ora este subsídio era a única medida de auxílio do Estado aos jornais privados, entre os quais está o «Diário de Lisboa». A situação já era chocantemente desequilibrada, dado o apoio quase exclusivo aos jornais do Estado. Agora, muda para pior.

DL

Rock inglês no Restelo

Roxy Music e King Crimson: sabor a desencanto

Quase cinco horas de rock, ontem à noite no Estádio do Restelo, com duas bandas inglesas, não bastaram para aquecer o público. Provavelmente por culpa do pessoal que já não vibra com coisíssima nenhuma... mas desconfio que os «Kids» não foram lá (ao extase, ao rubro) por razões alheias à sua vontade. Eles até estavam disponíveis, não para qualquer programa é óbvio, pelo menos receptivos para uns King Crimson descaídos no universo pop e sobretudo curiosos perante uns Roxy Music, o que resta ainda de interessante (apenas isso) dos anos setenta.

De certa maneira o espectáculo foi um tanto decepcionante. Bonitinho, deu para passar umas horas sentado no lugar de puro espectador. Somente. Agradável é o termo. Eu diria ainda que tudo se processou de uma forma muita asséptica e talvez assexuada. E acrescento: «como nos poderiam mostrar o azul do céu se não têm asas para voar...» Daí que tivéssemos, os vinte mil corpos que ocupavam parte do estádio, ficado cá por baixo sem nunca, por um momento que fosse, vislumbrarmos a hipótese de levantar voo. Óptimo, pouparam-se energias.

Abriram as portas do espectáculo (não da percepção, infelizmente) os portuguesíssimos «Heróis do Mar» que foi um grupo de curta demora, o aperitivo que se bebe a toda a velocidade na mira do resto chegou mais depressa. Não os vi, por motivo de um atraso provocado pelo engarrafamento de trânsito e pelo que me contaram não devo lamentar a perda. «Para não variar foram uma porcaria...» comentou uma jovem, sentada ao meu lado, cabelo à punk.

Exagero? Adiante. Entram então os King Crimson, com o seu líder Robert Fripp discreto e apagado a um canto, na recusa sistemática do vedetismo. Já no aeroporto tinha virado as costas à câmara da TV e fugido a sete pés dos jornalistas. Nele não se descobre a mínima ponta de sedução. Nunca foi nem será a rock-star à conquista da imagem mítica. Extraordinariamente banal, fiel ao preto no vestuário, mal se notava no palco, entre os outros músicos que o acompanham.

Quanto à música produzida no Restelo, ontem à noite, pelos King Crimson, julgo que não encantou por aí além o público. Muito ingleses, sofisticados e distantes falta-lhes, e isso é nítido, agora dez anos depois do seu aparecimento na cena rock, o fogo da paixão. Pertencem ao tipo de músicos, da onda pop dos anos setenta que tentaram outras vias na pretensão de furar o esquema do rock tradicional. Quanto a mim uma ambição que gerou uma certa moda (Van der Graf e Genesis foram seus seguidores) sem todavia inovar. «Música fria como uma inalação de coca e universalizante das sensações como uma trip de acido», diz Jorge Lima Barreto da parelha Eno – Fripp, no livro recentemente publicado «Rock & Droga».

É possível que com Eno, desertor dos Roxy Music, Robert Fripp tenha feito algo de excepcional, em matéria de Comunicação, ainda que angustiante. Ele, apaixonado pela alquimia e leitor atento das linhas das palmas da mão, move-se no terreno do misticismo que a mim pouco me diz. Os King Crimson que têm os seus adeptos, normalmente europeus, deixaram-me desde o primeiro dia em que os ouvi na maior das indiferenças. Saõ demasiado «cool» para o meu gosto.

Vieram, depois, os Roxy Music, ansiosamente aguardados. Outra história, esta a da desilusão. Bryan Ferry e Andrew Mackay, fundadores do grupo tinham um projecto em mente que era o de atingir o rock simples com ligações aos pioneiros à mistura com rasgos de audácia intelectualizante. O que obtiveram não se parece com a produção musical dos King Crimson, elaborada até ao aborrecimento e um tanto próxima da fraude (blasfémia) nem com a loucura delirante do rock americano. É assim uma coisa limpinha, elegante, matizada de um relativo humor.

Nota-se, ainda, em Bryan Ferry, um excelente vocalista, referências aos veteranos Bo Diddley e Elvis Presley, embora diluídas pela preocupação de construir um espectáculo a atirar para o holliwodesco. O grupo pareceu-me ligeiramente superficial mas não nego que Bryan Ferry sabe do ofício. Da mediocridade dos anos setenta emergiu com David Bowie, logrando criar um estilo. Aliás o que o preocupa, penso, é realmente o estilo.

Na televisão ao ser entrevistado Bryan Ferry deu-me a impressão de um homem atencioso, educado, sorriso suave, naturalidade postiça, sem tensão. No palco também se revelou assim. Pôs de parte os cetins, as lantejoulas, os adornos fulgurantes com que nos princípios dos anos setenta costumava encher o olho do público. Apresentou-se, contudo na direcção dos sete elementos, músicos e coro ainda apegado ao revivalismo dos velhos filmes americanos. Acho que Bryan Ferry assimilou de uma forma quase irritante os «clichés», ao gosto de uma determinada fauna pseudo-chique. A tendência maneirista da banda, em que Bryan Ferry actua como um mestre de cerimónias desagradou-me, confesso. E da ideia de integrar no espectáculo três vocalistas do grupo de disco-sounde norte-americano «Chic» nem falo. Um pavor!

Nem decadente nem delicodoce de todo. As meias tintas, o que no meu entender é terrível. Face ao espectáculo, encravado no meio de um público sonolento, lembrei-me dos Rolling Stones em Madrid. O suor, a sensualidade, o poder físico, a derramar-se, em golfadas num recinto pleno de vida. Podem ser rigorosamente medidos os gestos de Mick Jagger, não duvido. Só que nos transmitem uma sensação de autenticidade – é o que importa.

São portanto inevitáveis as comparações. Apenas os grandes resistem. E os Rolling Stones continuam sendo a maior banda de rock do mundo.

Lourdes Féria

AAPA lança apelo a todos os democratas

Condenem os racistas sul-africanos e reforcem solidariedade à RPA

A Associação de Amizade Portugal-Angola lançou um apelo à opinião pública mundial, a todos os democratas e pessoas de bem «para condenarem firmemente» a nova escalada agressora dos racistas sul-africanos contra a Pátria de Agostinho Neto, e para «reforçarem a sua solidariedades para com a RPA e o povo namibiano».

A AAPA, em comunicado ontem emitido, manifesta publicamente a sua «condenação contra a nova invasão dos criminosos de Pretória apoiados pela administração Reagan», e lembra que «os racistas sul-africanos pretendem, com o apoio do imperialismo norte-americano, impedir o acesso à independência da Namíbia e inverter a via da revolução angolana rumo ao socialismo».

A AAPA considera que «combater e derrotar esta nova escalada militar imperialista na África Austral será um valioso contributo para a defesa da paz e segurança na região e no mundo» e também para impedir «a transformação do território angolano num novo Líbano».

No documento a AAPA condena ainda, veementemente, «a utilização do território português para actividades conspiratórias contra a RPA» e exige do Governo AD uma clarificação das notícias que têm vindo a lume na Imprensa portuguesa sobre as referidas actividades e da implicação do Governo português em tal acto.

Campanha de solidariedade

Entretanto a AAPA tem vindo a levar a efeito uma recolha de donativos, para as vítimas das «bárbaras agressões efectuadas pelos recistas sul-africanos no Sul de Angola», tendo já recolhido cerca de 300 caixas de roupas, medicamentos e alimentos.

Com vista a efectuar o envio desse material para a RPA, a AAPa solicitando a todas as pessoas ou organizações que tenham ainda em seu poder roupas ou medicamentos destinados a esta Campanha que, até ao fim do corrente mês, as façam chegar à sua sede, ou comuniquem o local e a hora a que as mesmas podem ser levantadas.

Todos os materiais ou informações devem ser enviados para a sede da AAPA, na Rua das Portas de Santo Antão, 117-2.°, de segunda a sexta-feira, das 18.30 às 20.30, pessoalmente ou pelo telefone 369777, de Lisboa.

MDP: indignação e repulsa

Em mensagem ontem enviada ao MPLA, o MDP/CDE afirma a sua indignação e repulsa pela incursão da África do Sul em território de Angola e acrescenta: «À luz do direito, da ética, da moral, da justiça, a África do Sul é hoje a expressão terrificante da brutal acção dum Estado retrógrado, desesperado e cruel. Vergonha da Humanidade, a África do Sul é ainda o símbolo do medo e das formas monstruosas que este assume quando domina o poder político».

Na sua mensagem o MDP reafirma também o seu respeito e a sua solidariedade para com o povo angolano e a sua confiança na jovem República Popular de Angola, «alicerçada na luta histórica contra o colonialismo».

PARIS
***** «cidade luz»
VERÃO 82
4 e 8 DIAS DE VIAGEM
FERIAS ou NEGOCIOS
PARTIDAS:
AGOSTO 3.10 17 24 e 31
SETEMBRO 7. 14. 17 e 24
OUTUBRO 1. 8. 15. 22 e 29
PREÇOS DESDE 16.260$
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO Av. Aliados 207 - Tel 317921
LISBOA Av. Liberdade 160 - Tel 371341
LISBOA Av. de Roma 66-B - Tel 805096
COIMBRA Rua da Sota 2 - Tel 27011/2
FARO Av. República 124 - Tel 25035/6
FUNCHAL Rua Gorgulho 1 - Tel 31077/8

9º CRUZEIRO ÀS ILHAS MADEIRA E CANÁRIAS
A bordo do moderno paquete
"FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.

30/Set. a 8/Out./82
(LISBOA A LISBOA)
Preços excepcionais desde 35.400$
FUNCHAL - TENERIFE - LAS PALMAS - LANZAROTE
Vantajosas compras em Portos Francos
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 691686
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

FÉRIAS NA URSS
FÉRIAS NA URSS
14 a 21 Setembro
MOSCOVO — KIEV — VOLVOGRADO
Preço — 49 750$00
COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
26 OUTUBRO a 9 NOVEMBRO
MOSCOVO — VOLVOGRADO KIEV — KHARKOV
Preço — 52 750$00
2 a 9 NOVEMBRO
MOSCOVO — LENINEGRADO
Preço — 43 250$00
2 a 16 NOVEMBRO
MOSCOVO — MINSK — LENINEGRADO TALLIN
Preço — 49 750$00
TUDO INCLUÍDO
Organização do Dep. Turismo da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
R. S. Caetano, 30
Telef. 601199-601089
Com o apoio Técnico da
VIAGENS E TURISMO, Lda.
R. do Crucifixo, 33 - 1100 LISBOA

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 1982

Agenda

● 2001 — Odisseia no espaço
de Stanley Kubrick
(G.B. — 1969)

Um ensaio sobre a inteligência encontra o puro espectáculo visual, o silêncio do espaço e a magnificência sinfónica. **2001 — Odisseia no Espaço** é a exactidão e o voo fantástico: apaixonante.

Cinema Alfa 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Esplendor na Relva
de Elia Kazan
(USA — 1961)

O desejo e a sufocação numa pequena cidade americana. É a obra-prima de Kazan? Talvez.

Cinema Cine 222
(15.15, 18 e 21.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● A Amante do tenente francês
de Karel Keisz
(G.-B. — 1981)

Este Verão está a aguentar sucessos em exibição com uma longevidade desusada. **A amante do tenente francês** já dura desde o Natal. Importante: nenhum dos êxitos em cartaz é desmerecido. Bom sinal.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Célebres e ricas
de George Cukor
(U.S.A. — 1981)

Outro sucesso com enorme permanência em exibição estreado em Maio, o público tem acolhido este filme de Cukor (sobre mulheres, inevitavelmente) com merecido, mas surpreendente, calor.

Cinema Berna
(14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● A força do sexo fraco
de Ingmar Bergman
(Suécia — 1963/64)

Bergman numa comédia ou a ironia de um mestre idolatrado que goza com a idolatria. Um dos menos amados filmes daquele realizador sueco. Um dos melhores, garanto-vos eu.

Cinema Quarteto
(não acons. men. 13 anos)

● Em busca da verdade
de Ingmar Bergman
(Suécia — 1961)

A reposição de um filme de Bergman que há muito não está no circuito comercial. Sempre a merecer atenção.

Cinema Satélite
(15, 17, 19, 21.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● Os amigos da onça
de Billy Wilder
(U.S.A. — 1981)

A dupla Jack Lemmon-/Walter Matthau está de volta sob a batuta de Billy Wilder. Um argumento cheio de ironia e saudavelmente amoral (quem disse que o crime não compensa, **buddy**?) para um filme com uma realização certeira. O resultado: **Os amigos da onça** é um divertimento inteligente.

Cinemas ABCine — sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24 h.)
e S. Jorge 1
(15.15, 18.30 e 21.30 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● As portas do céu
de Michael Cimino
(U.S.A. — 1980)

Um fresco americano que olha o Oeste com desencanto e exactidão. Um filme maníaco, desmesurado, megalómano onde se sente que está a nascer um cinema diferente, um olhar-outro.

Billy Wilder: aos 75 anos, um novo filme, **«Os amigos da onça»**

AS ESTRELAS

2001 — Odisseia no Espaço ..... ★★★★
Esplendor na Relva ..... ★★★★
A Força do Sexo Fraco ..... ★★★★
A amante do Tenente Francês .... ★★★★
Célebres e Ricas ..... ★★★★
As Portas do Céu ..... ★★★
Os Amigos da Onça ..... ★★★
Dersou Uzala ..... ★★★
O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes ★★★
O Clarim da Revolta ..... ★★★
Reds ..... ★★★
Os Salteadores da Arca Perdida .. ★★★
Sexo Louco ..... ★★
Alta Ansiedade ..... ●

A «CHAVE»
★★★★— Excepcional
★★★— bom
★★— Interessante
★— Desinteressante
●— A evitar

Cinema ABCine — sala B
(14.45, 17.30, 21 e 23.45 h.)
(interdito a men. 13 anos)

● Dersu Uzala
de Akira Kurosawa
(U.R.S.S.-Japão — 1975)

A reposição de um filme de Kurosawa onde um dos seus temas mais constantes (a oposição entre formas diversas de estar na vida) encontra expressão num personagem fabuloso. Paciente, precioso, **Dersu Uzala** foi um filme pouco visto na estreia. Merece este segundo fôlego.

Cinema Apolo 70
(não acons. men. 13 anos)

● O carteiro toca sempre duas vezes
de Bob Rafelson
(U.S.A. — 1981)

Se a ordem se transgride uma vez, depois é o vórtice. E ninguém foge ao tudo perde se o tudo ganha um dia se arriscou.

Mas por Jessica Lange quem não iria rondar todos os abismos?

Cinema CineBloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

● O clarim da revolta
de Harold Becker
(U.S.A. — 1981)

Se eles acreditassem no que dizemos, um dia defrontar-nos-íamos com isso. Eles alunos, nós professores. Um filme subtil que, apesar de ficar um pouco com a criança nos braços, é a surpresa deste Verão/82.

Cinema Quarteto — sala 4
(14, 16.30, 19, 21.15 e 23.45 h.)
(não acons. men. 18 anos)

● Reds
de Warren Beatty
(U.S.A. — 1981)

Outro sucesso longo: dura desde Abril e nem por tratar do mais americano de todos os comunistas deixou de ser aplaudido à esquerda e à direita.

Cinema S. Jorge 3
(13.45, 17.30 e 21.15 h.)
(não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(U.S.A. — 1981)

Mas em longevidade de cartaz, o campeão é mesmo **Os salteadores da arca perdida.** Está em exibição desde Outubro do ano passado e ameaça fazer um ano. Todos têm gostado de estar de volta à adolescência.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

A marquesa de Sade

Págs. 2 e 3

A violência

Nunca conheci um carrasco, alguém cuja profissão é matar um homem em regra e em nome da lei. Nunca encontrei nenhum em carne e osso. Mas já vi alguns em efígie. Um em especial. Era uma fotografia que se encontra no velho **tratado de psicologia** de Georges Dumas, no capítulo da dor. Ela representa o suplício (chinês), chamado dos «cem bocados». A história é bem conhecida. Um jovem cometera um atentado contra a família do imperador. A lei exigia que fosse queimado vivo, a fogo lento. Mas o imperador, na sua bondade, decretara: **«Sendo a pena do fogo demasiado cruel, o condenado sofrerá o suplício dos cem pedaços. Honra a tal decisão.»**

Jean-Toussaint Desanti

O tratado de Dumas tinha uma série de fotografias cada uma das quais representava uma fase do suplício. Neste caso não era possível evitar o carrasco. A meio suplício ele pode distinguir-se muito bem: de frente, um pouco inclinado, serrando uma perna entre o pé e o joelho. Nenhuma crueldade no seu rosto: atenção simplesmente e uma espécie de benevolência. O ar de uma pessoa que faz o bem como ele deve ser feito.

Assim o jovem «fizera violência», talvez com cólera. Agora, porém tudo entrava na ordem, sem perturbação nem cólera. E o rosto do carrasco mostrava essa serenidade. Era um bom carrasco hábil e compassivo. Decepava aquele corpo vivo com competência e misericórdia. «Misericórdia» é também o nome de um pequeno punhal que servia outrora para degolar os feridos.

Da cólera do revoltado à benevolência do carrasco: dois extremos que delimitam um espaço, uma espécie de palco. Nesse palco representa-se uma peça há muito começada e da qual ninguém conhece o fim. «As metamorfoses da violência». «Violência». Seja. Mas o que quere isto dizer concretamente?

O assassínio e a orquídea

A palavra diz-se em vários sentidos e referindo-se a objectos diferentes. Diz-se da luz, da cor e dos ruídos; dos homens também: dos seus gestos, das suas palavras, dos seus actos; das sociedades, finalmente: das nações, dos bairros e dos lugares. Diz-se também da violência que ela rebenta, que arde, que se instala, que reina. Exemplo, ai de nós, bem conhecido: **«A violência estalou no Líbano: Instalou-se e agora reina no país.»**

As maneiras de falar são sempre instrutivas. No caso presente tomá-las-emos por guias, a fim de procurar, no caso de ele existir, um sentido unitário e primordial que convenha a essa palavra «violência». Não é certo que um tal sentido se deixe designar. Entre uma cor, um assassínio, uma tempestade, uma revolução, nada há, ao que parece, de comum que autorize a chamar-lhes violentos». Entre a violência de um «vermelho» e a violência de um motim, a relação seria de simples homonimia? Talvez. Mas antes de o decidir vejamos mais de perto e uma vez mais o uso das palavras. Dizemos do mar que está calmo. Nunca o diremos de uma cor nem de um ruído. Da cor diremos que é «neutra» ou «densa», ou «calmante», ou «suave» ao olhar. De um ruído dizemos que é «abafado», «fraco» ou «discreto». Haverá então violências imóveis como a da cor ou do som, e violências móveis como a dos mares, do ar, das sociedades? Dizemos no entanto, da violência de uma cor, que ela «rebenta». Dizemo-lo também de uma tempestade, de um motim, de uma revolução. «Rebentar» convém portanto ao mesmo tempo ao imóvel e ao móvel? Claro que sim porque muitas palavras reunem assim os contrários. E, relativamente ao nosso problema, «rebentar» é um dos mais interessantes.

«Estalar» sugere «estilha». «Estilha» pode designar o efeito de um movimento violento: o residuo destruidor e assassino de uma explosão («estilhaço de obus»). Estala (ou rebenta) aquilo que se quebra e sai do seu lugar, perturbando o que está perto. Mas a palavra também pode significar o contrário: a maneira de ser daquilo que se manifesta à sua própria luz e retém, na sua aparência, toda a força do seu ser. Tal como o rebentar da flor que oferece a insistente e fugaz beleza da sua idade. Rebenta aquilo que se quebra e foge do seu lugar perturbando a vizinhança. Rebenta também o que fica, ocupa o seu lugar, enche-o com a sua diferença, impondo-o Violência móvel do assassínio. Violência imóvel da orquídea. Eis os dois limites entre os quais devemos movimentar-nos a fim de tentar reuni-los.

O levantamento dos invisíveis

Porque havemos de querer uni-los? Convida-nos a isso um uso muito antigo da língua grega. A mesma palavra **stasis** que se traduz por «imobilidade» também designa a agitação na cidade, o motim que ameaça a ordem e a Constituição. É declarada em estado de **stasis** a árvore que atinge o seu pleno desenvolvimento e fica direita e visível; também o adulto que goza plenamente das suas possibilidades de viver e se mostra aos outros em toda a sua pujança. Ora acontece (é esta a sorte das cidades) que certos homens que fazem parte do corpo social aí vivem oprimidos e reprimidos. Tudo se passa como se eles não fossem visíveis. Estão na cidade mas não são reconhecidos. Então colocam-se eles próprios em estado de **stasis,** reunem-se, põem-se de pé (**levantam-se,** dizemos hoje), e mostram-se. Mostram a cara e manifestam o seu ser, repelindo aquilo que os reprime.

Stasis também designa tanto o estado de plena fruição como o próprio movimento que tende a realizá-lo. A nossa linguagem política guardou algo dessa antiga maneira de pensar. Falamos de «manifestações», de «insurreições» na ideia de que os reprimidos devem «erguer-se» para se darem a conhecer e para realizar o seu direito à fruição do próprio ser.

Para acabar com o léxico acrescentemos que os Gregos também chamavam **stasis** ao estado de agrupamento dos sediciosos, a facção dos contestatários; como se os reprimidos só associando-se se pudessem manter de pé. Nisto eles expõem justamente a sua diferença e violentam a ordem.

Desejo de matar, desejo de viver

Há sujeições na aparência fugazes e benignas, e que só exigem violências fúteis. Rasga-se a gravata ou atira-se um copo a uma parede, dá-se um pontapé no cão porque se encontra no nosso caminho, em dias em que

Teatro

A marquesa de Sade: teatro de inspiração japonesa na Ca

«É inocente o sonho.
Só a cabeça que sonha
Tem a culpa.
Emudecem os pássaros
As flores não florescem.
Mas é inocente o sonho.
Só o homem é culpado.»

ESTE um excerto poético da peça **«A Marquesa de Sase» representada na véspera do suicídio de Yukio Mishima,** assinado por Filipe la Féria, e em preparação na Casa da Comédia, o mais antigo teatro de bolso do país. Fundada em 1945 por Fernando Amado e Almada Negreiros, fixou-se em 1962 junto do Museu das Janelas Verdes numa carvoaria transformada para o efeito por José Almada, arquitecto, filho de Almada Negreiros.

Parte importante de uma geração teatral teve o seu aprendizado nesta casa, sob a orientação artística de Fernando Amado, como por exemplo Manuela de Freitas, Céu Guerra, Zita Duarte, Santos Manuel, Filipe la Féria e outros. Encenadores como Artur Ramos, Jorge Listopad, João Lourenço, Herlander Peyroteo, Morais e Castro montaram aí os seus primeiros espectáculos. Posteriormente, outros directores (Norberto Barroca, Augusto Sobral, Ricardo Pais e Fernando Heitor) obtiveram grandes êxitos com representações naquele teatro estúdio, onde, por sua vez, actores como Glicínia Quartin, Carmen Dolores, Augusto Figueiredo e Fernanda Alves tiveram interpretações únicas, algumas delas premiadas.

Filipe la Féria: — Interessa-me o discurso sobre o poder, as suas questões, no fundo algo que resta fortemente em mim tanto do Maio de 68 como dos tempos decisivos do 25 de Abril. No meu trabalho a angústia advém-me muitas vezes da impossibilidade de concretização daquilo que tanto estudei, pensei, sonhei. Há condicionalismos económicos que nem sempre permitem realizar algo uniforme, firme, alicerçado no investimento que fiz ao longo dos anos. Persisto, não desmoralizo, trabalho. Com muita dificuldade montámos espectáculos como o «FAZ-TUDO» e «A PAIXÃO SEGUNDO PIER PAOLO PASOLINI», grandes êxitos da Casa da Comédia aos quais não fiquei propriamente preso, mas que se tornaram alegrias por terem constituído experiências vivas. Nos meus trabalhos é constante o tema da **revolução total,** que entendo como a libertação do homem enquanto substância e ideia. O que se aprende de De Sade é que o corpo é lugar de poder. O que ele denuncia é a opressão.

Geração estrangeira

— Pertenço a uma geração que partiu muito cedo do país, uma geração que se refugiou, que sofreu e não o esquece. Em Portugal não encontrava satisfação profissional, não me sentia implicado no que aqui se realizava, atrofiado pelas limitações políticas que o fascismo nos impunha. Abandonei o teatro e parti para o estrangeiro. França e Inglaterra são ainda hoje as minhas influências culturais e teatrais.

A esquerda não consentida

— Impus-me ultimamente um ano de pausa como encenador e escrevi uma peça enquanto assumia a responsabilidade cenográfica e assegurava o funcionamento administrativo da Casa da Comédia. Surge assim esta peça que é uma experiência inteiramente pessoal. Escrevo o texto, enceno-o, cenografo-o.

Vou apostar numa coisa diferente, valorizando mais a palavra do que me é habitual. Tenho-me debruçado muito sobre o plano estético dos espectáculos, factor que permanece decisivo no meu modo de fazer teatro, o que julgo ter raízes na minha formação artaudiana. Sinto também a preocupação orgânica do actor, do seu corpo e da sua relação no espaço. Forma-se então um bloco, que por vezes é encarado com um sensacionalismo formal: sou acusado de minimizar o plano ideológico. O que se passa é que faço um teatro marginal ou mais precisamente de esquerda não consentida, no entanto, geralmente insusceptível de ataques por parte de gente responsável e o nosso largo leque de público mostra-o de sobejo.

Quem domina?

— Eu ligo o corpo social ao corpo de cada homem. Este é mais um espectáculo em que ponho questões sobre dominados e dominadores, discípulos e mestres, escravos e senhores. Como já disse **o corpo é lugar de poder** mas vou talvez mais longe ao concluir que o passivo e o activo de cada pessoa funcionam para mim conjuntamente e não de forma isolada. Isto só se verifica em situações limites; nas relações de sadismo entre os seres humanos. Quem domina? Mulher-homem? Amante-amado? etc.? Inclusive, pretendo estudar as próprias relações pessoa/actor e pessoa/personagem. A MARQUESA DE SADE é uma reflexão sobre a vivência e nela exponho por metáfora as minhas preocupações como homem de teatro, como elemento participante dum todo social e mais: a incidência do desejo.

Monsieur de Sade

— Sade aparece-nos hoje, acrescenta La Féria, como a própria figura da revolução social que põe fim à monarquia e dá lugar à república — e isso aparece-nos através do Sadismo — é seguramente que a sua obra faz agora efeito de real. Como se a res/pública fosse o corpo e a sua consciência o sexo; a escrita (ou a república) faz passar o corpo do estado de substância (que é monárquico) no grau do objecto manufacturado.

Acerca de Sade e para a escrita desta peça recolhi elementos dos quais talvez seja curioso registar que foi um escritor que passou grande parte da sua vida

stamos mal dispostos. Há sujeições brutais e persistentes que provocam violências devastadoras a prisão, os trabalhos forçados, as companhias disciplinares. Não se trata neste caso de copos nem de gravatas mas de rostos humanos que trazem a marca do mal de que se sofre e da humilhação que se sofreu.

Então pensa-se na morte, reforça-se o desejo de matar. Há as sujeições repetidas e banais do quotidiano: aquilo que todos os dias tem de se fazer sem que haja outra razão que não seja a exigência de recomeçar no dia seguinte para «viver». É recomeçar de novo. E um dia vem a vontade de quebrar todo esse peso. Vai-se pela estrada fora, foge-se à lei, pegam-se alguns fogos, por vezes simbólicos, por vezes reais. É-se deportado para a margem violenta do corpo social. Simplesmente para viver. Há, enfim, as sujeições mortais da escravatura e da fome. Estas causam outra violência que não olha a detalhes e não distingue rostos. Ela está para além de todo o desejo.

Estas observações triviais exigem uma certa reflexão. Quebrar um copo, degolar um guarda da prisão, resolver «dar o salto» para a margem onde vivem os mais pobres, e matar aí, e em seu nome, tantos quantos for preciso, não será aquilo que em boa retórica se chama uma «gravação»? «Cesteiro que faz um cesto faz um cento», todos o sabem. Deverei comentar que «Quem bate no seu cão está no caminho do assassínio?» Claro que não. Não há caminho neste caso. Não há caminho traçado com antecedência. **«A ocasião é que faz o ladrão»,** também se diz. A ocasião. Eis o que pede um exame no caso que nos ocupa.

E ocasião o que acontece quando não temos nada a ver com isso. E, no entanto, o que acontece corresponde a uma expectativa surda, a tal ponto que parece ser uma resposta. Assim surge por vezes a ocasião da violência. Algo como um apelo vindo da vizinhança. Pode ser um espectáculo insuportável: um prisioneiro arrastado, espancado com uma matraca; uma criança também espancada.

Pode ser uma palavra ouvida, um rosto que se entrevê. Um dia, ao meio-dia, numa praia, encontra-se alguém que não se conhece. O sol queima. A luz cega. A palavra fere. E eis que, de súbito, não há sol nem praia. Só existe o outro que está ali, e que está a mais. Tem-se, por acaso ou por hábito, uma pistola na algibeira. Dá-se um tiro. É a história do herói de Camus, **«l'Etranger»,** que matou por «nada».

Este «nada» vai, no entanto, revelá-lo a si próprio, nas suas possibilidades mais profundas.

O Estrangeiro estava pois a espera de algo que ignorava?

Sem dúvida. A conjunção fugaz da luz, do calor e do Outro (aqui chamado o **Árabe**) apontava para um vazio qualquer, uma falta que o Estrangeiro não conhecia, embora vivendo-o dia a dia, mas bem coberto por sinais que o escondiam. O mundo devia faltar-lhe de um lado qualquer que ele não via. E bruscamente, um dia de Verão, o mundo mostrou-se com toda a força da negação. Mostrou-se num rosto. E, perante esse rosto o Estrangeiro ausenta-se de si próprio. Tornar-se essa negação é o seu desejo. Um gesto basta. Um gesto de morte.

Assim surge por vezes a violência. Nenhuma decisão explicita anunciou a sua chegada.

E eu podia contar muitas histórias não imaginadas para o confirmar. Apesar dessa ausência de decisão algo decide então pelo homem que cede à acção violenta. Torna-se outro e para ele o mundo já não é o mesmo, tem uma rotura de que o acto de violência foi o sinal. Isto significa que o momento de violência também foi vivido como uma rotura, uma rotura do quotidiano, como se tudo o que é o preço da vida e o peso das coisas familiares se tivesse anulado num ponto e caisse no abismo. Momento de perda que, quem o vive, formula por vezes: **«Nao, decididamente não posso mais viver assim. Antes a morte.»**

Também lhe pode acontecer não pensar nada, não dizer nada.

Nestes casos só falará o seu gesto. Circunstância extrema onde se instala o terror na anulação da lei.

O peso imóvel da lei

Restam as violências maciças, lógicas, técnicas, tácticas.

Violência dos polícias, dos militares, das igrejas e dos partidos.

A sua enumeração teria pouco interesse. Vêm de longe. Parecem eternizar-se, são como que uma tradição. São do género imóvel — um bloco de chumbo que pesa toneladas de sofrimento infligido e de humilhação consentida.

Diz-se delas que exprimem o grau de coesão das comunidades humanas e a força das instituições que o mantêm. As leis repressivas constituem a forma usual de uma tal expressão.

Acontece (caso raro nas nossas sociedades avançadas) que essa força tome raiz e alimento no consenso dos cidadãos. Cada um deles exerce então sobre o outro ou outros a violência imóvel da lei que aceita. Quem quer que se afaste da lei comum é excluido do corpo social. A partir daí tudo é permitido contra ele. É contra ele que a violência se exerce. Torna-se móvel porque diz respeito a um «estrangeiro». Toda a violência, por mais mortífera que seja, será também justificada no que diz respeito aos «outros» por pouco que eles se apresentem como uma presa ou uma ameaça.

Neste caso tudo se passa como se a coesão interna da cidade só se pudesse manter através da possibilidade que ela tem de se desenvolver para o exterior. O estado de guerra é sempre potencial.

Acontece também que, à falta de um tal consenso, já não haja a violência imóvel da lei comum.

O tecido social rasga-se em certos pontos: lugares, de nós bem conhecidos onde a cidade parece tornar-se estrangeira a si própria. São os locais de vida difícil onde a lei parece ter-se desmoronado. Nesses locais alguém que suporta o peso imóvel da lei e das coisas «levanta-se», como se diz. Então reconstitui-se a relação dos dois polos da violência: imobilidade, mobilidade.

É a guerra, ainda a guerra, a que nasce da contra violência, a guerra esporádica dos revoltados. Da guerra diz-nos um velho pensador que ela é **«o pai de todas as coisas».** Não vamos gastar palavras à volta das que disse o velho Heraclito. Digamos simplesmente isto (que ele decerto não disse): toda a coisa que vive está bem firme na sua diferença. Ela é violenta no seguinte: afasta para se mostrar.

Violência imóvel que engendra a mobilidade. É certo com a cor que «mobiliza» o olhar. É certo com a orquídea, que mata aquilo de que vive. É certo com o «terrorista» que procura conseguir, num mundo que o renega, o local onde possa viver. É também verdade com as comunidades humanas a que chamamos «sociedades». Só que estas expõem-se teatralmente no espaço em que se juntam o móvel e o imóvel: um palco ainda chamado «história» onde a vida de uns é a morte de outros.

Assim a morte do jovem chinês supliciado era a vida do carrasco. Tudo voltava à ordem da violência imóvel no espectáculo do suplício oferecido por compaixão a alguns basbaques, um dia como os outros, numa praça banal, algures na China, outrora...

■

sa da Comédia

nas prisões francesas, antes da revolução na Bastilha e mais tarde no hospício de Charenton. A sua teoria ia muito além da mera especulação sexual ou da construção de intrigas romanescas mais ou menos eventualmente chocantes, e atingia os limites metafísicos em que era discutida sistematicamente a ideia de Deus e reivindicada para o Homem a soberania, ou a absoluta frieza na instauração duma lei num mundo sem ela, depois da destruição filosófica da teologia.

Mishima, Nô, Kabuki

— Mishima é um escritor, poeta, actor, encenador, dramaturgo japonês que, em circunstâncias insólitas, praticou o «harakiri (se-pu-kku)», a 25 de Novembro de 1970, frente às câmaras de televisão, os jornalistas e uma plateia de militares. Considerado nacionalista, era comandante duma seita secreta chamada **A Seita do Escudo.** Uma das suas obras mais conhecidas intitula-se «Madame Sade». É na inter-relação Sade-Mishima que o espectáculo se apoia enquanto texto, transformando-se também numa proposta para os actores que nesta encenação utilizam as técnicas do teatro NÔ e KABUKI. Para o levantamento do espectáculo estamos a transformar as estruturas cénicas da Casa da Comédia, transformando-a num teatro japonês e contamos com a colaboração do mestre Stobbaerts (artes marciais), Maria Cristina de Castro (professora de voz), José Júlio Lopes (particular original), Maria Helena Garcia (dramaturgia) e mestre Fernando Correia (maquinaria).

Teatro ritual

O NÔ é um género composto pela representação de mitos, contos e lendas de origem hindú, chinesa e japonesa. A invocação dos espíritos, a aparição espantosa de figuras divinas ou lendárias têm um forte impacto dramático. Nesta teofania encontramos a matéria-prima e os elementos principais do NÔ que era a arte da nobreza guerreira. O samurai desprezava a livre expressão dos sentimentos e é perante um tal público que acaba por tornar-se num teatro estilizado ao extremo que lembra uma cerimónia litúrgica mais do que uma diversão estética.

Teatro de actor

No KABUKI a interpretação dos papéis predomina a tal ponto que o texto e o autor passam para um segundo plano. Durante muito tempo que os actores nem sequer possuiam um texto escrito tal como a Commedia dell'Arte. O desenrolar da acção improvisava-se a partir de um tema. Mais tarde o texto passou a ser fixado e os actores consideravam-no como um ponto de partida que a cada representação interpretavam à sua vontade. Certas peças de Kabuki eram escritas por eles próprios. A estrutura era tão pouco rigorosa que se podiam separar certas cenas e representá-las fora do contexto, o que gerava os «Kabukiza» **que apresentavam três ou quatro êxitos seleccionados. A título de exemplo: Okuni, uma actriz antiga, enriquecia as suas danças com pequenos «sketches» dramáticos. Num deles aparecia travestida de português, com a cruz e o rosário, expressando o seu interesse por tudo o que era exótico, avançado para o tempo.**

As peças modernas deste género de teatro renunciam a música e a dança.

O estilo tradicional moderou-se um pouco e a acção passou a repousar inteiramente nos diálogos. No entanto esta arte japonesa permanece um receptáculo vivo dos mitos da religião e da história.

Nota: Foram utilizados elementos de Thomas Immoos — THEATRE JAPONAIS — Les Éditions de Bonvent Genève — 1974.

Maria Emília Correia

Ultima página Sete Ponto Sete

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos

AMORES DE SALAZAR

— curtametragem
— 35 mm/cor

Realização, argumento e montagem: Manuel Carvalheiro. **Fotografia:** Manuel Costa e Silva. **Truca:** José João. **Música:** António Victorino d'Almeida. **Som:** Mário Gast. **Interpretação:** Io Apolloni, Ondina Silva e Artur Mendes da Silva. **Produção:** Filmes Século XXI.

Duração: 12 minutos. **Rodagem:** 1981. **Não estreado comercialmente.**

Com uma ficha técnica onde avultam os nomes de Manuel Costa e Silva e António Victorino d'Almeida, **Amores de Salazar** é um filme a que se chamaria experimental se essa palavra não envolvesse conotações preciosas (Mekas, Warhol, Dwoskin...).

Daí que me pareça que a letra D, a tal pasta dos disparates, seja o sítio ideal para o arquivar.

Não chegando a tartamudear uma história e mal esquissando algumas cenas, **Amores de Salazar** não obedece a quaisquer regras de sintaxe: logo não enuncia qualquer discurso.

Também não cria um clima, uma tensão, um espaço visual ou sonoro, quaisquer sensações que não sejam a chateza.

E ao que vem Salazar no meio de tudo isto? Às tantas, há no filme dois planos do «Diário de Notícias» com um artigo de Norberto Lopes sobre os amores de Salazar. E há um breve diálogo entre Io Apolloni e Artur Mendes da Silva sobre isso. Pois. Também há uma curiosa sapateira que invade todo o filme. Daí a ilustração desta ficha.

Ruy Furtado é mestre António em «Uma Abelha na chuva»

FURTADO, Ruy
— actor

Ruy Gomes Furtado dos Santos nasceu em Lisboa, a 21 de Março de 1919.

Frequenta a Escola Comercial Patrício Prazeres onde tira o curso Complementar de Comércio. É empregado de escritório numa casa de representações de material fotográfico e trabalha no jornal «O Comércio de Víveres» dedicado a retalhistas de mercearia.

Ainda adolescente faz rádio como amador (Rádio Luso) e em 1936 ingressa no Conservatório cujo curso de actor termina em 1939.

Entretanto, em 1938, estreia-se no teatro, na empresa José Loureiro que, no Trindade, leva à cena «Outono» de Manuel Fragoso (enc. Carlos Santos). Daí transita para a companhia de Abílio Alves, dirigida por António Pinheiro, onde se encontra à data em que termina o Conservatório. Por razões de natureza económica aceita, em 1939, um emprego temporário no Grémio dos Retalhistas de Mercearia do Sul. Mas uma rápida ascensão no seio desse organismo levou-o a ficar. Só se demitiria vinte e cinco anos depois, em 1964.

A sua carreira teatral fica, assim, mitigada. Algumas tournées de Verão, peças de abertura de época, muita rádio, algum cinema e, mais tarde, televisão. «Um chapéu de palha de Itália» de Labiche (enc. António Pedro) no Teatro Apolo é a sua peça mais importante dos anos 40. Nos anos 50 está no Teatro do Gerifalto dirigido por António Manuel Couto Viana e, de 1957 a 1959, dedica-se por inteiro ao teatro. Vai para o Porto, para o Teatro Experimental, onde faz: 1957 — «A promessa» de Bernardo Santareno (enc. António Pedro), «A bilha quebrada» de Kleist (enc. Augusto Gomes), «É urgente o amor» de Luís Francisco Rebelo (enc. A. Pedro), «A morte de um caixeiro viajante», de

Ruy Furtado (ao centro) é Matias em «Silvestre»

Arthur Miller (enc. A. Pedro); 1958 — «O mar» de Miguel Torga (enc. A. Pedro), «O Morgado de Fafe amoroso» de Camilo Castelo Branco (enc. A. Pedro), «Volpone» de Ben Johnson (Enc. A. Pedro); 1959 — «A linda Inês», de A. Martins Janeiro (enc. A. Pedro), «O jogador» de Ugo Betti (enc. A. Pedro), «As guerras do alecrim e manjerona» de António José da Silva, o Judeu (enc. A. Pedro).

Nos anos 60 faz uma temporada no Teatro Nacional, está no Maria Matos (1969 — «Tombo no inferno» de Aquilino Ribeiro, enc. Igrejas Caeiro; 1970 — «A relíquia» de Eça de Queiroz/Sttau Monteiro, enc. Artur Ramos, «O inocente» de Calvo Sotelo, enc. José Osuña. Em 1971 faria «A Capital» de Eça de Queiroz/Artur Portela Filho (enc. Artur Ramos) no Grupo de Acção Teatral sediado no Villaret. Nesse início dos anos 70 passaria ainda pela companhia de Alexandre Vieira, no Teatro Laura Alves, para «Os porquinhos da Índia» (enc. Ribeirinho).

Entretanto, de 1970 a 1974, Ruy Furtado dirige o Grupo de Teatro da Casa de Pessoal da Sacor onde encena pela primeira vez (entre outros, «O doido e a morte» de Raul Brandão).

Após 1974 a carreira de Ruy Furtado só abranda por motivos de saúde. Mas, entre outros ainda há espaço para quatro peças na Cornucópia («Ah Kiu» de B. Chartreux e J. Jourdheuil, enc. Luís Miguel Cintra e um pequeno papel em «Tambores na noite» de Brecht, enc. Jorge Silva Melo, em 1976; «Woyzeck» de Büchner, enc. L. M. Cintra, J. S. Melo e Cristina Reis, em 1978; «Paragens mais remotas que estas terras» de Plauto, enc. L. M. Cintra, em 1979) e para «Ninguém» de Almeida Garrett/Maria Velho da Costa/Alexandre O'Neill (enc. Ricardo Pais) no Trindade (1978), «Baal» de Brecht (enc. João Lourenço) também no Trindade (1980) e «A classe dominante» de Peter Barnes (enc. Luzia Maria Martins) no Vasco Santana (1982).

No cinema Ruy Furtado começou cedo (no atribulado filme que inaugurou a Cinelândia, em 1944/45, **Sonho de amor** de Carlos Porfírio, que sucessivas disputas entre financiadores apoiantes de diferentes vedetas femininas haviam de fazer montar e remontar: o filme só estrearia em Agosto de 1948, no Ginásio). Mas é a partir dos anos 60 que o seu nome começa a ser notado e assíduo no cinema português.

Ruy Furtado é Domingos Botelho em «Amor de perdição»

FILMOGRAFIA: Sonho de amor de Carlos Porfírio (1944/45); **Cais do Sodré** de Alejandro Perla (1945); **Retalhos da vida de um médico** de Jorge Brum do Canto (1962); **O miúdo da Bica** de Constantino Esteves (1962); **Os verdes anos de Paulo Rocha (1962); 9 rapazes e 1 cão** de Constantino Esteves (1963); **Canção da Saudade** de Henrique Campos (1964); **Rapazes de Táxis** de Constantino Esteves (1965); **29 irmãos** de Augusto Fraga (1965; **Via Macau** de Jean Leduc (1965); **A cruz de ferro** de Jorge Brum do Canto (1968); **O ladrão de quem se fala** de Henrique Campos (1961); **Uma abelha na chuva** de Fernando Lopes (1968/71); **Amor de perdição** de Manoel de Oliveira (1976/78); **Cerromaior** de Luís Filipe Rocha (1979/80); **Oxalá** de António Pedro Vasconcelos (1977-/80); **Guerra do Mirandum** de Fernando Matos Silva (1978/80); **Dina e Django** de Solveig Nordlund (1979); **O conde Monte-Cristo** série TV de Denys de la Patellière (1979); **Silvestre** de João César Monteiro (1980/81); **Uma cidade como a nossa** série TV de Luís Filipe Costa (1980/81); **Le cercle des passions** de Claude d'Anna (1982).

Não é novidade dizer que uma cinematografia não existe sem actores secundários sólidos. Ruy Furtado é um deles. Na memória estão, claro, primordialmente os seus papéis de maior relevo: o cego de **Uma abelha na chuva,** o mestre António que conduz Marcelo ao assassínio; o colérico Domingos Botelho do **Amor de perdição** de Oliveira; ou aquele que é, talvez, o seu melhor trabalho até à data: o Doninha de **Cerromaior** que assombra todo o filme num misto patético de loucura, lucidez e desespero. Mas o velho lúbrico de **Dina e Django,** o capitalista de **Oxalá,** o fiel criado Matias de **Silvestre** ou o Raul de **Os verdes anos** são presenças que, mesmo quando diminutas no tempo, marcaram os filmes. Com um lastro de «verdade» profunda sem o qual não há cinema.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções
Av. João XXI, 6-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infantaria, 16-56-C - 1300 LISBOA

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
2RODAS
2vezes mais atenção!
circular é viver.